



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Luzia de Oliveira Pinheiro

**CYBERBULLYING EM PORTUGAL:
uma perspectiva sociológica.**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Luzia de Oliveira Pinheiro

**CYBERBULLYING EM PORTUGAL:
uma perspectiva sociológica.**

Tese de Mestrado Sociologia/ Desenvolvimento e Políticas Sociais

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor José Pinheiro Neves

Junho de 2009

Declaração

Nome:

Luzia de Oliveira Pinheiro

Endereço de correio electrónico: luzia.o.pinheiro@gmail.com

Telemóvel: 964869294

Número do Bilhete de Identidade: 12998557

Orientador:

Professor Doutor José Fernando Pinheiro Neves

Ano de conclusão: 2009

Designação do Mestrado:

Sociologia: desenvolvimento e políticas sociais

Título dissertação:

CYBERBULLYING EM PORTUGAL: uma perspectiva sociológica.

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 30 de Junho de 2009

Assinatura: _____
(Luzia de Oliveira Pinheiro)

Agradecimentos

A todas as pessoas, entidades e instituições que de alguma forma contribuíram para o bom termo deste trabalho, desde já o meu muito obrigada!

Pessoalmente vou valorizar todos os que me ouviram, aconselharam, deram o seu pequeno empurrãozinho, contribuíram com a sua opinião, discutiram comigo positivamente, me deram ânimo, me disseram que valia a pena e não me deixaram colocar por um minuto a hipótese de desistir, me criticaram construtivamente e, sobretudo, me deixaram pensar por mim mesma em momentos cruciais (mesmo que só para depois lhes dizer que afinal tinham razão).

Amigo muito paciente com o qual partilho, além do signo o gosto por cães, meu orientador incansável e com um sentido de humor absolutamente fabuloso, José Pinheiro Neves foi sem dúvida alguém fundamental para o bom termo deste trabalho. Desde a licenciatura até ao mestrado confesso o fascínio com que sempre o ouvi falar da Sociologia, debater ideias e dar apoio aos seus alunos. Assim, apoiou-me totalmente ao longo deste percurso, desde antes da escolha oficial do tema, da investigação e redacção deste trabalho, sempre demonstrou interesse face aos resultados que iam surgindo pouco a pouco e partilhou dos momentos de maior entusiasmo com o desenrolar da investigação. Debates, partilha de ideias e experiências e muito apoio moral pois este trabalho foi concluído com a sensação de que valeu a pena pois não se finda em si, abrindo as portas a mais investigações na área. E isso devo-o em larga escala a ele, que me fez ver mais além e seguir o instinto de investigadora.

A Maria Paula de Vilhena Mascarenhas cabe-me agradecer o apoio e a amizade com que sempre me brindou ao longo deste último ano e mesmo antes de definir sequer o tema. Sempre impecável e mesmo não sendo ela a orientar-me o trabalho, sempre me ajudou com opiniões, conselhos e a revisão atenta de algumas partes do trabalho. Repleta de sugestões de leituras e indicações práticas, a ajuda de Maria Paula Mascarenhas foi, sem dúvida,

apaziguadora e preciosa, pelo que obrigatoriamente lhe reconheço o profissionalismo e devido mérito neste trabalho.

Também a Albertino Gonçalves os meus mais sinceros agradecimentos, pela disponibilidade, interesse e todo o apoio com que sempre me brindou. A ele, Albertino, tenho em especial que agradecer a orientação que, desde o início do mestrado, sempre me cedeu, ajudando-me a decidir o tema que melhor se adequava aos meus interesses académicos e pessoais e fazendo-me ver que era algo que valia a pena investigar. Não me posso esquecer das fantásticas aulas de Práticas de Investigação em Ciências Sociais que influenciaram manifestamente algumas das escolhas metodológicas presentes neste trabalho.

Resta-me agradecer a Jean-Martin Rabot pelo apoio, sugestões de leitura, simpatia, sentido de humor fabuloso e pelas aulas interessantes em que fez trespassar uma visão mais ampla das teorias sociológicas e do contributo de autores como Maffesoli para as Ciências Sociais. A Ivo Domingues o meu muito obrigada pelas suas opiniões, conselhos e conversas acerca deste trabalho, que levaram ao enriquecimento teórico desta dissertação. A Helena Machado agradeço ainda as aulas de Justiça e Reinserção Social, que me ajudaram a melhor entender o impacto do cyberbullying na sociedade. Agradeço ainda a simpatia e o apoio que sempre disponibilizou. Por fim, a Joel Felizes eu tenho a agradecer, além da simpatia, algo muito concreto: foi ele que, nas suas aulas, me fez entender que a minha área de mestrado (Desenvolvimento e Políticas Sociais) é realmente muito mais ampla e flexível que nos permite uma visão muito lúcida dos problemas sociais.

Agradeço ainda a todas as pessoas da delegação da Polícia Judiciária de Braga com as quais mantive contacto, pela ajuda prestada, simpatia, disponibilidade e profissionalismo demonstrados.

Agradeço ainda aos membros do grupo AGIR da Universidade do Minho, do qual faço parte, as conversas, debates e troca de ideias, assim como o apoio total enquanto grupo. Porque o AGIR é mais que um grupo: é uma união de pessoas em estrutura horizontal com a qual se pode contar em todas as ocasiões. Ainda à associação Agora Bracarense, da qual também faço parte, agradeço a viagem ao Reino Unido e a participação no *TC: Paparazzi Youth*

Projects, que foi uma inspiração no meu gosto pela Sociologia da Comunicação.

Para finalizar, agradeço aos meus informadores privilegiados (os quais solicitaram o anonimato) e aos meus amigos sempre presentes: Pedro Manuel Soares, Andreia Filipa Vieira e Susana Costa. Aos meus pais, Maria Ausenda Rodrigues de Oliveira Pinheiro e Ernesto Esteves Pinheiro, a presença constante. Às minhas cadelas: Pitufa, Fifi e Tery-Bell, pela presença, alegria e energia que me transmitem.

Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica

Resumo

A dissertação consiste num estudo exploratório sociológico do fenómeno do cyberbullying entre os jovens portugueses universitários. Na sua componente teórica, faz uma exploração dos conceitos de bullying, cibercultura e cyberbullying, passando pela questão de como estudar o cyber, onde se avança com um modelo epistemológico, adoptando fundamentalmente o contributo fundamental de Gregory Bateson no estudo deste fenómeno emergente. Demonstrando a importância do desenvolvimento do conceito de quadro de interacção, sublinha-se a ambiguidade na comunicação entre seres humanos, defendido por Gregory Bateson. Neste sentido e ainda sob a influência de Bateson, é adoptada neste trabalho uma perspectiva interdisciplinar que inclui a psicologia social e a sociologia da comunicação. Tendo em conta que os fenómenos emergentes são de difícil estudo, foi adoptada uma estratégia de investigação combinando técnicas qualitativas e quantitativas que incluíram observação, grupos focais, entrevistas e inquérito.

Assim sendo, este trabalho, cujo objectivo passava por explorar e definir as características do cyberbullying em Portugal, analisa o comportamento dos jovens universitários face ao mesmo, em termos de informação, atitudes e crenças mostrando que existe uma grande ambiguidade na forma como o fenómeno é visto e praticado.

Cyberbullying in Portugal: a sociological perspective

Abstract

The dissertation is an exploratory study of the sociological phenomenon of cyberbullying among young Portuguese students. In its theoretical component, is an exploration of the concepts of bullying, cyberbullying and cyberculture, by studying the question of how cyber, which moves with an epistemological model, adopting essentially the fundamental contribution of Gregory Bateson in the study of this emerging phenomenon. Demonstrating the importance of developing the concept of a framework for interaction, it underlines the ambiguity in communication between humans, defended by Gregory Bateson. This and still under the influence of Bateson, is adopted in this work an interdisciplinary perspective that includes the social psychology and sociology of communication. Since the emergent phenomena are difficult to study, we adopted a research strategy combining qualitative and quantitative techniques that included observation, focus groups, interviews and investigation.

Thus, this study, whose aim was to explore and define the characteristics of cyberbullying in Canada, examines the behaviour of young graduates face the same in terms of information, attitudes and beliefs by showing that there is great ambiguity in how the phenomenon is seen and practiced.

Índice geral

Introdução	11
I Parte: Triângulo conceptual	14
1. Bullying	15
2. Cibercultura	20
3. Cyberbullying	29
II Parte: Enquadramento teórico	39
1. A questão do cyber	40
2. Bateson e os quadros de interacção	47
III Parte: Práticas metodológicas e dados empíricos	59
1. O início.....	60
2. Definição da estratégia metodológica	60
2.1 Observação	63
2.2 Entrevistas focais (focus group)	69
2.3 Informantes privilegiados e conversas informais.....	72
2.4 Inquéritos exploratórios	73
2.5 Entrevistas	80
2.6 Inquéritos por quotas.....	90
2.6.1 <i>Caracterização dos inquiridos</i>	93
2.6.2 <i>Hipóteses e análise de dados</i>	100
IV Parte: Conclusões	110
1. Interpretação dos dados obtidos com a investigação qualitativa e quantitativa	111
2. Síntese final	118
Bibliografia	124

Índice de Quadros

Quadro 1: Por que se pratica bullying?	17
Quadro 2: o que é a cibercultura?	20
Quadro 3: Praticar cyberbullying: com que meios?	32
Quadro 5: Metacomunicação	53
Quadro 6: Práticas de cyberbullying pelos 10 observandos:.....	68
Quadro 7: Distribuição dos inquiridos por localização.....	74
Quadro 8: Sub-escalas e questões associadas	93
Quadro 9: Distribuição dos inquiridos segundo os grupos etários.....	93
Quadro 10: Distribuição das idades dos inquiridos	93

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Fases da componente prática	62
Gráfico 2: Os tipos de utilização da Internet.....	68
Gráfico 3: Tipo de utilização que os indivíduos fazem da Internet	74
Gráfico 4: Experiências pessoais relativamente ao cyberbullying.....	75
Gráfico 5: Frequência com que os inquiridos admitem ser vítimas de cyberbullying	76
Gráfico 6: Práticas de cyberbullying pelos inquiridos	77
Gráfico 7: Atitudes dos inquiridos caso se deparassem com um caso de cyberbullying	78
Gráfico 8: Porque se pratica cyberbullying?.....	79
Gráfico 9: Tipo de utilização da Internet face aos grupos etários.....	94
Gráfico 10: Distribuição dos inquiridos face ao curso	95
Gráfico 11: Distribuição dos inquiridos face aos anos de utilização da Internet	95
Gráfico 12: Distribuição do número de horas que os inquiridos passam na Internet por semana	96
Gráfico 13: Relação entre o tempo despendido na Internet por semana e o tipo de utilização da Internet	97
Gráfico 14: Distribuição do tempo despendido na Internet por semana em relação ao sexo dos inquiridos	98

Gráfico 15: Distribuição do tempo despendido na Internet por semana face ao grupo etário dos inquiridos	99
Gráfico 16: Distribuição do número de horas despendidas na Internet por semana consoante o sexo dos inquiridos.....	101
Gráfico 17: Níveis de informação, atitudes e crenças dos jovens consoante o tipo de utilização que fazem da Internet	104
Gráfico 18: Sub-classes informação, atitudes e crenças segundo o tipo de utilização da internet e o sexo dos inquiridos	105
Gráfico 19: Sub-classes informação, atitudes e crenças segundo os grupos etários e o sexo dos inquiridos	107

Introdução

Muitos sociólogos valorizam a experiência pessoal na escolha dos temas de investigação (Stacey 1982). Foi também a união da minha formação académica com experiências pessoais significativas que levou à escolha deste tema. Estávamos no ano de 2007 quando, ao ler um artigo de uma revista científica, algo me despertou o interesse. Esse algo era um fenómeno bem conhecido mas cuja terminologia não era assim tão familiar: o bullying. Nesse artigo falava muito em geral das vítimas deste fenómeno, que sofriam além das humilhações da parte dos colegas, da indiferença com que os adultos as brindavam. Nesse sentido, explorei melhor o tema no âmbito do meu relatório de estágio da licenciatura em sociologia, já tendo em vista seguir esta linha no mestrado. O mestrado surgiu e com ele também alguns contactos com outras realidades nomeadamente as novas tecnologias digitais que escondem, nos seus confins, histórias que nem sempre são positivamente educativas. Numa das plataformas de jogos online que frequento, deparei-me com casos de vinganças, insultos e até ameaças. Em sites de socialnetwork, como o Hi5, os casos de páginas falsas são inúmeros. Entre jogos e viagens na Internet, dei comigo no meio de um workshop sobre “social software” na Universidade do Minho, com Adrian Mackenzie, que me trouxe novas luzes sobre esta realidade. Quase ao mesmo tempo surge na televisão um caso identificado como cyberbullying, a continuação do bullying escolar com recursos às novas tecnologias, concretamente o caso Carolina Michaelis.

Se inicialmente tinha pensado em continuar o estudo sobre o bullying, porque não me envolver sobre a nova vertente agora a despontar? No entanto algumas questões me assaltaram, concretamente se haveriam meios suficientes para levar tal estudo avante num contexto de mestrado. Alguns meses se passaram e, em 2008, vi que era possível e desejável estudar o cyberbullying.

Assim sendo, dividiu-se este trabalho ao longo de quatro partes, duas das quais dedicadas à parte teórica e as outras duas à parte prática da dissertação de mestrado. Na I Parte, é apresentado o triângulo conceptual ao longo de três capítulos, cada um deles referindo-se aos conceitos base do trabalho. O 1º capítulo é dedicado ao tema do bullying em que se define o conceito e se explicam as suas características. É também neste capítulo que se descreve o processo que deu origem ao cyberbullying como sendo uma evolução do bullying escolar. De seguida, ao longo do capítulo 2, fala-se essencialmente acerca da cibercultura, que faz a ponte entre o bullying e o cyberbullying. Neste capítulo, além de se elucidar acerca de como surgiu a cibercultura e no que consiste, caracteriza-se também em termos da evolução histórica. Uma vez feita a ponte entre o bullying e o cyberbullying, é tempo de falar abertamente acerca deste último conceito que é o central neste trabalho. É precisamente ao longo do capítulo 3 que tal é feito. Começando pelo surgimento do fenómeno, fala-se da primeira pessoa que se crê ter estudado o cyberbullying, exploram-se as suas características e debate-se acerca do que pode ou não ser entendido como cyberbullying. Ainda neste capítulo são igualmente indicados as características do cyberbullying, no que consiste em concreto, o tipo de práticas, os meios pelos quais pode ser praticado, os níveis que pode apresentar (consoante os tipos de caso), os factores que facilitam a prática de cyberbullying e como se converteu num problema mundial, tal como se caracteriza o tipo de pessoas que praticam cyberbullying e que distúrbios lhes estão associados. Para terminar este capítulo, explica-se como o cyberbullying é visto aos olhos da lei tendo como fonte a Polícia Judiciária e faz-se a explicação da evolução do cyberbullying em termos cronológicos por estádios: desde o pré-cyberbullying ao actual bullying digital.

Na II Parte do trabalho, que se divide em dois capítulos, é feito o devido enquadramento teórico. No primeiro capítulo, aborda-se a questão do cyber, desde o surgimento da Internet até ao modo devem ser estudados, sendo também sugerido um modelo epistemológico. Por sua vez, no capítulo 2 da II Parte, depois de se analisarem alguns conceitos base da psicologia social, considera-se pertinente sublinhar o contributo de Gregory Bateson. É feita uma elucidação de como os trabalhos desenvolvido por este autor podem ser

aplicados ao estudo e entendimento de fenómenos tão complexos como o cyberbullying, que envolvem processos de interacção.

A III Parte do trabalho que se divide em três capítulos é exclusivamente dedicada às componentes práticas do trabalho e à apresentação dos dados recolhidos. No primeiro capítulo desta parte, é revelado todo o caminho percorrido até ao meu envolvimento com o tema (cyberbullying), o que me motivou, que eventos proporcionaram a escolha deste tema, enfim, o percurso desde a descoberta do conceito ao início da corrente dissertação de mestrado. No segundo capítulo da III Parte, é definida a estratégia metodológica a seguir, bem como a distribuição das diversas tarefas ao longo das fases do projecto. De seguida faz-se a apresentação das técnicas utilizadas seguidas dos resultados obtidos na aplicação de cada uma, sendo que para isso se procedeu à subdivisão deste capítulo em seis subcapítulos. Cada um destes seis subcapítulos corresponde à apresentação dos resultados tendo em conta a técnica utilizada: observação (2.1), entrevistas focais (2.2), informantes privilegiados e conversas informais (2.3), inquéritos exploratórios (2.4), entrevistas (2.5) e inquéritos (2.6). Este último subcapítulo (2.6), dada a sua extensão e de modo a tornar mais fácil a leitura, subdivide-se em duas partes, sendo que na primeira (2.6.1) é feita a caracterização dos inquiridos e na segunda (2.6.2) são apresentadas as hipóteses de trabalho e analisados os dados referentes aos inquéritos por questionário.

Por fim, na IV Parte, que foi dividida em dois capítulos, são descritas as conclusões específicas e gerais de todo o trabalho (teórico e prático). No primeiro capítulo apresentam-se as conclusões da parte prática do trabalho fazendo-se a interpretação dos dados obtidos através da investigação qualitativa e quantitativa, relacionando alguns aspectos com a parte teórica, sendo que o segundo capítulo é dedicado às conclusões gerais da obra (síntese final).

I Parte:
Triângulo conceptual

1. Bullying

Certamente já todos ouvimos falar de bullying. Quer através dos meios de comunicação social, quer por leituras que eventualmente tenhamos feito. Muitos de nós talvez até tenham conhecido este fenómeno mais de perto, nos seus tempos escolares (bullying escolar) ou mesmo no local de trabalho (bullying laboral/*mobbing*). Esta expressão, de origem inglesa, designa todos os actos de violência e atitudes agressivas desde que intencionais e repetitivas (Abrapia, 2006; McCarthy, Sheehan, Wilkie e Wilkie, 1996:50), tendo sido adoptada pela língua portuguesa dada a sua complexa tradução.

Como foi referido no parágrafo anterior, existem dois tipos de bullying: o escolar que, tal como o próprio nome indica, é aquele que ocorre nas escolas, e o laboral, também conhecido como *mobbing*, que é aquele que acontece no local de trabalho. O bullying laboral, que muita curiosidade suscita, pode definir-se como actos de violência moral e psíquica no trabalho, de carácter sistemático e que causam a degradação das condições de trabalho, levando muitas pessoas ao ponto de procurar novo emprego (Pinheiro, 2009: 5; Corradini, 2004). Manifestando-se com relativa frequência, o *mobbing* atinge apenas a população activa, ou seja, os adultos com menos de 65 anos¹. As suas causas são variadíssimas (tal como se verifica no bullying escolar) mas normalmente relacionam-se directamente com dinheiro e/ou preconceito (Corradini, 2004).

O bullying laboral, por atingir apenas a população adulta, acaba por não interferir tanto na génese da concepção que o indivíduo tem de si mesmo, ao contrário do bullying escolar que atinge crianças e jovens em fase de definição e construção da personalidade. À partida, subentende-se que uma grande parte dos adultos já possua as defesas e maturidade necessárias para lidar assertivamente com o bullying. Não estando a desconsiderar o sofrimento por que uma vítima de *mobbing* possa passar, pretendo apenas justificar a centralidade deste projecto sobre o bullying escolar e cyberbullying. Salienta-se também, como justificativa, a crença de que a maioria dos esforços deve

¹ Idade da reforma.

começar pela base. É moldando e dando assistência à base, crianças e jovens, que se propiciam condições para a mudança. Tal como todos nós sabemos, as crianças de hoje são os adultos de amanhã. Portanto deve ser aqui que a maioria dos esforços deve ser concretizada. Além de que as crianças, os adolescentes e mesmo os jovens adultos² são aqueles em quem os efeitos e consequências do bullying são mais drásticas. Não podemos esquecer que estes indivíduos ainda se encontram em fase de aprendizagem e construção da sua própria identidade, pelo que, se ainda não possuem as defesas necessárias (porque ainda as estão a construir) para lidar com este tipo de situação, logicamente serão mais abalados por ela do que alguém que já possua essas defesas. Deste modo, mais uma vez é reforçada a ideia de que para haver mudança se deve começar pela base (a criança) e ir caminhando lentamente para o topo (os adultos). E é precisamente isso que se pretende com este trabalho: fornecer as bases para uma longa caminhada no sentido da mudança.

Regressando ao conceito de partida, o bullying, abrangendo todos os actos de violência que sejam premeditados com o intuito de denegrir a imagem da vítima, apresenta um carácter de continuidade pelo facto de conferir ao seu autor uma sensação de poder e à vítima a imagem de “mau da fita” (Abrapia, 2006; McCarthy, Sheehan, Wilkie e Wilkie, 1996: 5).

Convém frisar que o bullying nem sempre começa como bullying. A maioria das vezes começa com actos menores, mais simples, como é o caso da vingança ou gozação. Imaginemos o seguinte: um adolescente, por um motivo qualquer, decide que vai vingar-se de outro, ou simplesmente meter-se com ele e fá-lo. Até aqui não estamos perante um caso de bullying. No entanto, este adolescente, pelo simples facto de se ter metido com outro, experimentou uma sensação de poder, pois naquele momento ele sentiu que era admirado pelos seus colegas e mais forte que a vítima. Assim, o adolescente que, no princípio, apenas fez aquilo por fazer, quer voltar a experimentar aquela sensação de poder e começa a praticar bullying continuamente. Ou seja, faz da agressão à vítima um hábito, que não irá mais parar até que algo quebre aquela rotina. No meio disto temos a vítima, que, a maioria das vezes é vista como aquela que provoca toda a situação (Abrapia, 2006; McCarthy, Sheehan,

² Por jovens adultos consideram-se todos os indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, inclusive.

Wilkie e Wilkie, 1996:51). Este é precisamente um dos motivos porque mais se pratica bullying escolar.

No seguinte quadro podemos observar o resultado de um estudo feito numa escola secundária australiana, onde foram inquiridos 2158 rapazes e 1884 raparigas acerca do que os motivava a praticar bullying aos colegas.

Quadro 1: Por que se pratica bullying?

Motivo	Rapazes (%)	Raparigas (%)³
<i>Sentir-se bem consigo mesmo</i>	15,4%	9,6%
<i>Ser admirado/a pelas outras crianças da escola</i>	23,4%	14,5%
<i>Evitar ser vítima de bullying</i>	35,6%	26,8%
<i>Demonstrar aos outros que é resistente/forte</i>	39,3%	31,2%
<i>Sentir-se melhor que os outros</i>	47,1%	40,3%

Fonte: McCarthy, Sheehan, Wilkie e Wilkie (1996)

Para além daquilo que o agressor pretende conseguir agindo de forma violenta para com os seus colegas, o que mais o motiva a ser assim? Os aspectos mais relevantes a assinalar são: porque foram acostumados a que todos façam as suas vontades; porque não se sentem bem com as outras crianças; porque se sentem inadequados ao contexto escolar e procuram, por este meio, integrar-se (ao serem temidos); porque, em ambiente familiar, são maltratados e vêm na escola o escape da frustração e revolta reprimidas; porque foram abusados de alguma forma anteriormente; porque os adultos os humilham constantemente e/ou porque os encarregados de educação os pressionam para que tenham elevado sucesso escolar (Abrapia, 2006; McCarthy, Sheehan, Wilkie e Wilkie, 1996:49).

A verdade é que a vítima é sempre o elo mais fraco desta corrente. Corrente, pois desde que o bullying escolar ocorre, todos são arrastados para o meio, seja como agressores, como vítimas ou como testemunhas. Ora a vítima é de todos o que mais sofre com tudo isto: desde as agressões às humilhações, passando pela perda de auto-estima e até mesmo pela depressão. No entanto, a vítima não é apenas vítima dos bullies, que são aqueles que praticam bullying, mas também da indiferença com que os de fora

³ Os valores deste quadro não dão 100% uma vez que as respostas são de escolha múltipla.

a olham, sejam eles testemunhas ou o adulto a quem a criança solicitou ajuda e não obteve.

Incentiva-se a vítima a denunciar o agressor, mas nem sempre isto dá resultado, pois tudo depende da sensibilidade do receptor da queixa. Nestes casos, o que por vezes acontece é a inversão de papéis: a vítima é vista como sendo o agressor e o agressor como sendo a vítima de toda a situação, pois estão a denegrir a sua imagem ao acusá-lo de tal acto (Carvalhosa, Lima e Matos, 2001). As testemunhas são as que desempenham o papel mais neutro nesta trama: nem fazem, nem impedem, apenas observam.

O bullying escolar é algo que existe desde que há crianças no mundo. Porém a sua existência só foi entendida a partir do momento em que a violência no meio escolar foi vista por Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen – Noruega, como algo não natural e típico do crescimento da criança/adolescente, mas sim como algo capaz de provocar o suicídio de jovens (Abrapia, 2006). Contudo, ao contrário do que seria esperado, as investigações de Olweus não suscitaram interesse imediato por parte das instituições. Houve um facto, na década de 80 do século XX, que levou as instituições a interessar-se sobre este problema: o suicídio de três rapazes, na Noruega, com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos. A partir daí, tem início uma longa luta pela descoberta, identificação e combate ao bullying, pois, tal como defende Almeida, docente na Universidade do Minho e membro da Comissão Europeia do Combate ao Bullying, este problema não se resume a conflitos acidentais, mas a situações reiteradas (cit. in Cortellazzi, 2006:1). A primeira campanha anti-bullying foi levada a cabo, precisamente, na Noruega, em 1993: a *Campanha Nacional Anti-Bullying* (Abrapia, 2006).

Sendo mais expressivo nas escolas públicas, o bullying atinge também as escolas privadas, sendo o recreio o local onde mais se pratica. Ora, o bullying escolar surge, assim, da tentativa do agressor (Abrapia, 2006; McCarthy, Sheehan, Wilkie e Wilkie, 1996:49):

- Conquistar força e poder;
- Tornar-se popular;
- Dissimular o próprio medo ao amedrontar os colegas,
- Mostrar que é superior aos colegas, aterrorizando-os.

Convém aqui esclarecer que a existência de vários tipos de bullying (Pinheiro, 2007):

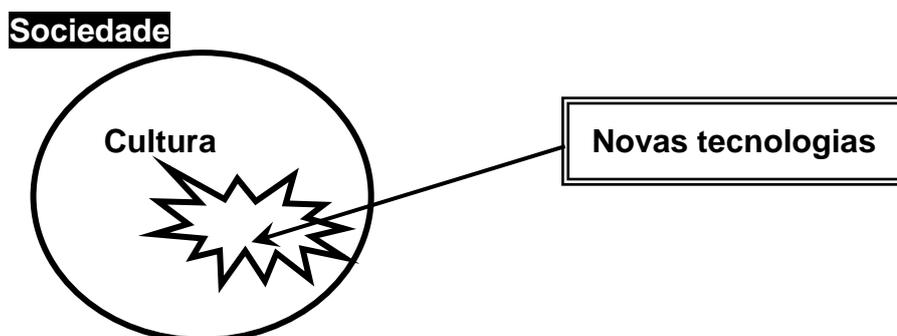
- **O físico** – relacionado com o bullying feito por meio da agressão física,
- **O social** – como sendo o bullying feito por meio da negação da integração em grupos e actividades (pôr de parte),
- **O psicológico** – que é o bullying feito a partir de insultos e humilhações.

Podemos agora acrescentar o cyberbullying que se apresenta como o bullying exercido por meio das novas tecnologias, mas não só. É precisamente sobre a emergência deste último que este trabalho se centra. Mas antes de passarmos ao cyberbullying, vamos fazer uma paragem sobre aquilo que permitiu esta evolução, introduzindo aqui o conceito de cibercultura.

2. Cibercultura

Vivemos num mundo de comunicação constante, em que se perde a noção dos fusos horários e da distância que separam os corpos. Num mundo moderno, onde a tecnologia quebra barreiras espaço-temporais, surgiu o conceito de cibercultura, que podemos definir como sendo a forma sociocultural resultante da tríade sociedade, cultura e novas tecnologias, que podemos ver no seguinte quadro (2):

Quadro 2: o que é a cibercultura?



Assim sendo, podemos ver a cibercultura como a nossa cultura, pautada pela utilização das novas tecnologias, dando-nos cada vez mais a sensação de habitar em uma aldeia global (Lemos, 2003:1). A cibercultura torna-se assim parte do nosso quotidiano.

A cultura foi então conquistada pelas novas tecnologias. Estas podem ser encontradas em todo lado e vieram dar resposta à necessidade de comunicação com todo o mundo que sentimos. A introdução das novas tecnologias no quotidiano foi por isso tão natural que praticamente nem a questionámos. Estamos e somos habituados a lidar com o negócio cinematográfico, fotográfico e mediático, entre outros. Isso fez com que tal se tornasse parte da nossa cultura. Uma vez inserido na nossa cultura, é natural que os jovens recorram aos "objectos" digitais para praticar bullying. Simplesmente porque se temos fácil acesso a isso, porque não aproveitar? Tal

como diz Bateson no seu livro *Metadiálogos* (1989: 15): “ *as coisas acontecem de determinada maneira porque há mais possibilidades de acontecerem dessa maneira*”.

Talvez seja conveniente fazer uma elucidação face ao prefixo “cyber” (ou “ciber”). Esta designação existe tão-somente pelo facilitismo de situar este fenómeno historicamente. Tal prende-se com o princípio de identificar as épocas históricas segundo os seus artefactos predominantes, neste caso as novas tecnologias, como o telemóvel, a Internet, o computador, as máquinas fotográficas e de filmar, entre outros (Lemos, 2003:2). Ora, as novas tecnologias foram identificadas por meio do prefixo ciber dada a sua ligação à cibernética, pois foi o seu domínio que possibilitou o desenvolvimento das novas tecnologias. Assim sendo, podemos definir a cibernética como sendo a ciência que estuda a comunicação e controlo das máquinas (Wikipédia, 2008). A cibernética é assim responsável pelo tratamento dos processos de codificação e decodificação da informação, neste caso pelo código binário de 0 e 1 com que trabalham os telemóveis, computadores e restante material tecnológico. Ao desenvolver o entendimento e, assim, a aprender a controlar a máquina, foi possível a criação, expansão e aperfeiçoamento das novas tecnologias a que hoje tão facilmente temos acesso. Nesta lógica, se os artefactos predominantes na nossa Era são as novas tecnologias, o ciber, a cultura de hoje deve ser chamada de cibercultura. Deste modo, podemos dizer que, da união das novas tecnologias com a nossa actual cultura, emanou a cibercultura (Lemos, 2003).

Porventura a cibercultura não se limita a ser uma mera consequência do desenvolvimento tecnológico, mas uma mistura deste com as mudanças sociais ocorridas ao longo do passado século XX, especialmente nos anos 70 porque nesta altura emergiram novos modos de socialização (Lemos, 2003:2). As novas tecnologias desenvolveram-se gradualmente e, ao lado, o homem caminhou. A união do homem com as novas tecnologias deu-se e criaram-se relações nunca imaginadas entre o homem e a máquina, o homem e os outros homens e entre o homem e o mundo. Com o estreitamento da relação do homem com as novas tecnologias quase se pode afirmar que estas são a continuidade do homem. A continuação do homem que põe fim físico às

tradicionais barreiras espaço-temporais que limitavam os processos de comunicação.

Ora, como é do conhecimento geral, todas as formas de comunicação envolvem relações de poder. Desde tempos imemoriais que se conhece no emissor, relativamente ao receptor, o domínio da situação. No entanto, actualmente o receptor encontra um pouco mais de poder, uma vez que, com as novas tecnologias, ele consegue aceder a um espaço antes não acessível: o da informação e comunicação em massa. Assim, hoje em dia, o receptor pode comentar e também ele partilhar informações, bens culturais e comunicar sem barreiras, adoptando o duplo papel de receptor e emissor.

A nossa cultura, ou por outras palavras, a cibercultura tal o permite. É o que Henry Jenkins (2006) designa por cultura participativa, na qual as pessoas têm oportunidade de seleccionar os bens culturais que mais lhes agradem para conhecer e dar a conhecer, dando assim uma preciosa ajuda no desenvolvimento cultural.

Vão-se juntando assim pedaços de conhecimento, partilhando-se informação e criando-se o que se designa como inteligência colectiva. Um fórum ou um grupo online são espaços privilegiados onde a inteligência colectiva é criada e desenvolvida. Cada um junta mais um fragmento de informação e pouco a pouco vai-se formando um todo de conhecimento.

Tudo isto é cultura, partilha e saber. Não existem aparentemente barreiras nem limites no processo de produção de inteligência colectiva nem da cibercultura, que é tudo isto. É precisamente a isto que Jenkins (2006) e Castells (1999) se referem nas suas obras.

No entanto, para Castells (1999), esta inteligência colectiva tem um custo: não se encontra acessível a todos. É do conhecimento geral que para se ser um ciberteórico (um produtor de cibercultura e inteligência colectiva) é necessário ter acesso a, pelo menos, um computador ligado em rede, ou seja, com Internet. Claro que hoje em dia isso é relativamente simples. Em qualquer escola os alunos têm acesso a computadores e à Internet. Fora das escolas, para estudantes e não estudantes, existem sempre os conhecidos cibercafés e bibliotecas municipais onde, por um uma quantia bastante acessível, se pode usar a Internet por um limitado período de tempo.

Com um acesso mais ou menos limitado, caso se possua em casa um computador ligado em rede, cada utilizador poderá recorrer a estas ferramentas da forma como mais lhe convier e pretender. Assim sendo, constatamos a nossa entrada na longa criação e manutenção da nossa sociedade da informação e comunicação. E foi justamente pela necessidade de comunicação (em todos os sentidos e sob todos os temas) que a cibercultura veio dar resposta, ao possibilitar o “estar aqui” e comunicar com alguém do outro lado do mundo.

Os telemóveis e a Internet são, efectivamente, as ferramentas que mais se usam para isso (comunicar), dando-nos a ideia de comunicarmos e interagirmos em tempo real e retirando-nos a noção da distância geográfica. Além disso ajudaram a disseminar o conhecimento de forma generalizada. Mas a Internet não pode ser vista aqui como aquilo que veio possibilitar todas estas mudanças, mas como algo que contribuiu para aumentar as expectativas relativamente ao potencial das novas tecnologias.

Assim sendo, a nossa sociedade caracteriza-se pela instantaneidade e pela conectividade, cabendo-nos a nós decidir com que tipo de conteúdos nos queremos envolver. Este tipo de acção tem vantagens e desvantagens ao criar formas de pensar e de falar próprias. Deste modo, a instantaneidade da Internet inibe um pouco a reflexão ponderada sobre um assunto e potencializa o comentário espontâneo na emoção do momento. A grande vantagem disto é que qualquer um de nós, desde o surgimento da Web 2.0, o pode fazer, desde que ligado em rede (Lemos, 2003).

A conhecida Web 2.0 é precisamente a evolução da Web 1.0, a qual, para utilizar requeria formação, pelo que só certos grupos de pessoas a poderia utilizar em todo o seu potencial. Por sua vez, a Web 2.0, que surgiu acompanhando a evolução tecnológica, mais concretamente da união do socialsoftware com o artefacto sócio-técnico (Pérez e Galiano, 2009), veio superar essa limitação e tornar a Internet acessível ao utilizador comum, podendo este criar conteúdos e comunicar massivamente sem necessidade de formação prévia.

Com a ampliação do número de utilizadores comuns, também a linguagem utilizada neste meio evoluiu. Deixou de ser unicamente utilizada uma linguagem técnica, incompreensível ao utilizador comum, passando a co-

existir com tipos de linguagem menos estruturados, mais repletos de significado, simbolismos e ricos em expressões-tipo (por exemplo a expressão “lol” e o símbolo :-) que significa rir) muito características do utilizador comum. Podemos então dizer que existe uma linguagem própria ligada a este mundo das novas tecnologias, que, para quem está de fora, se revela complicada de entender uma vez que reproduzem as relações que os cibernautas mantêm, como também o próprio contexto em que se desenrolam.

A esta febre da comunicação alia-se a conversão do computador pessoal num instrumento colectivo por estar ligado em rede (Internet). Neste contexto, surge o conceito de ciberespaço, que vem designar, materialmente, o conjunto de computadores ligados em rede.

No entanto este conceito vai muito mais além disso. Vai mais além do material. O ciberespaço é aquilo que se criou ao ligar os computadores em rede: é a relação estabelecida entre os cibernautas. Assume-se aqui também a formação de uma consciência colectiva entre os utilizadores da Internet em relação com uma dinâmica social própria e independente da dinâmica social da nossa sociedade de pertença. Tudo isto é o que nos possibilita o ciberespaço.

De facto, actualmente, o ciberespaço não se reduz à Internet. O ciberespaço é muito mais. É aquilo que se criou quando utilizávamos os computadores para aceder à Internet. A Internet é a plataforma de convergência de informação e comunicação, sendo o computador o meio material com o qual acedemos a essa plataforma. O ciberespaço é o que criamos com isso, é o que geramos ao interagir nessa plataforma com esse material, daí que esteja em constante expansão (Soro, 2006).

O grande problema que apresenta o ciberespaço e que grande confusão gera nas pessoas é simplesmente a sua inexistência física, pois não possui um corpo físico, palpável, o qual se possa apontar e dizer “fica aqui”, como se pode fazer com um país ou uma loja (Brison, 2009). É precisamente esta a chamada utopia do ciberespaço: a sua inexistência física. No entanto, ao contrário do que o senso comum acredita, nem sempre foi assim. Houve um período, curto, em que o ciberespaço podia ser apontado e foi até mapeado. Contudo, quando se começou a desenvolver o ciberespaço deixou de poder ser cartografado, pois deixou de ser apenas um ou outro sites das forças militares e passou a expandir-se às universidades, como posteriormente no capítulo “Como estudar

o cyber” será exposto, ficando sujeito à constante mudança. Posteriormente com o surgimento da Web 2.0, o potencial de expansão do ciberespaço passou a ser entendido como infinito, dado que o utilizador comum se converteu num criador massivo.

Assim sendo, podemos aferir que perder-se na exploração do ciberespaço é basicamente o mesmo que explorar a terra incógnita, uma vez que ninguém consegue precisar o que lá se pode encontrar. Segundo Gibson (1989), que se diz ter sido a primeira pessoa a utilizar o termo ciberespaço, este caracteriza-se por ser o definitivo (num sentido melhor traduzido pela expressão inglesa “*the ultimate*”) meio de transmissão (comunicação) e armazenamento da informação.

Deste modo, podemos distinguir dois tipos de ciberespaço: o informativo e o comunicativo. O primeiro é aquele onde o mais importante é a informação e o facilitar o acesso a ela. Este ciberespaço informativo é um produto social criado com esse objectivo (o de transmitir informação) e voltado para a continuidade (actualização e aumento da informação). Exemplos disso são os sites de jornais e televisões que visam apenas a transmissão de informação e não a comunicação entre os utilizadores.

Em relação ao segundo, o ciberespaço comunicativo, podemos adiantar que é aquele que deriva da acção interactiva que os cibernautas geram ao utilizar a informação presente no ciberespaço. Este tipo de ciberespaço é aquele em que o principal é promover a comunicação, quer seja interpessoal ao nível individual, quer seja intergrupar ao nível dos grupos de cibernautas.

Neste contexto, devemos ter sempre em conta que o valor das trocas informacionais sob a forma de comunicação dependerá, tão-somente, dos cibernautas uma vez que são eles que estão a usufruir deste recurso. Daí que o ciberespaço comunicacional assuma os contornos daquilo que os cibernautas permitam.

Usando ou não todo o potencial comunicacional e informacional disponível no ciberespaço, cabe somente aos seus utilizadores recortarem o cenário de interacção. Neste sentido, os cibernautas efectivaram que poderiam recorrer ao ciberespaço não só para a simples troca de palavras como também para os mais diversos fins. Tudo depende da utilização que cada um de nós der aos meios que tem ao seu alcance.

Tal veio, assim, abrir os horizontes a novos tipos de comércio, educação e relacionamentos sociais (entre outros) tornando tudo cada vez mais móvel, pelo que cada vez mais encontramos à nossa disposição mais informação. Podemos antever este facto se pensarmos sob o ponto de vista histórico: avançamos das sociedades fechadas até às sociedades abertas de hoje em que impera a comunicação. No entanto, nem todos têm acesso às mesmas tecnologias, pelo que a Internet ainda se encontra barrada a muita gente. Mas trata-se apenas de uma questão de tempo, visto as sociedades possuírem diferentes ritmos de evolução. Entretanto estas novas tecnologias desencadearam possibilidades comunicacionais e informacionais prodigiosas e incalculáveis.

Entre estas formas de utilização temos o conhecido e-mail que veio fazer a delícia dos que desesperavam com o tempo que os correios demoravam a entregar a correspondência e o que tinham de esperar pela resposta. O e-mail permitiu trocar mensagens, documentos e digitalizações num espaço tão curto de tempo que quase o podemos catalogar como automático. Este factor ajudou a desenvolver muitas empresas, negócios e proporcionou também outros tipos de actividades nos momentos de lazer (e-mails em cadeia e afins).

De entre as formas de utilização da Internet temos também presente os populares chat's. Aqui as pessoas passam horas a conversar muitas vezes sem saberem com quem, imperando um maior à-vontade que nas conversas face-a-face por vezes não existe.

Nesta linha, apresentamos também os jogos online, em que os jogadores, ligados em rede, podem desfrutar com os outros jogadores, o “universo mágico do ludismo vídeo” (Rabot, 2009: 433). Tão populares entre as camadas mais jovens, são criadores de verdadeiras comunidades em que os jogadores interagem por meio de mensagens e fóruns presentes no jogo (também existem os externos, mas apenas criados após a unificação dos jogadores em uma comunidade, grupo ou aliança).

No entanto os jogos online não contam só com a presença dos jovens. Actualmente, desde que os mais velhos (adultos) descobriram estes mundos (influenciados talvez pelos filhos) começaram também a jogar, muitos apenas pelo espírito criado em algumas plataformas de jogos como o Travian. Tal como defende Maffesoli em *Apocalypse*, “quando observamos a sucessão das

histórias humanas, não há outra opção do que a da política ou a do jogo” (cf., 2009: 22).

E para não alargar muito mais esta lista acabo com o exemplo da utilização mais versátil da Internet: os weblogs com página pessoal de tipo social-networking. Ou melhor dizendo, o Hi5, Netlog, Facebook, Orkut e semelhantes. Dentro destes espaços, que parecem não ter fim, encontramos blogs variados, imagens, diários pessoais, jornalismo, reivindicações, vídeos e todo o tipo de criações possíveis nestes espaços onde as formas de comunicação são reinventadas de modo a satisfazer o propósito do emissor.

É este precisamente o motivo porque a Internet é tão popular e tem tanto poder: ela é o único sítio onde se pode fazer isto tudo ao mesmo tempo. Daí que possamos apontar a Internet como o local onde as pessoas vêm expor as informações e comunicar entre si. Agora, não se trata de afirmar que a Internet é a nova maneira de sociabilizar. Muito pelo contrário, ela é mais um meio para a criação de relações sociais que complementa os relacionamentos face-a-face ou por partilha de um espaço (Lemos, 2003).

Claro que as relações estabelecidas na Internet não são a mesma coisa que as firmadas face-a-face. Muito longe disso. As relações criadas exclusivamente na Internet são à partida mais abertas e menos constrangedoras que as face-a-face. Porém, como conhecemos os outros tão rapidamente acabamos por conhecer a máscara que a pessoa quer que conheçamos. Ou seja, a teatralização que ocorre quotidianamente, na Internet mantém-se e talvez seja ainda mais criativa. Isto devido à ideia, muitas vezes errada, de que o nosso interlocutor não terá maneira de descobrir que afinal nós não éramos aquelas loiras de olhos azuis que apareciam na foto que, por acaso, descobrimos naquele site de encontros online que nos apareceu no resultado das pesquisas no Google.

As relações sociais são sempre complexas. Mesmo as mais simples têm o seu grau de complexidade pelo simples facto de estarmos a interagir com alguém. Isto aplica-se tanto às relações face-a-face como às relações na Internet. Porque, no fundo, relacionamo-nos com os outros para responder à nossa necessidade de ligação e aceitação. Aceitação pois desde que interagimos com alguém esse alguém de algum modo já nos está a aceitar. Quanto muito aceita a nossa existência. Reconhece-a (Lemos, 2003).

Em busca do reconhecimento, muitos de nós recorrem à Internet. Artistas, jornalistas, poetas, escritores ou simplesmente quem quer partilhar ideias, recorrem às novas tecnologias para mostrar os seus trabalhos e pensamentos a quem os quiser conhecer. Criando aqui uma espécie de rizoma: computadores, ligação à Internet (rede) e interacção entre todos os que estiverem ligados em rede.

Neste tipo de utilização, que visa o reconhecimento, o objectivo não se prende precisamente em mostrar mas em interagir. Este é um exemplo do uso positivo das potencialidades das novas tecnologias. No entanto, assim como existe o lado positivo existe o negativo. Claro que “positivo” e “negativo” apenas depende do nosso ponto de vista.

No entanto, sob o ponto de vista educativo, o lado que iremos expor a seguir é considerado negativo. Referimo-nos aos que recorrem às novas tecnologias e à Internet como plataforma de exposição e partilha, com o objectivo do reconhecimento da superioridade e/ou com o objectivo de humilhar um terceiro. É precisamente neste tipo de comportamento que o cyberbullying se insere.

Farei, em seguida, um resumo do que se disse anteriormente. Não se sabendo ao certo quantos utilizadores a Internet tem, estima-se que sejam mais de 100 milhões os que se ligam em rede, contactando uns com os outros e vivendo num mundo chamado ciberespaço (Giddens, 2004: 473). Ciberespaço, este, que não é mais que o espaço de interacção formado pela rede global dos computadores com acesso à Internet (Giddens, 2004: 475). É então pela possibilidade de interagir com pessoas desconhecidas que podem estar em qualquer parte do mundo, que a Internet adquire, hoje em dia, uma enorme importância para os jovens (Giddens, 2004: 101). Dentro do campo da Internet, o socialsoftware é dos recursos mais utilizados por todos os cibernautas, sendo que abarca tanto páginas pessoais, como fóruns, como grupos de discussão, fotoblogs, blogs, jogos online, instant messaging (MSN e semelhantes), entre outros. Alguns exemplos de socialsoftware são o Hi5, Netlog, Facebook, Ikariam, Travian, Forumeiros, Blogs do Sapo, My Space, entre muitos outros. No entanto, tal como tudo, também a utilização do socialsoftware apresenta alguns perigos. Por um lado encontramos exemplos de um uso positivo das potencialidades relacionadas com o socialsoftware. É o

caso dos fóruns, onde se partilham informações e opiniões. Por outro, deparámo-nos com situações que indiciam relações pouco saudáveis. De facto, cada vez mais se assiste à utilização destes meios para o cyberbullying, o assédio sexual de menores e a difamação, entre outros.

3. Cyberbullying

Assim sendo, nos últimos tempos temo-nos deparado com o despertar mediático de um fenómeno relativamente pouco conhecido entre nós, concretamente o cyberbullying. No entanto, nos Estados Unidos da América (EUA) e Reino Unido (UK) este fenómeno é bastante conhecido e já alvo de estudos, assim como de campanhas de prevenção e combate ao mesmo (Wikipédia, 2007).

Este termo, cyberbullying, tal como o termo que lhe deu origem (bullying) foram adoptados pelas outras línguas, como é o caso do português. Este facto deve-se ao extenso significado que a terminologia original apresenta, pelo que, neste trabalho optamos pelo uso da expressão original: cyberbullying.

O cyberbullying, conceito que se crê ter sido utilizado pela primeira vez por Bill Belsey (2005), professor em Cochrane, Alberta, assume-se como uma variante do tradicional bullying. O bullying, como já foi referido anteriormente, é um tipo de violência que se caracteriza por ser intencional, continua e de carácter físico, verbal e /ou psicológico sobre um ou mais indivíduos. Por sua vez, o cyberbullying vem sendo definido pelo recurso às tecnologias da comunicação e informação para denegrir, humilhar e/ou difamar uma ou mais pessoas.

No entanto convém focar que nem todos identificam fenómenos de cyberbullying como tal. Isto porque o que para uns pode ser considerado cyberbullying, para outros pode ser um simples caso de difamação. Depende da interpretação que cada um faz do caso. Gregory Bateson, no seu livro *Metadiálogos* (1989: 10-11), afirmou isso mesmo: “*mas achas que queres dizer*

o mesmo com arrumado que as outras pessoas? (...) se quero significar uma coisa especial quando digo arrumado, então alguns dos outros arrumados das outras pessoas parecer-me-ão desarrumados a mim, mesmo que todos concordemos a respeito daquilo a que chamamos desarrumados”.

Assim sendo, creio que é de todo plausível fazer aqui uma ligeira reflexão acerca do cyberbullying. Algumas pessoas entendem este fenómeno apenas como a continuação do cyberbullying escolar. No entanto, o cyberbullying não se resume simplesmente a isso. É mais complexo.

Além de podermos apontar ao cyberbullying vários caracteres (diferentes dos do bullying escolar), este estende-se também por vários níveis, consoante o tipo de prática efectuada. Relativamente às suas características podemos distinguir três:

- **Gráfico** – que se refere à utilização da imagem;
- **Verbal** – no que se refere à utilização da linguagem;
- **Psicológico** – que se refere à transmissão de dados⁴ falsos sobre a vítima.

Assim sendo, a transmissão de imagens e mensagens difamatórias e/ou falsos acerca de um ou mais indivíduos pode ser considerado cyberbullying. Mas isto levanta algumas questões, concretamente se todas as ocorrências semelhantes seriam cyberbullying. Se utilizarmos uma imagem encontrada no Google ou em algum outro site com a nossa foto de perfil, de modo a não sermos reconhecidos, isto não é cyberbullying. É ter uma identidade falsa. No entanto, isto seria cyberbullying se a imagem em causa fosse usada intencionalmente para humilhar e/ou difamar a pessoa a quem essa imagem pertença.

Uma vez já analisadas as características do cyberbullying podemos então apontar-lhe vários níveis, concretamente três, relativamente ao tipo de caso em concreto. O primeiro nível é aquele em que apenas ocorre cyberbullying. Isto acontece quando ocorre apenas na Internet: insultos,

⁴ Por dados podemos, segundo a Lei 67/78 – Lei de Protecção de Dados, artigo 3º alínea a), considerar qualquer informação, incluindo som e imagem, relativas a uma pessoa singular identificada ou identificável. Ou seja, qualquer através do qual, por via directa ou indirecta, nos permita identificar uma pessoa.

mensagens obscenas, comentários de foro sexual e/ou pejorativo, perseguições por meio de troca de endereço de e-mail e pela criação de perfis falsos (por vezes vários). Este tipo de difamação faz-se de forma espontânea, apenas com a intenção de humilhar a vítima. Um exemplo real de um caso destes passou-se num popular jogo online de estratégia em tempo real, chamado TRAVIAN. Alias, os casos de cyberbullying neste tipo de sites são algo verdadeiramente comum. O caso passou-se o ano passado com o membro mais novo da aliança “Granjas™” e acabou por envolver todos os 60 jogadores dessa mesma aliança, da qual eu fazia parte. Ora um jogador de uma aliança adversária andava a perseguir o nosso membro mais novo, começando a enviar-lhe sucessivas mensagens psicologicamente violentas, intimidando-o e chegando a insultá-lo. O jogador vítima deste tipo de perseguição estava já decidido a abandonar o jogo para se ver livre deste agressor, quando pediu ajuda à aliança. Todos colaboramos e denunciámos aos administradores e caças (verificadores de irregularidades) o comportamento do cyberbullie. Como este tipo de casos é frequente, este indivíduo foi expulso do jogo, como acontece a todos os casos de perseguições aliadas a mensagens intimidatórias e contínuas.

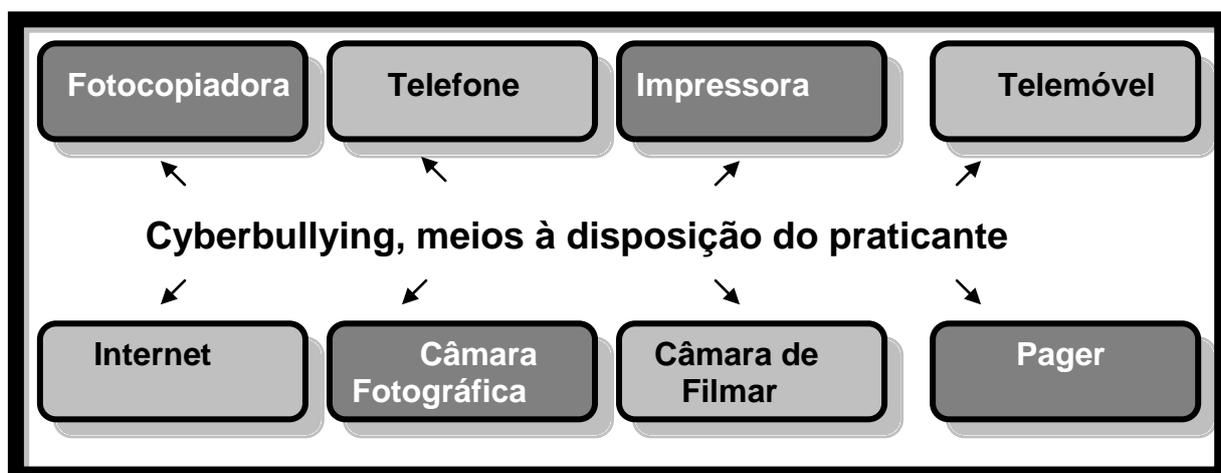
O segundo nível é o do bullying conectado com o cyberbullying, sendo o segundo a continuação do primeiro. Estes casos começam na escola com o tradicional bullying (escolar). Não satisfeitos, os agressores lembram-se de utilizar as novas tecnologias, o telemóvel e a Internet, para inovar na “brincadeira”: *“vou tirar umas fotos e colocar no Hi5 a gozar”*. Ou então enviar umas mensagens escritas (SMS) com histórias sobre a vítima, ou mandar SMS anónimos à vítima com textos do género: “Estou-te a ver...” ou “Eu sei onde estás e o que estás a fazer...”. Este tipo de actuação ocorre conscientemente com o objectivo de amedrontar, gozar e ver a reacção da vítima. Um exemplo deste tipo de casos foi o da Joana (nome fictício), aluna do 9º ano do ensino básico, em Braga. A Joana chegou a mudar de número de telemóvel mas nem assim a perseguição acabou. Ela recebia cerca de 20 (vinte) SMS por dia (recordemos que existem tarifários que permitem enviar SMS de graça para a mesma rede) com mensagens desde “Estou-te a ver” quando chegava à escola e ia no autocarro para casa, a “Hoje vou apanhar-te”. Ela estava assustadíssima, sempre atenta a quem a rodeava a ver se via quem a estava a

perseguir. Até que num dia descobriu que eram um grupo de amigos (supostos amigos) da sua turma que se andava a divertir à custa dela.

Por fim, o terceiro nível é aquele em que se recorre ao bullying para concretizar o cyberbullying. Parecido com o nível anterior mas diferente, este género apresenta duas variações que designei como leve e pesada. A leve é a mais parecida com o cyberbullying de nível dois, no entanto para se fazer a “gozação” em vez de se tirarem simples fotos ocasionais, agride-se a vítima com o intuito de tirar essas fotos para depois se distribuir por MMS (mensagem multimédia) ou pela Internet. Por sua vez temos a versão pesada, em que, como no caso anterior, é escolhida uma vítima mas a intenção não é fotografar, mas filmar toda a agressão. Ou seja, na versão pesada, é escolhida uma pessoa para ser agredida apenas para fazer um filme que irá posteriormente parar ao Youtube como se de um grande feito se tratasse. Temos aqui o exemplo do fenómeno do “happy slap” (bofetada alegre), muito apreciado nos EUA.

Uma vez já mencionados os tipos de práticas, podemos então indicar os meios utilizados para a efectuar o cyberbullying, que podemos ver no quadro 3. Estamos aqui a falar do correio electrónico, telemóvel, pager, websites pessoais, mensagens de texto (SMS), mensagens multimédia (MMS) e/ou vídeos (Morais, 2007).

Quadro 3: Praticar cyberbullying: com que meios?



O facto do cyberbullying se mover essencialmente na internet contribuiu para que se convertesse num problema mundial. Mas também que fosse mais complexo que o tradicional bullying. A verdade é que os cyberbullies, que são aqueles que praticam cyberbullying, sentem que nunca serão identificados. Daí que a promessa de anonimato oferecida pela Internet seja um grande motor para que este tipo de violência se propague. Isto porque tudo o que é feito, escrito, publicado, partilhado na Internet fica sujeito a quatro factores: persistência, pesquisabilidade, replicabilidade e audiências invisíveis (Morais, 2007). O primeiro factor (1º), ou característica se assim lhe quisermos chamar, a persistência, refere-se que qualquer conteúdo uma vez disposto (mesmo escrito num chat) fica sempre registado para a posteridade, por vontade nossa ou não. O segundo factor (2º), pesquisabilidade, prende-se com uma das principais características da Internet, a partilha de informação. A informação só é partilhável se for pesquisável. Ou seja, uma vez disposta a informação na Internet, seja de que tipo for, seja em que data for, qualquer utilizador poderá pesquisá-la, encontrá-la e aceder a ela. O que irá fazer com aquela informação fica ao critério do próprio. Relativamente ao terceiro factor (3º), a replicabilidade, consiste no seguinte: tudo o que é uma vez colocado na Internet deixa de estar sob o nosso controlo, podendo ser copiado e difundido, nos mesmos âmbitos ou em âmbitos inteiramente discrepantes dos originais. Por último, temos o quarto factor (4º), as audiências invisíveis, que se referem ao caso de que tudo o que colocamos na Internet está sujeito a ser visualizado, lido, interpretado, comentado e ouvido por quem quer que seja. Por alguém com quem provavelmente nunca conhecemos nem iremos vir a conhecer. Por alguém com quem não fazemos a mínima ideia que estejamos a partilhar informação. Portanto, o que à partida pensaríamos que não fosse visto, poderá na realidade estar a ser visto por milhares de pessoas (Morais, 2007). Desta forma, tudo o que se disponibiliza uma vez na Internet é impossível de ser removido, pois fica exposto a um público infinito, cuja capacidade de absorver, transmitir, partilhar e alterar informação é incalculável, o que pode originar satisfação ao cyberbullie (idem, 2007).

Em relação ao cyberbullie, que é o praticante de cyberbullying, podemos distinguir dois tipos. Em primeiro lugar, temos os cyberbullies que denomino como acidentais e em segundo temos os cyberbullies adictos.

Em relação aos cyberbullies acidentais, estes caracterizam-se por serem aquelas pessoas que usam as novas tecnologias ou para gozar com uma pessoa ou como forma de vingança. São criadas páginas pessoais falsas, são trocadas imagens íntimas de alguém com amigos, são expostas histórias em blogs, entre outros. Os casos de vingança por fim de namoro são frequentes neste caso, segundo fonte policial. Mas o que distingue este tipo de cyberbullying do outro é o facto dos cyberbullies acidentais não terem noção do efeito do seu acto sobre a vítima. Aliás, a ideia neste caso é ser algo passageiro, sem outras intenções que não a de gozar com a pessoa naquele momento.

Por outro lado, temos o patamar mais grave, que é o dos cyberbullies adictos. Estes são os aqueles que praticam cyberbullying porque lhes proporciona prazer. Até podem ter começado a praticar cyberbullying por acaso, mas ao terem experimentado algum tipo de sensação agradável proveniente dessa prática, começaram a torná-la um hábito. É como se fosse um vício. Este tipo de cyberbullies percorrem páginas pessoais como predadores, e, tal como os predadores sexuais, escolhem uma vítima e perseguem-na até quase à exaustão (Neves, 2008). Ao contrário dos predadores sexuais, os cyberbullies adictos não buscam o prazer físico, mas o psicológico, como a sensação de controlo.

Muitas vezes este tipo de pessoas sofre de um distúrbio, que Goldberg (1999) designa por IAD (distúrbio de adicção à Internet), que caracteriza todos aqueles que passam ligados durante horas a fio à Internet, sem terem noção de tal. Normalmente este tipo de comportamentos está associado a um PIU (uso problemático da Internet) (Young e Rodgers, 1998) que provoca no indivíduo (entre outras coisas) um empobrecimento no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas, e que acontece quando há “uma vulnerabilidade do indivíduo, ligada a uma psicopatologia preexistente e a intervenção de um stressor (isto é, um estímulo que produz o *stress*), a introdução da internet” (Shapira et alii, 2000: 33). Normalmente o PIU, estudado posteriormente por Davis, evolui para dois tipos de comportamento: o

SPIU (uso patológico específico da Internet) em que temos os casos de cyberbullying direccionados, por exemplo, para a publicação de vídeos no Youtube e o GPIU (uso patológico generalizado da Internet), que se prende com a utilização massiva da Internet para o cyberbullying em qualquer das suas variantes, por exemplo.

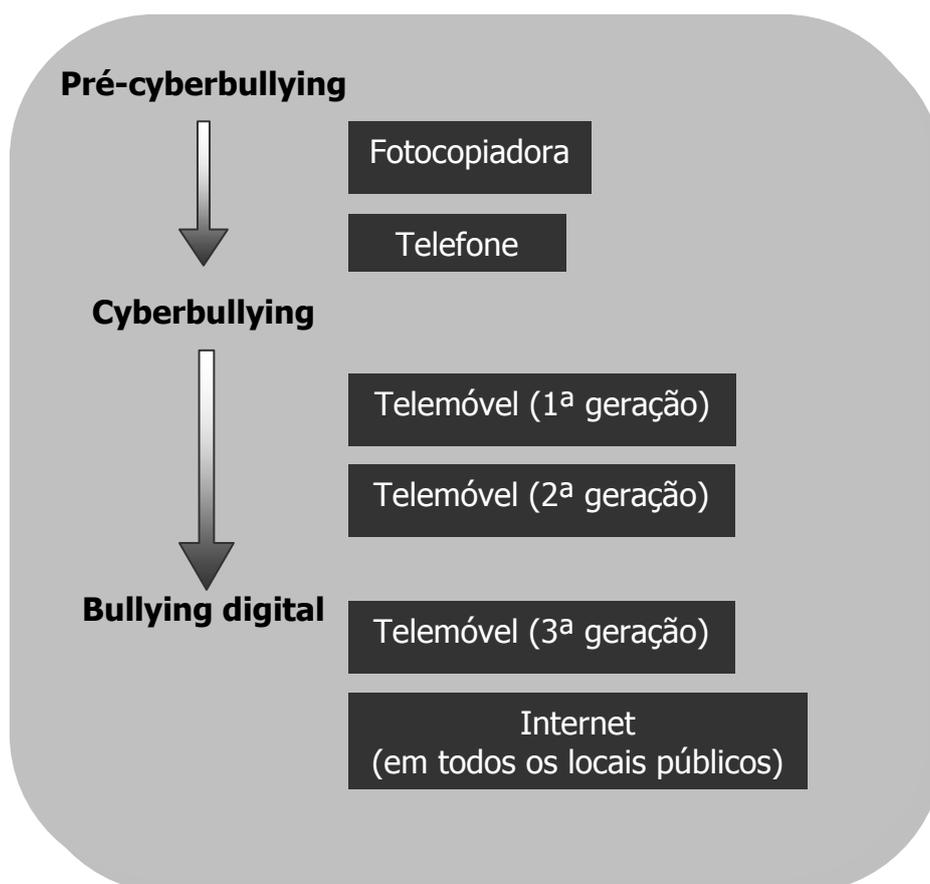
Convém aqui esclarecer como podemos distinguir o cyberbullying de crimes como a difamação. A resposta não é simples. Considero como cyberbullying todos os actos premeditados e intencionais, independentemente de se ter consciência ou não do real alcance de tal acto na vítima. Uma vez na Internet a característica da continuidade não se equaciona, pois se não é totalmente eliminado, é contínuo, logo não necessita de ser repetido pela mesma pessoa. Agora, a difamação apresenta as mesmas características, à excepção de que é algo descontínuo. No entanto, difamação na Internet é cyberbullying. Porém, segundo a Polícia Judiciária, o crime de cyberbullying não está previsto na lei. Assim, todos os crimes de cyberbullying que ocorram serão reduzidos ao seu semelhante mais simples, como a difamação e conduzida a investigação como tal.

Passemos agora ao estudo da génese deste fenómeno. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o cyberbullying, que é o bullying feito com o auxílio das novas tecnologias, não começou com o telemóvel e muito menos com a Internet. Simplesmente o cyberbullying actualmente é praticado com recurso a estes meios. De algumas conversas informais que tive, pude constatar que o cyberbullying começou com o uso da simples fotocopiadora. Isto porque, na altura, era a ferramenta que os adolescentes tinham ao seu dispor com maior facilidade, sendo usada para distribuir fotografias e textos relativos a alguém, com o intuito de o humilhar.

Posteriormente com o alargamento dos telefones fixos à residência da maioria da população, o cyberbullying começou a praticar-se desta forma: faziam-se chamadas anónimas a insultar pessoas, sendo que a vítima era sempre a mesma. Actualmente, o telemóvel chegou a todos nós. Ora foi então que se começou a praticar o cyberbullying usando o telemóvel que nós conhecemos: enviar mensagens de texto, depois tirar fotografias e distribuir por toda a gente, e por fim, filmar agressões. Acompanhando a evolução dos telemóveis, a Internet foi também desenvolvendo-se, tornando-se cada vez

mais acessível. Deste modo, o telemóvel começou-se a utilizar em conjunto com a Internet para a prática do cyberbullying. Começam então a ser publicadas na Internet fotografias tiradas a partir do telemóvel na Internet e são criadas páginas falsas com as mesmas. Depois, e o mais grave, foi quando se começaram a filmar agressões de propósito para colocar em sites como o Youtube. Claro que existem ocorrências em que se filmam casos de agressão que sucedem acidentalmente. No entanto, há casos em que um grupo de pessoas se junta para agredir alguém de propósito para ser filmado e disponibilizado no Youtube quase como um troféu. Caso que é cada vez mais frequente e até teve direito a um nome: happy slap. A moda que começou nos EUA e se estendeu a todo o mundo. Por isso mesmo, é necessário que nos consciencializemos para este facto.

Quadro 4: Evolução do fenómeno: os 3 estádios



Cronologicamente, podemos distinguir uma evolução gradual deste fenómeno (cyberbullying) em três estádios, cada um deles dividido consoante o

recurso tecnológico empregue na sua prática. Começamos pelo primeiro estágio - pré-cyberbullying - que foi quando o cyberbullying surgiu e começou a tomar forma. Esta designação (pré) deve-se ao facto de, nesta fase, os recursos tecnológicos utilizados ainda não poderem ser totalmente denominados pelo prefixo “cyber”, o que se compreende dado estes mesmo serem a fotocopiadora e do telefone fixo. Foi com a fotocopiadora que se reproduziram e distribuíram muitas imagens e textos falsos e/ou pejorativos sobre as vítimas e com o telefone lá de casa que se passaram horas a fazer chamadas anónimas para todos os colegas com quem queríamos gozar.

Mas como as tecnologias estão em constante evolução, este fenómeno acompanhou a evolução, entrando agora no segundo estágio: o cyberbullying. É então que o cyberbullying adopta o nome e os contornos pelos quais é hoje conhecido. Tal facto dá-se com o surgimento dos telemóveis: com os telemóveis de 1ª geração o cyberbullying começa a processar-se por meio das SMS (mensagens de texto). Rápidas e de baixo custo, as SMS permitiram divulgar histórias pejorativas rapidamente, o que resultou em várias ondas de risos pelos corredores das salas de aula por onde as vítimas (das histórias) passavam. Posteriormente, os telemóveis sofrem um desenvolvimento e emergem no mercado os telemóveis de 2ª geração, equipados com câmara fotográfica. Foi neste ponto que se começou a preparar terreno para o terceiro estágio mas a transição não se fez logo. Assim, equipados com câmaras, os cyberbullies começaram a ter como passatempo tirar fotografias às suas vítimas normalmente durante e depois de serem agredidos (as vítimas). As fotos depois serviam para mostrar no próprio telemóvel, já que as MMS (mensagens multimédia) eram mais dispendiosas que as simples SMS. A solução passou por se colocarem as imagens na Internet. No entanto, eram poucas as pessoas que tinham acesso a elas. Com o passar do tempo e com mais alguns avanços tecnológicos, a Internet converte-se em algo bem conhecido dos nossos jovens. Com o alargamento da Internet às escolas, entramos no terceiro estágio deste fenómeno, que assume agora o nome de bullying digital. Esta designação deve-se ao facto de começar a ser consumado principalmente através das tecnologias digitais como é o caso da Internet. Aqui as fotografias tiradas com os telemóveis e com as máquinas fotográficas digitais são agora colocadas e distribuídas por e-mails. São também criados

perfis falsos com essas mesmas fotos. No meio disto, os telemóveis sofrem uma nova evolução e surge a 3ª geração, com telemóveis equipados com máquina de filmar. Foi aqui que o bullying digital assumiu os contornos totais pelos quais hoje em dia o conhecemos. Assim, começaram a propagar-se na Internet (o meio de distribuição e partilha privilegiado) filmes feitos com o telemóvel, acidentais (filmados numa situação não planeada) ou numa situação provocada com essa finalidade: filmar e colocar na Internet (*happy slap*).

Nesse sentido, não podemos fazer uma separação entre bullying e cyberbullying. Um não existe sem o outro, pois são as duas faces de uma mesma moeda. O cyberbullying é simplesmente o bullying, mas feito recorrendo às novas tecnologias, ou, por outras palavras, em conjunto com as novas tecnologias, que afinal já não são assim tão novas, pois até já se tornaram parte da nossa cultura.

Após esta caracterização, iremos tentar estudar o fenómeno recorrendo às abordagens inspiradas na psicologia social e na sociologia da comunicação. Considerando o bullying como um fenómeno de violência sobre o outro, iremos tentar ver até que ponto a reflexão de autores como Bateson nos será útil para entender o fenómeno. Uma hipótese central nos conduz: a de que existe uma grande ambiguidade e zonas de fronteira entre a prática regular bullying e os casos episódicos que se situam na fronteira entre o jogo e a violência. Talvez apenas recorrendo a uma visão interdisciplinar seja possível discernir e compreender esta realidade. Será esse o desafio a responder na segunda parte teórica.

II Parte:
Enquadramento teórico

1. A questão do cyber

O que se entende por cyber e a necessidade de uma nova epistemologia e metodologia no estudo dos fenómenos associados aos novos media

Em 1969, nasce nos Estados Unidos da América (EUA) a Internet. A sua origem prende-se com uma necessidade estratégica desenvolvida em plena guerra-fria, que colmatava a importância de ligar em rede os computadores das bases táctico-militares americanas de forma a não perder dados. Este sistema não só deveria assegurar a conexão entre todos os computadores ligados em rede como também a sua independência uns dos outros. Neste sentido surgiu a Internet, criada pela ARPA (Agência de Projectos de Pesquisa Avançada), que permitia que os dados presentes nos computadores ligados em rede circulassem sem nunca se perderem mesmo em caso de algum computador ser danificado (Guerreschi, 2009).

A partir daqui, a Internet suscitou o interesse das universidades que criaram departamentos específicos no intuito do seu desenvolvimento (Guerreschi, 2009). Desenvolvida rapidamente (tendo em conta que surgiu em 1969) a Internet estendeu-se por todo o planeta e hoje em dia todos podemos ter acesso simples e rápido a ela, mesmo em locais públicos. O wireless ou rede sem fios tal o permitiu. Desde que convenientemente equipados (com um computador ou telemóvel), podemos aceder à Internet de qualquer lado e a qualquer hora.

Com a emergência da Internet surgiu, como já foi anteriormente referido no capítulo 2 da I Parte, o conceito de cyber. Este facto, como sabemos, prende-se com o princípio de identificar as épocas históricas segundo os seus artefactos predominantes, neste caso as novas tecnologias (Lemos, 2003:2). No entanto, tal como Gilles Deleuze e Félix Guattari defendem ao longo dos seus trabalhos, todos os conceitos estão associados a problemas⁵ (Rossiter, 2006: 166). Logo, a partir do momento em que surge o conceito de “cyber”, este está também ligado a um problema (Rossiter, 2006:166). Para além da

⁵ “All concepts are connected to problems” (Rossiter, 2006:166).

potencialidade do cyber, que é a comunicação, o problema a que este conceito está associado é o mau uso destas potencialidades de comunicação criadas com a difusão da Internet. Ou seja, é como se fosse o “outro lado” de uma realidade.

Evidentemente que não estaríamos à partida a pensar que as ferramentas que nos proporcionam possibilidades extraordinárias pudessem vir a ser mal utilizadas. Mas, tal como Maffesoli argumenta em *L'instant éternel*, “*il y a quelque chose de fatal en eux*”⁶ (2000:10). Isto faz parte da natureza de todas as coisas. Como tudo na vida, há o bom e o mau. O bom e o mau apenas depende do nosso ponto de vista e entendimento da coisa. Assim sendo, nós visualizamos o bom e o mau de acordo com o que consideramos um bom uso e um mau uso. No caso de um predador sexual, o uso da Internet para esse fim é um bom uso, enquanto que para nós, para a sociedade em geral e segundo a lei portuguesa, ele está a desenvolver um uso mau da Internet, devido à finalidade com que o faz. Daí que todos os nossos conceitos comportem um problema. Neste caso em particular, temos o uso contrário do que o esperado: aquele que invade e coloca em risco (por vezes de vida) outrem.

Quando a Internet e, mais concretamente, o socialnetwork forem bem utilizados e direccionados, poderemos criar através do poder das relações aí desenvolvidas, instituições políticas e mesmo modificar o social (Rossiter, 2006). Enquanto tal não sucede (se é que alguma vez irá ocorrer), urge o estudo e descrição das relações de network e usos da Internet, de modo a conhecê-los melhor e a poder vir a minimizar, *à posteriori*, o impacto de um inconveniente uso das suas (Internet) potencialidades. Certamente que para isso necessitaremos primeiramente de estudar estas realidades encontrando para isso novas metodologias ou fundindo as já existentes. É o que analisaremos em seguida.

Decididos a estudar os fenómenos emergentes com o uso da Internet e das novas tecnologias encontramos nas teorias da nova mídia (ou *new media*) um ponto de partida, uma vez que estas teorias visam a descrição das relações de network no espaço e no tempo com a condicionante de que uma das entidades que estabelece a comunicação seja o actor. Tal objectivo prende-se

⁶ Traduzindo: “existe qualquer coisa de fatal em nós”.

com o facto das teorias da nova mídia fazerem parte do objecto de estudo em si, mais concretamente, dos sistemas de relações que estudam e descrevem.

Neste sentido, clarifica-se a ideia de que a partir do momento em que se começa a estudar um fenómeno ou a trabalhar reflexivamente, se preferirem, se começa também a contribuir para a mudança do próprio sistema em estudo. Deste modo, o simples facto de se começar a estudar uma problemática inserida no contexto da *new media*, como é o caso do cyberbullying, faz com que se comece desde já a infringir mudanças no objecto de estudo, uma vez que se move por meio de processos comunicacionais. Afinal, tudo o que implica uma reflexão implica uma mudança, nem que mínima! (Rossiter, 2006: 167)

Quando a Internet e, mais concretamente, as potencialidades do socialnetwork forem bem utilizadas e direccionadas, poderemos criar com a força das relações aí desenvolvidas, instituições políticas e/ou modificar o social.

Evidentemente que existem muitos tipos de abordagens, sendo que a escolha de uma apenas depende da sua maior ou menor adequação ao objecto de estudo uma vez que, como é do conhecimento geral, todas as abordagens transportam em si mesmas problemas/desvantagens. Assim sendo, subentende-se que, tal como as outras, também uma aproximação a este problema pela via das teorias da nova mídia apresenta alguns entraves, porém, relativamente às outras possibilidades teóricas, é a que melhor se adequa.

Um dos grandes entraves que estas teorias apresentam no estudo dos seus objectos são que estancam no tempo um dado momento e estudam-no. Não abarcam então a continuidade e totalidade do objecto, esquecendo que todos os momentos da acção apresentam um passado⁷ e terá um futuro de possibilidades infinitas (Côrrea, 2008).

No entanto, este problema é ambivalente. Não é totalmente um problema se estivermos a estudar um caso único como aquele que se deu no Porto em 2008, mais conhecido como “caso Carolina Michaelis” e que envolveu, resumidamente, uma professora, uma aluna e um telemóvel. Neste tipo de casos, apesar de relevante o estudo do que levou a que se desse tal

⁷ Passado esse que, se estudado, pode vir a conferir muitos elementos significantes para o entendimento do objecto.

ocorrência, não é de todo fundamental pelo que o estancamento no tempo daquele instante (a disputa pelo telemóvel) para o estudo, não se torna uma desvantagem.

Porém, tratando-se de outro tipo de casos, mais graves digamos, como os protagonizados pelos cyberbullies adictos e fenómenos como o *happy slap*⁸, que envolvem um grupo organizado, o facto de se estar a incidir sobre um dado momento estancado no tempo e no espaço é realmente um problema, uma vez que estes fenómenos são constantes e a sua interactividade nunca pára pois, tal como argumenta Madail (2009:2) *“há sempre alguém receptivo e disponível para replicar essa crueldade anónima (...)”*, pelo que seria mais proveitoso estudar todo o processo (Côrrea, 2008) e não apenas um momento.

No entanto não estamos aqui a refutar o recurso às teorias da nova mídia no estudo destes casos, muito pelo contrário, devemos usá-las. Devemos estudar esse momento que foi estancado no tempo e no espaço com especial atenção, interesse e dedicação. No caso do cyberbullying em concreto, esta atitude é importante. Mas não nos fiquemos por aqui. Adoptemos uma postura pró-activa e resistamos à tentação de equacionar sentenças antes de estudar o objecto um pouco mais além daquele instante. Investiguemos um pouco mais. Para isso impõe-se olhar o objecto sob outro ângulo: o temporal. Retroceder. Analisar os seus antecedentes de modo a entender como o que fez com que aquele instante acontecesse. Após esse exercício, estaremos então preparados para um outro desafio no entendimento do fenómeno: a sua projecção no futuro. Somente assim o real conhecimento sob o objecto em estudo será alcançável.

Relativamente às metodologias que podemos associar às teorias da nova mídia convém ter em conta que se deverão centrar na seguinte tríade:

Tecnologia – Comunicação – Sociedade

Tal especificidade prende-se com o facto dos objectos de estudo destas teorias, como o cyberbullying, serem tanto influenciadas pelo espaço⁹ (ou pelas possibilidades que este proporciona) como pelas relações sociais e pela vida

⁸ Bofetada alegre.

⁹ A Internet.

das pessoas. Segundo Stephen Graham (2004: 17), devemos também considerar as formas complexas segundo as quais as novas tecnologias e a comunicação são utilizadas na prática (Côrrea, 2008). Assim sendo, para recorrermos às teorias da nova mídia com o intuito de reflectir e estudar os fenómenos emergentes com o uso das novas tecnologias que se relacionam com processos comunicacionais, urge a formulação de uma nova epistemologia na área dos estudos da comunicação. Esta deve então caracterizar-se pela inserção dos estudos da nova mídia no campo da comunicação segundo a já mencionada tríade tecnologia/comunicação/sociedade e pela vinculação entre a teoria e a prática.

Nesse sentido podemos destacar a observação empírica e a correlação como elementos fulcrais no estudo dos fenómenos da nova mídia. É precisamente a associação destas práticas metodológicas ao estudo dos fenómenos da nova mídia que defendem autores como Röhle (2005: 420), William Mitchell (*in* Côrrea, 2008), Neil Postman (*in* Côrrea, 2008) e Muniz Sodré (*in* Côrrea, 2008).

Para melhor justificar tal escolha, Sodré (2007) afirma que tal se deve em parte ao facto de que "*o tempo real é um tempo desrealizado*", em que a produção de conhecimento na nova mídia se equaciona na vida real, tirando o ciberespaço da imaterialidade e atribuindo ao mesmo a condição de espaço electrónico de circulação da comunicação e da sociabilidade. Também José Luís Braga (2007), Vilém Flusser (2007), Marshall McLuhan (*in* Côrrea, 2008), Jean Baudrillard (*in* Côrrea, 2008) e Roland Barthes (*in* Côrrea, 2008) defendem a premissa de que a produção de conhecimento neste campo não pode ser similar ao usado nas ciências naturais, pois é necessário interpretar e criar significados. Uma vez que os fenómenos comunicacionais não são coisas fechadas em si mesmas pelo que devem ser observadas e estudadas caso a caso. Assim sendo, torna-se claro que é através da associação dos significados que se produz conhecimento.

Após a reflexão anterior, é possível agora delinear, com uma maior clareza conceptual, o modelo epistemológico a seguir no estudo dos fenómenos da nova mídia. Neste sentido, o modelo epistemológico sugerido nestes casos deveria caracterizar-se:

- Pelo estudo de casos singulares,
- Pela busca de indícios que remetem a fenómenos não imediatamente evidentes,
- Pela distinção entre indícios essenciais e acidentais,
- Pela articulação entre os indícios seleccionados e,
- Pela derivação de inferências

Para se proceder a isto, é necessário realizar primeiramente um levantamento extensivo e detalhado dos traços caracterizadores do objecto, reduzindo-se de seguida o mesmo aos seus elementos mais significativos de forma a que se possam separar os indícios essenciais dos acidentais, sendo que tal poderá fazer-se por meio de tentativas. Posteriormente, estaremos então aptos a proceder à articulação dos conjuntos de indícios resultantes do exercício anterior, que possibilitem a produção de inferências sobre o fenómeno em si.

Neste ponto podemos ver que o estudo dos fenómenos da nova mídia se baseia numa tríade:

Situação empírica – Bases teóricas – Problemas de pesquisa

Tendo em conta esta tríade, autores como Parsons (1951)¹⁰ e Paquete de Oliveira (1988)¹¹ reforçam mesmo a ideia de que o problema de pesquisa precisa de ser bem colocado teoricamente para que a investigação empírica obtenha resultados válidos. Nas investigações realizadas neste campo, das teorias da nova mídia, o conhecimento obtido deve, na medida do possível, partir da abstracção e construção.

Na verdade, a informação obtida com a investigação é construída, tal como defende Bachelard (*in* Dias, 2009), e não traduz linearmente a realidade, pois esta é medida conceptualmente. Neste sentido, entende-se a importância dos sociólogos recorrerem aos estudos já realizados por outros autores de diferentes áreas científicas e a moldá-los de forma a poderem utilizar as

¹⁰ No seu livro *O sistema social*, 1951.

¹¹ Em *Formas de “Censura Oculta” na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974-1987)*, vol I e II, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE, 1988.

informações já recolhidas e trabalhadas em proveito da investigação em curso. Esta defesa da integração da diversidade científica nesta área de estudos prende-se com o facto da comunicação ser estudada um pouco por todas as disciplinas uma vez que a realidade, tal como defende Paquete de Oliveira (1988), não é decomponível porque tem passado, presente e futuro. Logo, porque seria decomponível neste campo o conhecimento obtido pelas diversas ciências? Não faz sentido a sua decomposição. O que faz sentido é a união das diversas ciências, porque a comunicação é, tal como Bourdieu (1989) defende, um processo de desenvolvimento cultural.

Afinal, tal como defende Lev Manovitch (2001, 2003), a comunicação em rede é policrónica e multidirecional. Porque haveria de ser estudada por uma só área ou porque haveriam os dados recolhidos serem apenas utilizáveis em estudos da área a que se reportam?

Desta forma, considerei pertinente estudar a questão em aberto da pesquisa recorrendo a perspectivas que se situam nas fronteiras entre a sociologia e áreas da biologia animal, na linha sugerida por Bateson como veremos em seguida.

2. Bateson e os quadros de interacção

Neste capítulo, explicitarei o problema teórico que atravessa este trabalho que poderá ser resumido desta forma: até que ponto as interacções sociais, produzidas no contexto do *cyberbullying*, poderão ser melhor compreendidas, numa nova visão epistemológica interdisciplinar, a partir da proposta de Bateson dos quadros de interacção? E também tentarei mostrar, com exemplos práticos, que a proposta de original de Bateson será a mais adequada para o estudo.

Começarei por apresentar as visões clássicas da psicologia social em torno dos conceitos de Self (mead), impressões, influência social e estereótipos. Em seguida, será discutido o conceito de quadro de interacção valorizando-se a visão interdisciplinar de Bateson.

A visão da psicologia social: Self, formação de impressões, influência social e estereótipos

Sendo assim o *cyberbullying* um fenómeno que interfere não só com a vida social das pessoas, como também com o indivíduo em si, importa neste caso estudar de que forma alguns conceitos da psicologia social nos podem ajudar a melhor entender esta problemática relativamente aos seus impactos sob a vítima. Assim, tomo como centrais os conceitos de *self*, a formação de impressões, a influência social e os estereótipos. O recurso ao conceito de *self* prende-se propriamente com o facto deste lidar com capacidade de formar a nossa própria experiência do mundo e de a interligar com a nossa relação com o outro. Ou seja, é a “*capacidade da pessoa se constituir como objecto para si mesmo*” (Ferreira, 2005: 297). Ora o *cyberbullying* interfere com a imagem de *self* quando a vítima se encontra perante a difamação da sua pessoa, o que a faz normalmente rever interiormente.

Do conceito de *self* passamos para a formação de impressões, para melhor explicar de que forma o *cyberbullying* interfere com ambos os conceitos. Como podemos compreender da leitura do livro *Psicologia Social*, de Jorge

Vala (2002), para architectarmos uma impressão sobre um determinado indivíduo, não precisamos de recolher muita informação acerca dele. Aliás, o “ouvi dizer” basta. Daí que não necessitemos da informação adquirida de forma directa, por meio da interacção com o indivíduo, bastando-nos para formar a impressão, adquirir informações sobre o sujeito de forma indirecta, como é o caso das informações que nos chegam por via de terceiros. Pelo que, “*basta-nos percebermos pequenos indícios (...) para (...) podermos fazer juízos acerca de uma série de atributos que, supostamente, caracterizam essa pessoa*” (*idem*, 2002: 89). Pelo que apenas uma página na Internet com informações falsas acerca de um indivíduo (*cyberbullying*) é o suficiente para formar impressões erradas sobre dessa pessoa.

A importância desta problemática da formação de impressões surge-nos pela nossa necessidade de formar impressões, pois sem elas não poderíamos integrar as pessoas em categorias significativas para nós. Mas ainda podemos acrescentar algo que me parece fundamental na construção de impressões: a estrutura e os processos cognitivos e afectivos daquele que percebe. Pois são estes que determinam a impressão formada acerca da outra pessoa (*idem*, 2002: 90). Assim sendo, se a nossa noção de *self* não estiver bem ou se quando estamos dependentes de outra pessoa não agirmos (quando estamos sob a influência social de alguém), a impressão formada sobre o sujeito não irá ser fiel, mas corresponderá ao nosso estado de espírito e capacidade de interpretação dos factos.

Assim, entramos no domínio da influência social, que, segundo Secord e Backman, (1964¹²), se define como acontecendo quando “*as acções de uma pessoa são condição para as acções de outra*” (Vala, 2002: 59)”. Isto pode ser facilmente explicado por meio de um conceito de Sherif: os “quadros de referência”. Segundo esta teoria, o sujeito guiar-se-á por “quadros de referência”, construídos segundo a laboração subjectiva de cada um de nós e que é ditada pelas normas de conduta e os costumes da nossa sociedade e grupos de pertença (*idem*, 2002:227). Talvez o *cyberbullying*, tal como o conhecemos hoje, possa ter sido fruto do fenómeno que Asch designou por “sonambulismo social”, segundo o qual os “*processos de imitação são básicos tanto para o funcionamento da sociedade como para a aprendizagem de um*

¹² Vala (2002: 59)

reportório comportamental básico" (Vala, 2002: 238) e em que "os indivíduos imitam o comportamento dos membros dos grupos a que pertencem e, em especial, dos seus líderes porque a experiência ensinou-os a associarem imitação com recompensa" (*idem*, 2002: 238). Pelo que, a influência social tanto se faça sentir na nossa sociedade e explique a proliferação de práticas como o *bullying* e o *cyberbullying*.

Claro que há que ter em conta que existem sempre sujeitos independentes e que não entram no jogo da imitação, assim como que uma única quebra no conformismo é o suficiente para o resto dos indivíduos repensarem as suas atitudes e haver alguma mudança (*idem*, 2002: 253). No entanto poucas pessoas são as que ousam quebrar a regra e não se conformarem com a opinião da maioria, como demonstraram alguns estudos realizados na área da psicologia social.

Para finalizar temos o conceito de estereótipo, que consistem em generalizações abusivas e racionalizações das posições objectivas dos indivíduos ou grupos na dinâmica social (Vala, 2002: 335). Os estereótipos são, segundo Katz e Braly (1933, 1935¹³), transmitidos pelos agentes de socialização (pais, escola, meios de comunicação social...) e apreendidos pelos indivíduos, sendo posteriormente usados para simplificar a realidade. Por exemplo, é mais simples identificar alguém como "o que colocou o vídeo no Youtube", do que por "é o fulano de tal, filho de X e Y, que mora na Rua BMX" (conf. Vala, 2002: 334). Ora a inclusão de certos indivíduos em certos estereótipos, por meio da prática de *cyberbullying*, irá fazer com que a identidade social dessa pessoa sofra alterações, por vezes de carácter negativo, o que irá reflectir-se na vida social da pessoa em causa.

Depois desta viagem pelo campo da psicologia social, sentimos necessidade de ir mais longe seguindo assim a nossa intuição de uma nova epistemologia no estudo destes fenómenos emergentes.

¹³ Vala (2002: 334)

A perspectiva da sociologia da comunicação: os quadros de interação de Bateson

As novas tecnologias facilitam o esbatimento entre a realidade e o imaginário. Muitas vezes ouvimos alguém dizer: “é na Internet, não tem importância”. E sentimos uma liberdade transcendente quando mergulhamos na rede. Parece que lá podemos fazer o que na relação face-a-face não faríamos. São só *avatars* e *nicknames*. Podemos dar largas ao imaginário e não reprimir qualquer tipo de comportamento. Podemos insultar alguém numa comunidade virtual sem medo. Afinal, o pior cenário é vermos a nossa conta bloqueada, mas que importa se nos deu um gozo enorme insultar aquele indivíduo? Sempre podemos criar uma conta nova. Somos livres de o fazer. Estas simples acções não causam grande transtorno no agressor. Contudo, relativamente à vítima, já não se pode dizer o mesmo. A vítima, por detrás do avatar, *nickname* ou da imagem que lá esteja é uma pessoa dotada de sentimentos que muitas vezes são ignorados. No entanto, estes sentimentos existem. Ser insultada face-a-face ou por meio da Internet apresenta na mesma efeitos negativos, pois todas as nossas acções têm impacto nos outros.

Certamente existem insultos e insultos. Tudo depende do entendimento que a pessoa fizer. Na Internet, à excepção dos vídeos, todas as outras formas de comunicação são isentas de tom de voz, expressões faciais, metacomunicação. A metacomunicação, ou comunicação sobre comunicação, é pequena ou quase nula.

Ora, é exactamente esta pequena grande diferença que gostaríamos de sublinhar. Este ponto tornou-se central entre alguns autores da área da comunicação. De uma certa forma, mais importante do que o conteúdo linguístico da comunicação, é a sua forma nomeadamente a associada à metacomunicação. Este morfismo será sublinhado por outros autores no estudo dos novos media como a televisão, como é o caso conhecido de Marshall McLuhan (1994). Veremos que em Bateson este aspecto é central e caracteriza a tensão que atravessa as relações humanas de comunicação. Segundo Bateson, a metacomunicação permite-nos descodificar o real significado da acção do outro. A sua ausência poderá ter efeitos importantes.

Mas qual foi a origem desta teoria de Bateson e qual a sua importância? Vejamos antes como tudo começou. Ao observar a interação de um grupo de macacos, Bateson chegou à conclusão de que aquilo que parecia ser uma luta era na realidade uma brincadeira. Os macacos estavam a simular uma luta, mas graças à metacomunicação eles enviavam estímulos uns aos outros que indicavam tratar-se de uma brincadeira e não de uma luta a sério.

Nós, humanos, possuímos também a capacidade de descodificar mensagens tanto implícitas como explícitas, o que nos permite alterar comportamentos e explicar melhor uma situação caso o feedback que a gente obtenha por meio da metacomunicação nos indique que o receptor não está a interpretar a mensagem como seria esperado. Isto funciona perfeitamente na interação face-a-face e já todos utilizamos esta capacidade em alguma situação, quer consciente, quer inconscientemente (automaticamente).

Ora, a questão aqui coloca-se relativamente ao descodificar de mensagens, intenções, atribuir significados a algo transmitido por meio das novas tecnologias, ou mais precisamente por meio de um interface, um objecto técnico. Havendo por detrás um *interface*, o emissor pode enviar uma mensagem ao receptor na brincadeira, e o receptor, por não conseguir recorrer à metalinguagem para descodificar as intenções e significado da mensagem, pode interpretar de forma equivocada a mensagem inicial. Pode deturpar o seu significado. Pode ver um insulto naquilo que seria uma brincadeira, um jogo inofensivo.. Ou vice-versa. Privados de descodificadores, tudo depende da interpretação que cada um faz da mensagem. Se aquele ponto de exclamação significa espanto, ironia ou é simplesmente para destacar a ideia em tom de brincadeira. Por sua vez, o emissor da mensagem é privado do respectivo *feedback*, pois como já foi referido, estamos a comunicar por meio de interfaces, da máquina, não estando a ver cara-a-cara a pessoa, não lhe podendo analisar o comportamento, a posição corporal, as expressões faciais, o tom de voz, as pausas. A verdade é que tanto o emissor como o receptor não conseguem analisar totalmente o impacto que as suas acções têm um no outro.

Vejamos um exemplo prático. Num caso em que se praticou cyberbullying no Hi5, foi criado um perfil falso e colocado o número de telemóvel de uma mulher. O agressor conseguiu ter acesso a um feedback,

pois algumas das pessoas que tentavam ligar para o número disponibilizado enviaram mensagens para o Hi5 da suposta mulher a dizer *“podemos falar no MSN, atendeu o teu namorado!”* (caso recolhido por meio de informadores privilegiados). Neste caso, o agressor (sim, nota-se perfeitamente a intenção da acção) teve um ligeiro feedback do impacto da sua vingança na vítima. Está a dar resultado, haviam pessoas a ligar-lhe. Isto suscitou no agressor um prazer que o próprio compara a um orgasmo psicológico. Relativamente à vítima, que se mostrou incontactável durante toda a investigação (penso que tenha mudado de número de telemóvel), nunca saberemos o real impacto que esta vingança teve sobre ela. Como ela lidou com a situação de não saber o que se passava e estar a ser bombardeada com telefonemas e mensagens de todo o tipo de pessoas com propostas sexuais? Como ficou a auto-estima dela? Como aquela situação alterou a sua rotina quotidiana e a do companheiro sentimental? Até que ponto esta situação a transformou? A vítima não tinha maior capacidade de se defender, neste caso, além da mudança de contacto, pois toda a restante situação estava fora de controlo. Mesmo do agressor. Quem garante que mesmo depois do perfil do Hi5 ser eliminado que ninguém copiou as informações nele constantes e criou outra página? Ninguém.

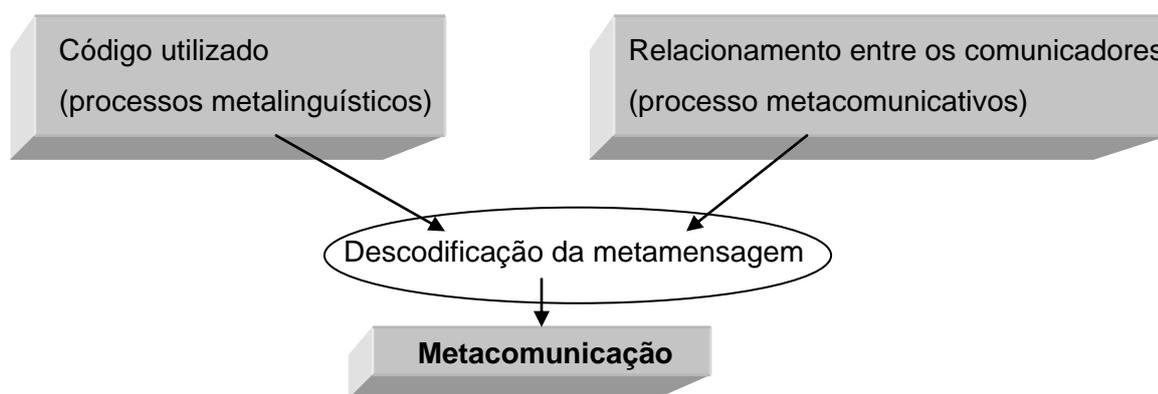
Além do Hi5, o e-mail é também um dos meios de comunicação mais utilizados e em que mais difícil é ler as intenções dos outros. Alguns estudiosos norte-americanos realizaram uma pesquisa e concluíram que as pessoas estão tão habituadas a receber e-mails com informações incorrectas que encaram-no até como algo banal. Segundo eles, *“por e-mail, você não recebe pistas verbais ou comportamentais e, num contexto organizacional, isso deixa um grande espaço para problemas de interpretação ou, no caso de nosso estudo, de enganar intencionalmente”*¹⁴.

Se a metacomunicação exige de cada parte integrante na interacção uma inferência interpessoal orientada para um contexto em que seja passível a decodificação das mensagens, o contexto surge aqui como o grande transmissor de significado à situação. No entanto, no caso do cyberbullying em específico, o contexto em que se processa aquele caso é omitido pelo agressor ou então modificado de modo a corresponder ao desejado pelo cyberbullie. Por

¹⁴ Consultado em <http://www.agencia.fapesp.br/materia/9496/divulgacao-cientifica/mentir-pela-internet> em 29/09/2008.

este mesmo motivo, para que os casos de cyberbullying fossem compreendidos como tal e não obtivessem os efeitos negativos desejados pelo agressor, as pessoas teriam de ter acesso a um conjunto de elementos-chave como podemos ver no quadro 5, presente na página seguinte:

Quadro 5: Metacomunicação



Ora aqui temos bem presente o problema que faz com que o cyberbullying tenha um impacto negativo na vítima e tantos seguidores: o único a que todos têm acesso é o código utilizado para transmitir as informações, logo o processo de descodificação da mensagem será realizado de forma descontextualizada.

Assim sendo, podemos entender que muitas vezes o cyberbullying é realizado como uma forma lúdica para o cyberbullie. Afinal para ele é uma forma de diversão, vingança e mesmo de prazer (ninguém ignore o prazer psicológico inerente à prática de cyberbullying e imaginação das consequências deste acto na vítima).

O lúdico é algo, segundo Bateson, necessário à evolução dos processos comunicativos e ajuda no crescimento das relações sociais e cognitivas. Por lúdico tem um significado amplo de práticas: brincar, jogar, fingir, tocar, encetar e mesmo encenar. Será precisamente este aspecto da encenação que mais relevo apresenta no desenvolvimento dos processos comunicativos implícitos e

explícitos. Isto porque segundo Bateson, tanto os macacos como as focas observadas, estavam a “encenar” uma luta. Esta capacidade é-lhes e a nós, humanos, essencial no desenvolvimento social e cognitivo, porque nos treina na interpretação de significados ocultos a um primeiro olhar. Contudo, no caso do cyberbullying, o carácter lúdico impõe-se apenas para o agressor e para todos aqueles que contribuem para a continuação desta prática, sendo que para a vítima o carácter lúdico perde-se por completo. Ao perder-se o carácter lúdico, o desenvolvimento do processo comunicacional, o evoluir da capacidade de relacionamento social e cognitivo são interrompidos, provocando consequências desastrosas na vítima.

Retomando Bateson, podemos apontar a ausência de gestos físicos na Internet como o processo pelo qual a correcta interpretação dos casos de cyberbullying seja comprometida. Excluindo os casos de vingança, pois são algo mais complexos, os casos de cyberbullying por diversão, ausentes de significação metalinguística, ou, pelas palavras de Mead (1934), gestual, faz com que a vítima não decifre as inferências necessárias ao entendimento que aquela acção se trata de uma brincadeira com o objectivo de gozar com ela, fazendo com que a vítima se sinta humilhada e, caso não apresente uma auto-estima equilibrada, reveja a sua definição de *self* e se feche socialmente.

“A complexa organização do *self*, tal como concebido por Mead (1934: 144-64), emerge, numa perspectiva ontogenética, através de brincadeiras infantis (...) e desenvolve-se plenamente a partir do momento em que se começa a participar em jogos organizados, que envolvem regras. Ora, o reconhecimento das regras, (...) envolve uma generalização das regras: (...) tomar o ponto de vista do «outro generalizado»”.

Ora a partir do momento em que o cyberbullie deixa de seguir as regras, ou, por outras palavras, deixa de tomar o ponto de vista do “outro generalizado” (a vítima), que se equaciona ser condição essencial no comportamento social, a ruptura acontece. O agressor torna-se imprevisível e a vítima deixa de ter como se defender. Deixa de haver processo comunicacional e relacionamento social. Ao entrar em processos de manipulação da imagem da vítima, o cyberbullie provoca na vítima uma alteração comportamental e psicológica.

Bateson introduz então um novo conceito em cena: o de quadro (ou contexto), de enquadre psicológico (1955: 186). De modo a auxiliar a interpretação deste conceito, Bateson socorre-se de duas analogias: uma lógica com base na teoria dos conjuntos e outra física, que consiste no quadro pictórico, em que tanto as suas semelhanças como divergências se mostram inabaláveis ao conceito psicológico de “quadro”.

Os quadros psicológicos são, segundo Bateson, um agrupado de mensagens em que num esquema teórico mental estão separadas duas colunas de tópicos: a que indica os sinais de “brincar” e “encenar” e a que reúne as mensagens que interpretam os indícios de que “não é uma brincadeira” (Bateson, 1955: 186-7).

- “não é uma brincadeira” 0 “é uma brincadeira” +

Segundo Gregory Bateson, os quadros podem ser analisados conforme mecanismos de organização da experiência, tal como propôs na *Teoria Geral da Comunicação*, o que levou Goffman a adoptar este conceito (*cf. infra*, pp. 178). Assim sendo, este dispositivo pode ser evidenciado em representações tanto verbais como físicas, delineadas no tempo e no espaço, ou seja, contextualizadas.

Uma vez que a traquejo humano não se demonstra como essencialmente linguística, o carácter inconsciente de muitos quadros influencia consideravelmente a organização da experiência dos indivíduos envolvidos. A existência destes quadros inconscientes efectua-se indirectamente mediante procedimentos de análise que procurem assimilar os paradoxos neles envolvidos e que conduzem, em alguns casos, a desequilíbrios emocionais graves. Por este mesmo motivo podemos entender como o cyberbullying pode abarcar consequências deveras negativas para a vítima ao despertar nela reacções inconscientes que agem como verdadeiras bombas-relógio na sua balança emocional, originando depressões, baixas de auto-estima e dificuldade de relacionamento (social e pessoal).

Para uma melhor compreender os quadros, nada melhor que utilizar a própria linguagem de Bateson (1955: 187-9) que, melhor que ninguém,

descreveu pormenorizadamente os mesmos, permitindo-nos compreender de forma singular o seu fio de pensamento [tradução da minha responsabilidade]:

- a)** Os quadros psicológicos são exclusivos, ou seja, através da inclusão de determinadas mensagens (ou acções significativas) dentro de um quadro, algumas outras mensagens são excluídas.
- b)** Os quadros psicológicos são inclusivos, ou seja, pela exclusão de certas mensagens certas outras estão incluídas. (...) "Assista ao que está dentro e não assistir ao que está fora".
- c)** Os quadros psicológicos estão relacionados com a (...) "premissas". A moldura [do quadro] indica ao espectador que não está a utilizar o mesmo tipo de raciocínio na interpretação da imagem que ele poderia utilizar para interpretar o papel de parede que está fora da moldura. Ou, em termos da analogia da teoria de conjuntos, as mensagens fechados dentro da linha imaginária são definidas como membros de uma classe por virtude das suas premissas em comum ou mútua relevância. O quadro em si torna-se assim uma parte da premissa sistema. Ou, como no caso da reprodução do quadro de interacção, o quadro está envolvido na avaliação das mensagens que ele contém, ou o quadro apenas auxilia a mente na compreensão dos conteúdos das mensagens por forma a recordar o pensador que essas mensagens são mutuamente relevantes e as mensagens fora da quadro podem ser ignoradas.
- d)** (...) O quadro é metacomunicativo. Qualquer mensagem, com a sua explicitidade ou implicidade definem o quadro, tal facto dá instruções ou ajudas ao receptor na sua tentativa de compreender as mensagens incluídas no quadro.
- e)** O inverso de (d) também é verdadeiro. Cada mensagem metacomunicativa ou metalinguística define, explícita ou implicitamente, o conjunto de mensagens sobre o que ela comunica, ou seja, cada mensagem é metacomunicativa ou define um quadro psicológico.

Este excerto do legado de Bateson aqui traduzido, extenso bem sei, é o único que se pode encontrar fornecendo-nos tão pormenorizadamente uma descrição dos quadros de interacção. Reflectamos acerca da extensa

caracterização que Bateson fez do conceito de quadro: ao apurar um grupo de mensagens (verbais, gestuais, comportamentais) que se encaixam no quadro, isso significa que, todas as inferências que não se enquadrem no quadro situar-se-ão “fora do quadro”. Ora ao colocar de fora do quadro o que não faz parte do grupo de mensagens seleccionadas, estar-se-à, assim, a determinar a existência de um quadro particular e do que constará nele. Este processo de inclusão/exclusão dos quadros seria complementar se estivesse previsto o conjunto de mensagens que fazem parte e o seu respectivo complemento, abrangendo aqui as que não fazem parte. Contudo tal não está previsto por Bateson. Assim sendo, estamos aqui na presença de um paradoxo: o quadro enquanto descodificador do que faz ou não sentido; ao efectuar esta separação cada quadro afirma-se como uma premissa de si próprio. Este dispositivo de enquadramento além de delimitar o que deve ser entendido como não fazendo parte também nos indica o que deve ser entendido como não fazendo parte e, anuncia essa própria distinção (Bateson, 1955: 160). É principalmente quando os quadros são inconscientemente determinados que mais se salienta este seu carácter “auto-inclusivo”. Reanalizando a mensagem emitida pelas focas e pelos macacos, de que “isto é uma brincadeira”, podemos ver que, tanto os gestos como as vocalizações destes seres a brincar estão inseridos no quadro “isto é uma brincadeira”, ao mesmo tempo que o constituem (Bateson, 1955: 108, 151-3). Quando as indicações de que “isto é uma brincadeira” são aceites e entendidas como tal, inicia-se uma sequência de comportamentos esperados. Estes comportamentos estão inseridos no quadro e ao mesmo tempo servem como suporte desse mesmo quadro. Daí a insistência de Bateson sob o carácter metacomunicativo do enquadramento: as mensagens enquadradas são metacomunicativas e, simultaneamente, todas as mensagens metacomunicativas determinam o enquadramento (Bateson, 1955: 160).

Convém ter aqui mais uma vez em conta que a metacomunicação é maioritariamente inconsciente, logo, a não ser que nos obriguemos a tal exercício de reflexão, todos nós interpretamos as mensagens metacomunicativas automaticamente. Aqui, o envolvimento emocional é necessário para que tal se dê. Tal como defendeu Goffman, ninguém pode descodificar adequadamente a metalinguagem sem se envolver pelo menos um pouco na situação.

É precisamente esta questão do envolvimento emocional que Bateson (1955: 190-3) aponta como fundamental para a explicação da paradoxalidade dos quadros e que levaria também à formulação do conhecido conceito de duplo constrangimento que tão bem podemos ligar ao problema em estudo, o cyberbullying. Tal como a relação dos doentes esquizofrénicos com as suas mães, que lutam interiormente com a crença que as mães não gostam deles e para que isso faça sentido, evitam toda a espécie de contacto físico entre eles e a progenitora, contacto esse que sempre existiu. Também os praticantes de cyberbullying passam por este duplo constrangimento. Enquanto que, por exemplo, nos casos de fim de relacionamentos, por um lado o cyberbullie tenta passar uma imagem errada da vítima (ex-companheiro/a) e sente prazer em fazê-lo porque é uma espécie de vingança, por outro lado tem a secreta intenção de que aquele comportamento inicie um processo de reconciliação com o/a ex-companheiro/a (cf. Bateson, 1955: 217-8).

III Parte:
Práticas metodológicas e dados empíricos

1. O início

Habitualmente aponta-se a pesquisa documental como o início da investigação, onde se começa a delinear a problemática. No entanto, existem algumas outras fontes de informação que passam muitas vezes despercebidas mas que se apresentam como fundamentais para o bom termo de todo um estudo. Estamos aqui a falar do efeito da combinação das nossas experiências pessoais com a nossa formação como sociólogos, que nos traz o elemento-chave necessário para ultrapassar os obstáculos com que nos poderemos deparar no curso da investigação: a motivação. Além da motivação, esta combinação aliada a leituras irá ser fulcral na delimitação da problemática da investigação (Burgess, 1997:34).

Stacey (1982) foi precisamente uma das sociólogas que relatou como as suas experiências pessoais, em conjunto com a sua formação académica a levaram a envolver-se num estudo sobre sociologia da saúde (Burgess, 1997:34). Segundo esta autora, muitos sociólogos valorizam a experiência pessoal na escolha dos temas de investigação (Stacey 1982).

No meu caso, foi também a união da minha formação académica com experiências pessoais significativas que levou à escolha deste tema.

Assim sendo, começou a ser delineada uma estratégia metodológica a seguir e a sua planificação em termos temporais por fases.

2. Definição da estratégia metodológica

Como vimos na discussão teórica sobre uma nova epistemologia para as ciências da comunicação, é sempre difícil o estudo de fenómenos sociais emergentes. Dada a existência de poucas informações e teorias sobre o tema e até mesmo a ausência de dados práticos, surge o dilema da escolha metodológica. Sem base para nos guiarmos, sentimo-nos em parte como os navegadores que se propuseram a cruzar o estreito de Gibraltar: tudo o que

possuíam eram esboços de mapas envoltos na fantasia do desconhecido e nada de concreto (isso era o que iam descobrir).

Assim sendo, dedicamo-nos à leitura de outros casos de estudos acerca de fenômenos sociais à altura considerados emergentes e que mais tarde haviam dado seguimento a estudos mais profundos com a finalidade de analisar que estratégias metodológicas haviam sido empregues em tais estudos.

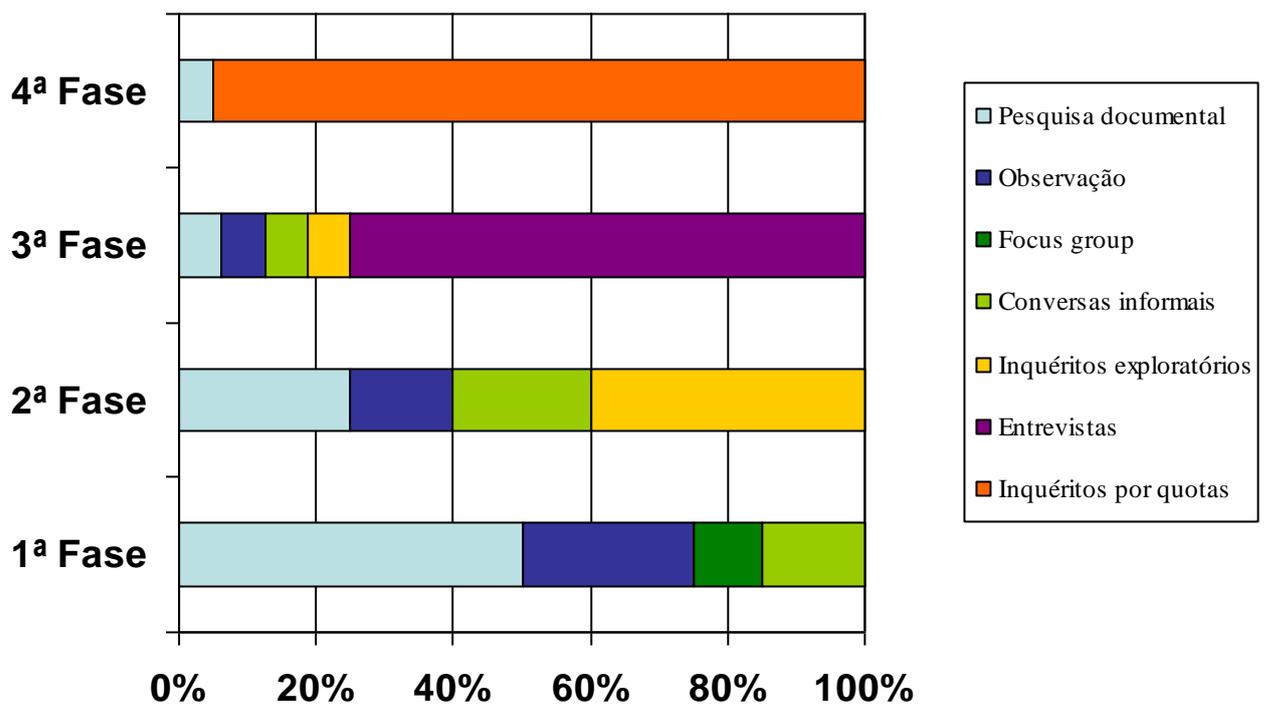
Foi então que a resposta surgiu: todos estes estudos assentavam na diversidade de técnicas e na interdisciplinaridade. Por um lado, não se cingiam a uma única área de estudos: estudos sociológicos que recorriam à biologia e à psicologia, estudos psicológicos que recorriam à biologia, sociologia, filosofia, história e assim por diante. Por outro, no que respeita às técnicas empregues o mesmo sucedia: tanto se aplicavam técnicas mais ligadas à sociologia, como à psicologia e mesmo à biologia. Recorria-se à interdisciplinaridade e à diversidade de técnicas. O motivo apontado para tal era simples: tratando-se de fenômenos emergentes acerca dos quais poucos dados existiam, todo o possível deveria ser feito com vista na obtenção, verificação e complementação de dados e posterior produção de conhecimento.

Nesta linha, optamos por uma estratégia metodológica semelhante à utilizada pelos sociólogos Lynds em 1929 e 1937 aquando das suas investigações *Middletown* e *Middletown in translation* em que conjugaram a sua experiência no terreno (neste caso viver nessa cidade, e no caso deste trabalho sobre o cyberbullying, explorar as utilizações que as novas tecnologias proporcionam), com o “*recurso a informantes privilegiados, métodos de observação e entrevistas não estruturadas, ao mesmo tempo que [a] recolha de dados estatísticos e evidência documental*” (Burgess, 1997: 17), à qual acrescentei também a entrevista focal, as conversas informais e algumas técnicas quantitativas complementares como inquéritos exploratórios e por quotas.

Uma vez traçada a estratégia metodológica a seguir, que se caracteriza como plural e interdisciplinar, sentiu-se necessidade de a esquematizar em termos temporais, uma calendarização, uma definição de fases, de modo a não nos perdermos em termos temporais. Nesse sentido, foi elaborado um gráfico de barras empilhadas a 100%, uma vez que nos permite comparar a

percentagem de tempo e dedicação destinada a cada tarefa (aplicação de técnica metodológica) no total de cada fase. Para o desenvolvimento eficiente da componente prática deste trabalho, foram calculados os tempos necessários à aplicação de cada tarefa e distribuídos ao longo do período destinado a esta parte, que se situou entre Outubro (2008) e Maio de 2009, sendo que Junho (2009) estava destinado aos últimos retoques em termos de redacção da dissertação. Nesse sentido, dividiram-se os 8 meses (de Outubro a Maio) disponíveis em quatro fases de acordo com as tarefas e o tempo preciso à aplicação das mesmas: 1ª fase – de Outubro a Novembro (2008); 2ª fase – de Dezembro a Fevereiro (2008/09); 3ª fase – de Março a Abril (2009); 4ª fase – Maio (2009), como podem ver no gráfico em baixo (1):

Gráfico 1: Fases da componente prática



2.1 Observação

A observação, sempre que reunidas condições para a sua realização, é, sem dúvida, um dos instrumentos elementares da investigação em sociologia, assim como noutras ciências sociais (Burgess, 1997). Esta técnica permite-nos recolher informações ainda não tratadas do objecto de estudo, uma vez que são recolhidas directamente da origem contextual, ao invés de procederam de bases de dados já trabalhados em função de resposta a um outro estudo. Assim, pode-se dizer que os dados recolhidos por meio desta técnica, observação, são informações naturais ainda por trabalhar e que poderão transformar-se em dados preciosos para o estudo em questão. Dados esses que, de outro modo, poderíamos não ter acesso.

Os grandes adeptos desta técnica eram os sociólogos da Escola de Chicago que a usaram para estudar grupos que lhes eram uma incógnita, como *gangs* de rua, sem abrigo, delinquentes e raparigas de *cabaret*, entre muitos outros (Burgess, 1997: 17).

Usada em combinação com outras técnicas de recolha de dados mais concretos, a observação foi também uma das técnicas por excelência dos sociólogos britânicos que, entre 1948 e 1951 estudaram algumas localidades geográficas, recorrendo para isso à já referida observação, tal como ao inquérito social e à entrevista (Burgess, 1997: 18). Entre eles figuravam os estudos de Stacey em Banbury (Stacey, 1960), de Williams em Gosforth (Williams, 1956) e de Frankenberg em Pentredaiwaith (Frankenberg, 1957). No entanto, esta técnica foi central no estudo sobre o desvio, sendo utilizada para a produção de conhecimento sobre os toxicodependentes (Becker, 1963), viciados no jogo (Polsky, 1969) e os homossexuais (Humphreys, 1970).

Neste sentido, a observação, enquanto técnica privilegiada de recolha de informação, foi usada nos mais variados estudos sempre que o investigador para iniciar a pesquisa sentisse necessidade de compreender o objecto de estudo na sua complexidade. Por outras palavras, o investigador deveria tornar compreensível o comportamento e ritmos daqueles que se movimentavam no campo de investigação de modo a que as conclusões gerais do estudo sejam

perceptíveis tanto aos que não fazem parte como aos que fazem parte do campo de investigação.

Desta forma, o investigador não só deve observar o objecto de estudo como *à posteriori* se deve envolver no próprio contexto observacional, de forma a obter um maior entendimento do inicialmente observado e a familiarizar-se com dados não acessíveis à observação não participante (simples, de fora para o todo). Faz-se a conjugação de duas técnicas observacionais: a observação não participante (*à priori*) onde o investigador apenas observa o objecto de estudo sem se envolver no campo observacional, olhando de fora para o todo e a observação participante (*à posteriori*) em que o investigador se insere gradualmente no contexto observacional de forma a entender mais profundamente o objecto de estudo, ou seja, é uma visão de dentro para dentro de forma a perceber o funcionamento do todo.

O recurso à técnica de observação directa não participante deveu-se ao seu carácter científico e ao facto desta técnica respeitar tanto o critério da viabilidade como o da fiabilidade, assim como por ser adequada/indicada para analisar fenómenos pouco conhecidos e posições face a algo (Anguera, 1985). O objectivo do uso desta técnica foi o de padronizar os comportamentos dos utilizadores das novas tecnologias.

As vantagens desta técnica também me seduziram, nomeadamente porque permite: abarcar conhecimento em tempo real, cobrir o contexto do evento, recolher informação em primeira-mão, captar comportamentos considerados sem importância para os sujeitos, analisar sujeitos que não podem prestar informação verbal e haver menos necessidade da cooperação directa dos indivíduos (Anguera, 1985).

No entanto, nem tudo são vantagens e esta técnica, tal como qualquer outra, também apresenta aspectos menos positivos, tais como: a necessidade de se seleccionar uma área a observar, o tempo despendido no acto de observar, a imprevisibilidade dos eventos, a duração e características do evento em si, a percepção do investigador, a categorização espontânea e estruturação cognitiva do campo de observação, os mecanismos de projecção e atribuição de significados, modificações produzidas pelo próprio acto de observar e o grau de estruturação do ambiente observado (Anguera, 1985).

Assim sendo, no período entre 15 de Outubro de 2008 a 15 de Março de 2009 procedi à observação de um grupo de jovens até aos 25 anos não informados acerca dos meus objectivos, que eram o de perceber o tipo de ambientes criados no seio de um grupo de pessoas a interagir num mesmo meio, ou, tal como Erving Goffman (1976:173) refere, “*aprender sobre o mundo social (...) tal como esse mundo é (...) subjectivamente experimentado*”. Procedi então a um total de 30 observações, 15 iniciais sem envolvimento (observação não participante) e 15 à *posteriori* com envolvimento (observação participante), protagonizadas em espaços privilegiados, com controlo da situação e realizadas a um total de 10 pessoas, com os seguintes limites:

1. Inicialmente obriguei-me a não me envolver nas relações criadas espontaneamente entre o grupo de pessoas sob observação, de modo a ter uma visão mais ampla da gama de movimentos deste. À *posteriori*, permiti-me envolver com este grupo, de modo a recolher dados mais concretos e a entender alguns dados já recolhidos numa primeira fase. Este envolvimento foi controlado e abriu portas à aplicação de outra escolha metodológica: as conversas informais.

2. Resisti ao impulso de aplicar inquéritos por questionário ao grupo observacional uma vez que tal como Goffman (1973) realizou na sua investigação, “*supus que a colecta de provas estatísticas (...) atrapalhariam a colecta de dados sobre o tecido e a trama da vida dos*” observandos.

3. Relativamente a tomar uma posição, já na fase à *posteriori* (em que me permiti um envolvimento com o grupo) optei por me posicionar do lado dos praticantes de cyberbullying, de modo a conhecer por dentro essa realidade que de outra forma não teria acesso.

No fim, ao analisar os dados recolhidos por meio da observação, pude constatar que:

a) Nas quinze observações iniciais sem envolvimento:

Os observandos ligados em rede moviam-se na sua maioria (7 dos 10) em sites de socialnetworking como o Hi5 e MSN. Outros (apenas 3 observandos) navegavam por sites de socialsoftware, como Hi5, Facebook, Travian, Tribalwars e Monstersgame. Todos os observandos faziam visitas esporádicas ao Youtube à excepção de um que tinha sempre o Youtube aberto onde ouvia música e via alguns vídeos de conteúdos diversos. O correio electrónico (e-mail) era sempre visualizado e comentado. Os que recebiam mais emails chamavam os outros para os ver, sendo na maioria apresentações em PowerPoint e vídeos humorísticos. No entanto, numa das observações pude constatar que andava a circular um jogo em que se podia colocar a imagem de alguém na personagem principal, que depois era pontapeada com uma determinada força e se estatelava no chão em estado lastimoso. Um episódio normal, não fosse o facto das imagens seleccionadas serem de ex-namorados/as e posteriormente enviado o link com essa “animação” para o grupo de amigos e por vezes para os próprios “ex”. E isto verdadeiramente divertia o grupo. Riam-se imenso e posso até dizer que lhes parecia elevar a auto-estima. Tal facto suscitou-me curiosidade e decidi entrar na segunda fase observacional. Iniciei assim a observação *à posteriori* em que me envolvi no grupo observado.

b) Nas 15 observações *à posteriori* com envolvimento:

Decidida a entrar no contexto observacional envolvi-me naturalmente com os observandos, começando a entrar nas conversas levantando a questão do tal jogo. Então percebi que eles colocavam as imagens dos “ex” na personagem do jogo pois tal lhes dava satisfação. Era uma espécie de vingança pessoal. O facto de atirarem o “ex” uns metros pelo ar, estatelando-se em seguida no chão, era como se o tivessem feito à própria

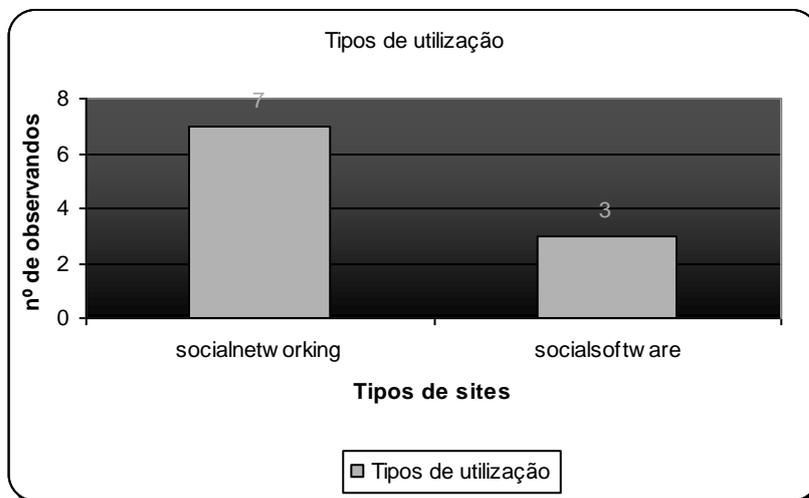
pessoa. No fundo no jogo podiam fazer aquilo que queriam fazer e não podiam. E ainda comentavam: *“eu só queria ver a cara dele/a se visse isto!”*. Aquilo parecia-me estranho e então decidi entrar também no jogo e experimentar por dentro esta realidade. Passaram-me o link do jogo pelo MSN e experimentei. Coloquei a foto de um político conhecido e cliquei em “Play”. O personagem foi pelo ar em poses muito pouco recomendáveis, estatelando-se aparatosamente a seguir. Confesso que de facto percebi porque o jogo tem tantos adeptos. Mesmo não conhecendo pessoalmente o político em causa, as sensações provenientes desta experiência foram significativas. Ri-me bastante e por incrível que pareça, senti-me melhor. Compreendo agora que este tipo de experiências comece na inocência de experimentar (mas conscientemente) e se tornem intoxicantes de um momento para o outro. Intoxicantes de tal forma que se convertam em algo cíclico.

Além do jogo, ao envolver-me com o grupo, comecei então a ter acesso a algo mais restrito e que antes não me havia apercebido: o conteúdo de certos e-mails. Alguns e-mails eram reenviados no grupo mas visualizados individualmente. O motivo era conterem conteúdos não destinados a menores de 18 anos. Eram fotografias de homens e mulheres com quem o amigo do amigo se tinham envolvido e separado recentemente (alguns já não tão recentemente) e pegado nas fotografias recolhidas na intimidade do casal e distribuído pelos contactos de forma a vingaram-se. Estas fotografias vinham com comentários de foro sexual.

Neste ponto, pouco mais conseguiria se continuasse somente com a observação pelo que parti para a aplicação da seguinte estratégia metodológica, as conversas informais.

Relativamente ao tipo de utilização que este grupo de jovens faz da Internet e à prática de cyberbullying podemos constatar que:

Gráfico 2: Os tipos de utilização da Internet



Como podemos ver no gráfico anterior (2), a maioria dos observandos usam mais o socialnetworking, como o Hi5 e MSN, enquanto que apenas 3 dos 10 observandos fazem uso do socialsoftware como Hi5, Travian, MSN e Youtube.

Quadro 6: Práticas de cyberbullying pelos 10 observandos:

Práticas de cyberbullying pelos observandos	Nº de casos em 10
Por transmissão de e-mails vindos de amigos	3
Por transmissão de e-mails vindos do grupo de observandos	8
Por conta própria	2

Como podemos ver no quadro em cima (6), a maioria das práticas de cyberbullying provém da partilha de e-mails entre o grupo de observandos, sendo que menos comuns são os casos em que os observandos procuram eles mesmo formas de praticas cyberbullying ou tomam a iniciativa.

2.2 Entrevistas focais (*focus group*)

A entrevista focal, também conhecida como *focus group*, é uma técnica usada para estudos de carácter qualitativo na qual se junta um pequeno grupo de pessoas em círculo (de modo a que todos fiquem frente-a-frente) com vista a debater um assunto (Wikipédia, 2009). Estes grupos de discussão devem ser moderados por um ou dois investigadores que têm por função dar início à discussão e regular a sessão (subtilmente) de modo a promover o bom curso da mesma. Pretende-se uma discussão moderada de ideias, não uma disputa de quem é que tem razão. Além destas funções, o investigador deve também zelar pela interacção entre todos os membros do grupo focal, dando espaço à intervenção de todos.

Usadas para todo o tipo de temas, as *focus group* devem ser feitas com um grupo pequeno de pessoas pois caso contrário será difícil obter resultados positivos e tem um período de duração que pode variar entre uma hora e duas horas (Wikipédia, 2009). De entre as principais vantagens da utilização desta técnica podemos salientar o baixo custo da sua aplicação, a possibilidade de debater estudos não acabados, a dinâmica do grupo que pode trazer significados extra ao que foi dito e, por fim, os resultados obtidos não são apenas opiniões mas também os motivos por detrás dessas opiniões, o que pode ser valiosíssimo para o estudo em questão. Claro que também apresenta alguns enviesamentos, como o facto dos resultados obtidos não serem representativos ou a tentativa de alguns membros do grupo tentarem monopolizar a conversa, mas isso também cabe aos moderadores minimizar (Wikipédia, 2009).

Assim sendo, foi feita uma entrevista focal aos 2 agentes mais graduados da Polícia Judiciária de Braga, no dia 22 de Outubro de 2008 pelas 15 horas. A entrevista foi feita na sala de um dos Inspectores, onde dispusemos as poltronas em círculo e iniciámos a discussão, que se prolongou por um pouco mais de uma hora, tendo obtido os seguintes resultados: um dos entrevistados desconhecia o termo *cyberbullying* e referiu que mesmo o conceito de *bullying* não lhe era familiar. Sobre o conceito de *bullying*, este

interveniente demonstrou possuir um conhecimento muito redutor do mesmo. Para completar, referiu que nenhum caso de bullying é tratado como tal, sendo os casos de bullying reduzidos a termos mais simples, consoante o tipo de bullying posto em prática: difamação, agressão.

O outro interveniente que entretanto havia demonstrado conhecer melhor esta problemática veio a confirmar-me que de facto os casos de bullying não eram apontados como tal, pelo simples facto de as pessoas não saberem este “termo”. Ora este senhor, que aparentava ter cerca de 40 anos, revelou ainda que se tinha familiarizado com o bullying durante uma formação que tinha frequentado e que também estava por dentro da existência do cyberbullying.

Porém, ambos os participantes demonstraram não conhecer a abrangência total tanto do conceito de bullying como de cyberbullying. Para eles (para um mais do que o outro), em alguns casos é-lhes difícil considerar como bullying, como aqueles em que apenas existe um agressor e uma vítima.

Acerca do cyberbullying os entrevistados consideram que os casos eram escassos e devidos à má utilização da internet. As vinganças de namorados, difamações, fotografias e humilhações são os casos que mais são reportados na PJ. Segundo os agentes, o praticante de cyberbullying, em todos estes casos, desconhece o real efeito do seu acto sobre a vítima. Considerado como um crime de difamação simples, a nível do código penal o cyberbullying é ainda um desconhecido. Tal implica a resolução destes casos de forma mais simples do que a devida. Em relação às queixas apresentadas, a sua relação é logo reencaminhada para a base de dados do Porto ou Lisboa, para o SICAT que é um departamento especializado em estudar tudo o que esteja ligado à Internet e se situa dentro do departamento central de crime informático e financeiro.

Relativamente à forma como são detectados os casos de cyberbullying os entrevistados referem logo que tem de ser feita queixa. De outra forma ainda não se consegue fazer nada. Tem de ser as pessoas a vir apresentar queixa escrita. Segundo as fontes, das queixas feitas, a de divulgação de imagem não autorizada é a mais vulgar. Mas não só. Segundo um dos entrevistados, há algum tempo atrás houve uma queixa sobre uma aluna. A estudante teria aproveitado a aula de informática para fazer a alteração de uma página da Wikipédia em que difamou o presidente da junta de freguesia. No

entanto esta jovem foi apanhada, pois alguém na junta descobriu a página e fizeram a denúncia. Como sabem, todos os computadores tem uma ID (identificação) e foi simples chegar à aluna. Afinal, a jovem de 16 anos usou um computador da escola em que tinha de fazer login com a sua *password*.

Por fim um dos agentes, o mais velho, bastante interessado sobre o cyberbullying, chegou à seguinte conclusão: *“O cyberbullying já existia no meu tempo de estudante! Era feito com a fotocopadora!”*

Assim, finalizando a entrevista focal, o grupo chegou à conclusão que o primeiro instrumento de difamação tinha sido a fotocopadora, que tanto podia ser utilizada para divulgar textos como imagens.

2.3 Informantes privilegiados e conversas informais

Todo o trabalho no terreno implica um “*trabalho intensivo com informantes*” (Conklin, 1968: 172). Técnica fundamental no campo da antropologia social apresenta-se também para o sociólogo como uma mais-valia no âmbito do estudo de fenómenos emergentes como o cyberbullying e de estudos em locais de acesso restrito, como prisões, hospitais ou centros de reabilitação. No entanto é necessária cautela na escolha do informante ou informantes, pois não serve qualquer pessoa. É essencial que a escolha recaia sob alguém bem colocado no terreno e dentro da situação que vai ser estudada (Burgess, 1997: 80).

Das conversas com tidas com estes informantes privilegiados pude obter dados preciosos (informação) que me ajudaram no bom termo desta investigação e que até contribuíram para o levantamento de algumas hipóteses, como a relação entre o tipo de utilização que um indivíduo faz da Internet com o tempo que passa na Internet por semana.

2.4 Inquéritos exploratórios

Algumas das conversas informais que emergiram com os informadores privilegiados suscitaram a necessidade de proceder a uma sondagem prévia à implementação das entrevistas. Com o objectivo de sondar os utilizadores da Internet face ao fenómeno em estudo, elaborei um inquérito exploratório, exposto online, com vista em recolher o máximo possível de opiniões em tempo útil, em que se dividiram as questões em três sub-escalas: informação, atitudes e crenças acerca do fenómeno. Na realidade foram aplicados dois inquéritos exploratórios: um primeiro a 5 pessoas, que serviu de pré-teste e um outro, com as respectivas correcções efectuadas, a 43 indivíduos. Aplicado a nível nacional, este inquérito, composto por apenas 9 questões, teve como objectivos o levantamento de características sobre o fenómeno; o desenvolvimento de uma entrevista tendo em conta as informações obtidas com a aplicação do inquérito; aprofundar o conhecimento acerca do fenómeno; descrever características da população face às variáveis; conhecimento directo da realidade; quantificação; rapidez de aplicação. No entanto convém salientar que estes inquéritos exploratórios apresentam alguns limites, concretamente a impossibilidade de se proceder a uma generalização dos resultados e a pouca profundidade do conhecimento adquirido (daí ter como objectivo a elaboração de uma entrevista, que vai permitir corroborar este défice de profundidade).

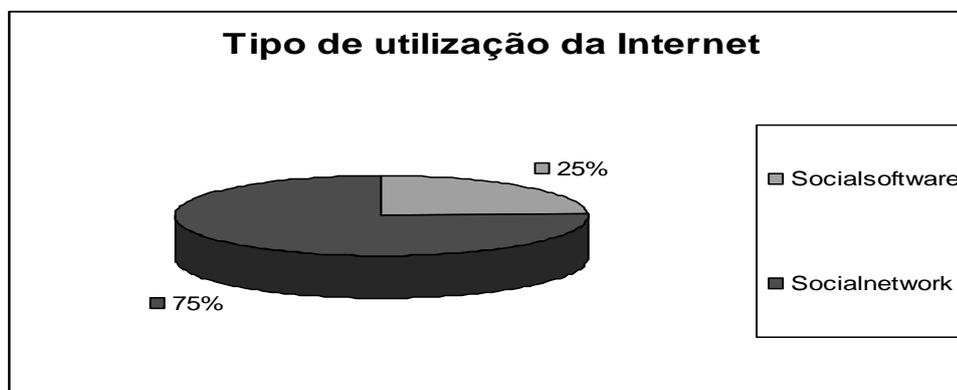
Os inquéritos exploratórios, aplicados a um total de 43 indivíduos, dos quais 28 do sexo feminino e 15 do masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 34 anos, residentes em Portugal (como podemos ver no quadro 7 que se encontra na seguinte página), esteve disponível online entre Dezembro de 2008 e Fevereiro de 2009.

Quadro 7: Distribuição dos inquiridos por localização

Local	Nº de inquiridos
Porto	8
Leiria	5
Madeira	5
Lisboa	4
Açores	3
Braga	3
Caldas da Rainha	3
Aveiro	2
Faro	2
Viana do Castelo	2
Vila Real	2
Évora	1
Setúbal	1
Tomar	1
Viseu	1
Total	43

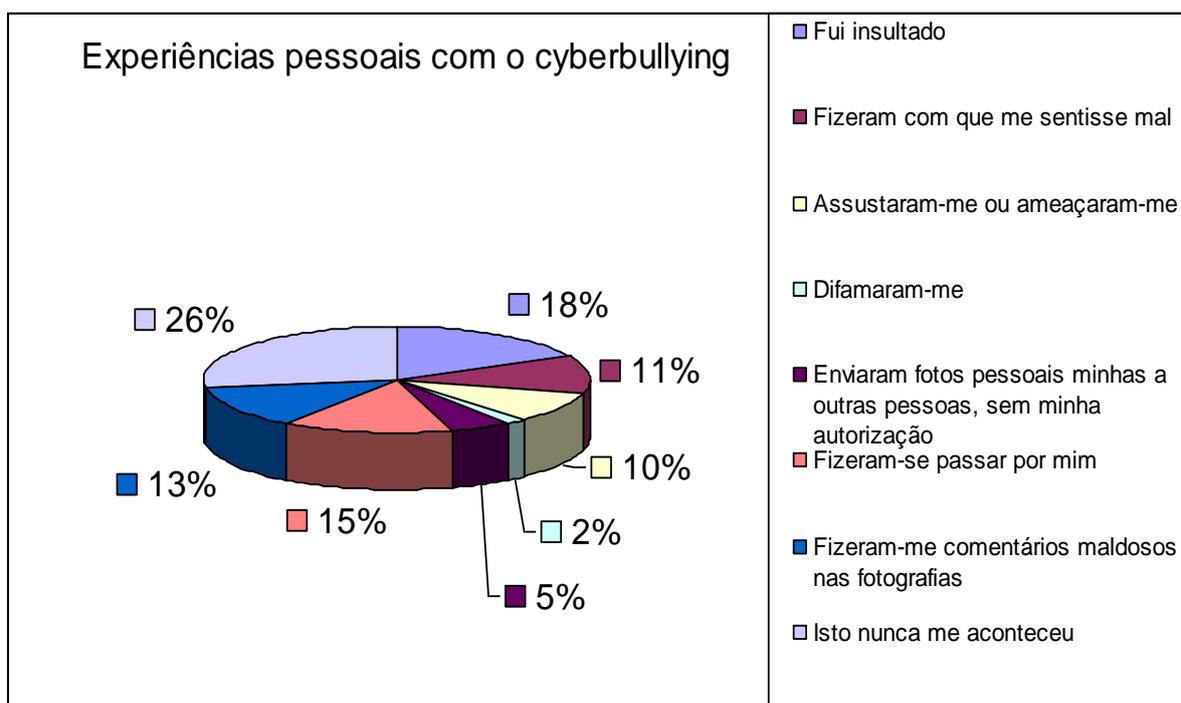
Neste inquérito, os indivíduos eram questionados acerca: do tipo de utilização que faziam da Internet; das experiências pessoais com o fenómeno do cyberbullying; a frequência com que era vítima de cyberbullying; acerca da prática de cyberbullying (se o inquirido já praticou e como); sobre a reacção do inquirido quando testemunha uma situação de cyberbullying e porque pensa que se pratica cyberbullying.

Relativamente ao tipo de utilização da Internet, como podemos ver no gráfico seguinte (3), a maioria dos inquiridos apenas faz uso do socialnetwork.

Gráfico 3: Tipo de utilização que os indivíduos fazem da Internet

No seguinte gráfico (4), podemos então observar os resultados obtidos face à experiência pessoal dos indivíduos em relação ao cyberbullying (sub-escala informação). A maioria refere que nunca foi vítima de cyberbullying, no entanto isto pode significar que tenha sido mas que não saiba. Dos que têm consciência de já terem sido vítimas, a maioria foi através de insultos, seguido de trocas de identidade e de comentários maldosos (no sentido pejorativo) em fotografias dos inquiridos. Com alguma significância encontramos também os casos em que o agressor agiu de maneira a fazer com que a vítima se sentisse mal (entenda-se por isto vinganças com vista em humilhar a vítima) e as perseguições em que o agressor tem por objectivo assustar ou ameaçar a vítima.

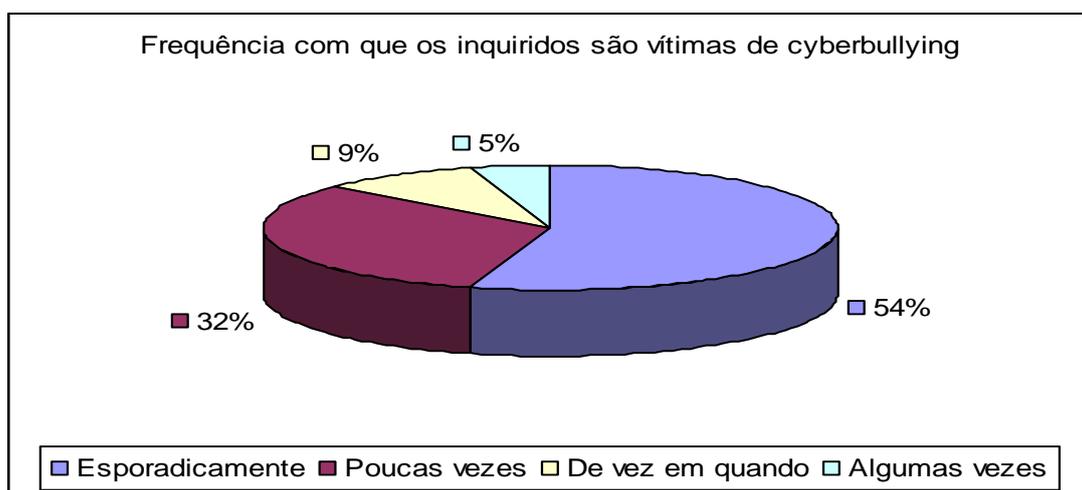
Gráfico 4: Experiências pessoais relativamente ao cyberbullying



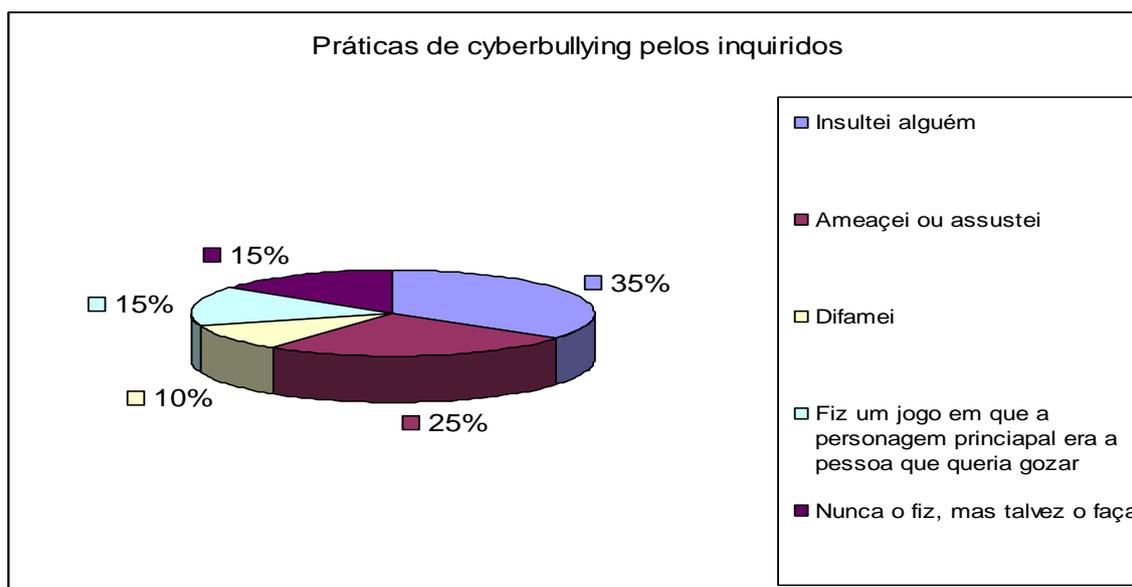
Questionados os inquiridos, vítimas de cyberbullying, acerca da frequência com que consideram (porque é impossível saber com certeza) ser vítimas de cyberbullying e os resultados dizem-nos que as vítimas querem acreditar que tal acontece apenas esporadicamente. Outros admitem que poucas vezes são vítimas de cyberbullying, enquanto que apenas 5% dos

inquiridos acredita que tal ocorre algumas vezes (com relativa frequência), como podemos ver no gráfico 5 (sub-escala informação).

Gráfico 5: Frequência com que os inquiridos admitem ser vítimas de cyberbullying

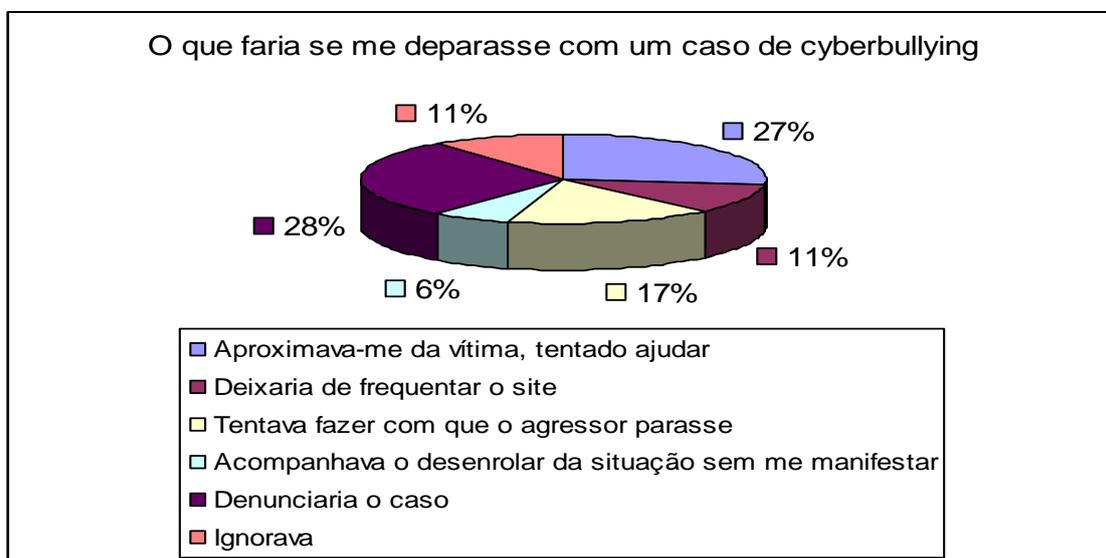


No entanto, interessados em conhecer também o outro lado da versão, inquirimos os indivíduos acerca do seu papel como eventuais praticantes de cyberbullying, pois o facto de terem sido vítimas, não significa que não possam eles mesmos ser agressores (sub-escala atitudes). Ou de se quererem vingar de quem lhes fez aquilo. Como podemos ver no gráfico da página seguinte (6), a maioria admite ter insultado as vítimas, seguindo-se as ameaças e o acto de assustar as vítimas como práticas predilectas dos nossos inquiridos. De salientar é mesmo o facto de 15% dos inquiridos dizer que nunca o fez, mas não descurar a hipótese de o vir a fazer.

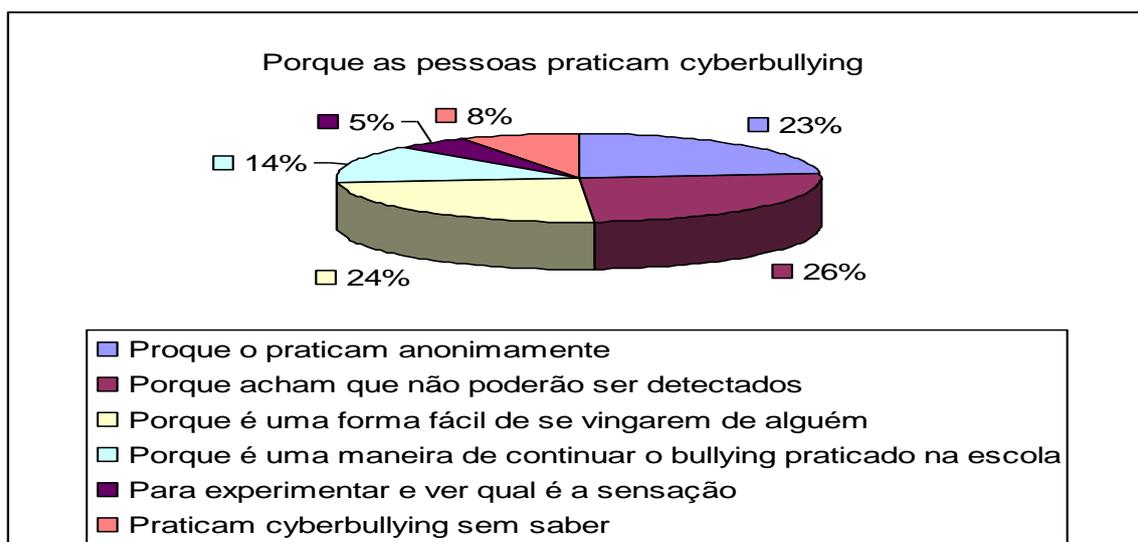
Gráfico 6: Práticas de cyberbullying pelos inquiridos

Relativamente à atitude dos inquiridos face ao facto de se depararem com um caso de cyberbullying com o qual não tivessem nada a ver, como podemos analisar no gráfico seguinte (7), a maioria dividia-se entre denunciar o caso e aproximar-se da vítima com vista em ajudá-la. Com significância temos 17% dos inquiridos a afirmar que a sua atitude seria a de tentar fazer com que o agressor parasse. Por fim temos um reduzido número de indivíduos (6%) que, além de se mostrarem inactivos no caso de descobrirem uma situação de cyberbullying, admitem não fazer nada mas começar a acompanhar o desenrolar do caso, como se de uma telenovela se tratasse (sub-escala atitudes).

Gráfico 7: Atitudes dos inquiridos caso se deparassem com um caso de cyberbullying



E para finalizar o breve questionário, inquirimos as pessoas acerca do motivo que encontravam para justificar a prática de cyberbullying (como podemos ver no gráfico 8) e pudemos constatar que a maioria o justificava devido ao facto de acharem que não seriam detectados (logo não haveriam represálias). O facto de considerarem o cyberbullying uma forma fácil de se vingar de alguém e de poder ser praticado anonimamente são os outros dois factores mais apontados pelos nossos inquiridos (sub-escala crenças). O que faz todo sentido, pois a Internet é um dos meios em que é mais simples manter a identidade secreta.

Gráfico 8: Porque se pratica cyberbullying?

Assim, da análise dos resultados obtidos com este inquérito exploratório, partimos para a elaboração e aplicação de algumas entrevistas semi-estruturadas, pois, tal como já foi referido, os inquéritos exploratórios sofrem de um défice de profundidade ao qual somente as entrevistas poderão dar resposta.

2.5 Entrevistas

Técnicas de larga tradição nas ciências sociais, as entrevistas têm sido diversas vezes denominadas por “conversas com um objectivo”, nas quais podem ser retiradas informações ricas em significado e muitas vezes cruciais para uma investigação que, de outro modo, nos poderiam escapar (Burgess, 197: 112). A entrevista é uma técnica que nos permite fugir da monotonia psicológica da “pergunta-resposta” caracterizando-se por parecer uma aprazível conversa em que se faz crer que o protagonista é o entrevistado. Mais ou menos estruturada, mais aberta ou mais fechada a entrevista é uma técnica bastante flexível que, dependendo da capacidade do investigador, pode ser totalmente conduzida, manipulada e controlada de forma a se conseguir os objectivos traçados: informação (complementar ou não) acerca do objecto de estudo.

Voltadas especialmente para a recolha de informação acerca de fenómenos complexos, a entrevista semi-estruturada permite-nos desvendar o entendimento dos entrevistados sobre a sua relação com o problema em estudo ao mesmo tempo que permite ao entrevistador um ligeiro controlo em relação à informação que é de seu objectivo recolher. Nesse sentido, procurou-se com este instrumento explorar o conhecimento dos indivíduos face ao conceito, os exemplos que sabem identificar como cyberbullying e ainda a sensibilidade demonstrada face à problemática.

Tendo em conta estes objectivos elaborou-se um questionário por entrevista (recordem-se que foi definida a aplicação de uma entrevista semi-estruturada, logo existe necessidade de um pequeno guião flexível em termos quer da formulação da pergunta como da ordem em que é colocada) incidindo sobre o fenómeno em estudo, o cyberbullying, e tendo em conta as seguintes variáveis: confirmação da existência de um estágio de pré-cyberbullying; uso das novas tecnologias; conhecimento do conceito; identificação de casos de cyberbullying; experiência pessoal com o problema; sensibilidade acerca do fenómeno. Cada uma destas variáveis correspondia a uma divisão em três sub-escalas: informação, atitudes e crenças acerca do fenómeno em estudo. Em

relação à variável “uso das novas tecnologias”, esta visa ajudar na caracterização dos entrevistados.

Foram então aplicadas um total de 26 (vinte e seis) entrevistas a alunos da Universidade do Minho, 21 (vinte e uma) das quais por e-mail e 5 (cinco) pessoalmente (basicamente na qualidade de informadores privilegiados). De entre os 26 entrevistados, contam-se 18 (dezoito) elementos do sexo feminino e apenas 8 (oito) do sexo masculino, seleccionados ao acaso entre os alunos do 1º, 2º e 3º ciclo de estudos (licenciatura, mestrado e doutoramento, respectivamente) da Universidade do Minho. Do 1º ciclo de estudos constam um total de 20 (vinte) entrevistados pelo facto deste ciclo de estudos representar a maioria dos estudantes da Universidade do Minho. Estes 20 entrevistados são oriundos de todas as áreas: desde as ciências sociais, passando pelas ciências da tecnologia e informação, da saúde e pelas engenharias. Relativamente aos estudantes do 2º ciclo, temos 5 entrevistados das áreas da Sociologia e Psicologia e do 3º ciclo de estudos temos apenas um entrevistado, este do ramo da Psicologia Educacional. No que respeita aos alunos do 2º e 3º ciclos de estudo, a sua selecção foi feita do seguinte modo: de entre o total de contactados, somente estes se mostraram disponíveis em colaborar. Por fim, de entre o total de entrevistados, a variação de idades situou-se entre os 18 e os 50 anos, apesar de não ter sido colocado qualquer tipo de controlo etário, pois nesta fase não se justificava delimitar idades uma vez que o objectivo principal era recolher informação, além de que o cyberbullying é algo a que qualquer um está sujeito, independentemente da idade ou sexo.

Relativamente às entrevistas, primeiramente foram feitas 5 (cinco) pessoalmente, em local público apropriado com ambiente calmo, propício à finalidade e nada constrangedor para ambas as partes. De entre os entrevistados constam 3 elementos do sexo feminino e 2 do sexo masculino, seleccionados criteriosamente na condição de informantes privilegiados: estudantes do 2º ciclo de estudos (mestrado) em áreas das ciências sociais e humanas (nas quais se enquadra esta investigação); utilizadores regulares das novas tecnologias (com especial relevo para a Internet e os telemóveis); demonstrando níveis de sociabilidade elevados e já com experiência laboral (o contacto com o mundo laboral proporciona sempre um outro tipo de

competências relacionais e crescimento interior que alguém sem experiência neste campo ainda não possui trabalhadas).

No que respeita às outras 21 entrevistas, realizadas por e-mail, tem a dizer-se que se efectuaram com dois intuitos: primeiro de complementar e confirmar os dados já recolhidos e segundo para recolher os elementos necessários à elaboração de um inquérito inspirado na escala de Lickert com a finalidade de medir a informação, crenças e atitudes dos indivíduos face ao cyberbullying.

Relativamente aos resultados obtidos:

- **Variável 1 – Confirmação da existência de pré-cyberbullying (informação):**

Analisando os resultados obtidos, pude constatar que a maioria dos entrevistados (19 em 28) confirmou o uso do telefone fixo e da fotocopiadora para a prática de pré-cyberbullying, como podemos verificar nos seguintes testemunhos:

Entrevistado 5: *“Fotografias de pessoal nos balneários das escolas que depois acabam fotocopiadas e espalhadas pela escola...”*

Entrevistado 23: *“Colavam fotocópias de fotos nas árvores, de um rapaz que era gozado por todos e que eram tiradas nos balneários”.*

Entrevistado 28: *“Por telefone sim, usávamos o de fora da escola: os que não tinham telemóvel pegavam no telefone público e punham-se a fazer asneira. Era mais as raparigas a ligar pra outras a insultá-las e ameaçar por causa de namorados e de rapazes de quem estavam afim ou de casos de fins de namoro.”*

- **Variável 2 – Uso das novas tecnologias (caracterização):**

A grande conclusão que daqui se retira é que as novas tecnologias são o vício de muita gente, como é o caso do **Entrevistado 1:** *“Sou completamente viciada! Uso o telemóvel para tudo (...) filmar, fotografar (...).”* E como podemos verificar, os entrevistados afirmam que usam as novas tecnologias

(principalmente telemóvel e internet) para tudo: fotografar, filmar, conversar, trabalhar, jogar, etc., como podemos constatar no testemunho do **Entrevistado 20**: *“Basicamente um pouco para tudo, até a novela vejo pela internet quando tenho tempo, isto porque como mestranda que sou, tenho pouco tempo para estar em casa, a ver TV.”*

No entanto, comparativamente com a variável seguinte, acerca do conhecimento do conceito de cyberbullying, permite-nos constatar que os utilizadores de socialsoftware demonstram um maior à vontade perante o fenómeno, enquanto que os restantes utilizadores das novas tecnologias demonstram pouco conhecer o fenómeno, como podemos confirmar comparando o testemunho do entrevistado 16 (utilizador de socialsoftware) e do 28 (utilizador de socialnetwork).

Entrevistado 16: *“Uso muito a Internet (...) para tudo (...) gosto mais de jogar MMORPGs (Massive Multiplayer Online Role-Playing Game) e é, de facto, um vício.”*

Entrevistado 28: *“Uso a internet apenas para o socialnetwork, mas só comecei nisto no 2º ano da universidade que foi quando comecei a conhecer bem aquilo.”*

- **Variável 3 – Conhecimento do conceito (informação):**

Aqui está um ponto que, após a análise das entrevistas, muita curiosidade me despertou: até que ponto as pessoas que até conhecem o significado do conceito de cyberbullying? A resposta surgiu em muitas entrevistas e dividiu-se segundo alguns aspectos: os que desconhecem o termo técnico mas que quando associado à explicação demonstram ter algum conhecimento sobre o assunto, como no caso do **Entrevistado 13**: *“Honestamente não tinha conhecimento que esse tipo de situações se designava cyberbullying. Talvez por ignorância minha mas não tinha noção sequer que isso tinha um termo técnico.”*; depois temos aquelas pessoas que conhecem o conceito apenas devido às reportagens emitidas pela televisão na altura do caso *Carolina Michaelis*, e que apenas associam o cyberbullying a esse tipo de casos, como o **Entrevistado 28**: *“Conheço o conceito de*

cyberbullying mas o que sei é a partir da televisão. Pessoalmente nunca cheguei a conhecer casos desses. Quer dizer, até me posso ter deparado com eles mas sem ter consciência de que fossem cyberbullying. Agora, páginas falsas no Hi5 feitas por pessoas para denegrir a imagem a alguém volta e meia aparecem, mas são facilmente detectáveis... mas não tinha consciência de que isso pudesse ser classificado como cyberbullying.” E o **Entrevistado 3**: “*Só com o surgimento da Web 2.0 é que me comecei a deparar com os casos de cyberbullying. (...) Conhecimento de cyberbullying tenho mais da televisão porque na Internet quando me deparo com estes casos não costumo ter noção de que são cyberbullying. Só se depois reflectir sobre o conceito.”* Por fim temos o caso do **Entrevistado 16** que parece conhecer bem o conceito: “*Como utilizador assíduo da Internet vejo que é relativamente fácil e rápida a prática de cyberbullying. Embora alguns casos sejam difíceis de identificar se não houver um seguimento da nossa parte, outros são bastante visíveis.”*

- **Variável 4 – Identificação de casos de cyberbullying (informação):**

Com um maior ou menor esforço reflectivo os entrevistados conseguem identificar alguns casos, mais ou menos graves, de cyberbullying. No entanto é de registar que todos eles demonstraram¹⁵ algum receio em expor os casos que pensavam ser cyberbullying. Tinham receio de errar, de estar a exagerar. Todos tinham uma noção que para ser cyberbullying tinha de ser algo exponencialmente significativo, facto que atribuo à falta de informação acerca do conceito. Ficam aqui alguns dos exemplos mais significativos que os entrevistados identificaram:

Entrevistado 1: “*Lembro-me de receber inúmeros e-mails com fotos íntimas.”*

Entrevistado 4: “*Um aluno teve acesso à password de um colega que não gostava e acedeu ao e-mail, Hi5 e MSN dele para se fazer passar por ele e insultar amigos de modo a causar-lhe problemas. Assim como colocou fotos*

¹⁵ No caso das entrevistas por e-mail foi relativamente fácil detectar isso por meio da escrita utilizada. Da pontuação, expressões utilizadas e mesmo pela forma como relataram o caso.

inapropriadas no Facebook que o difamaram dada a idade complicada que atravessamos nessa fase [17-18 anos].”

Entrevistado 8: *“Tive conhecimento de um caso [cyberbullying] de uma jovem de uma escola secundária (que frequentei) que foi filmada a ter relações sexuais com vários colegas (penso que foi filmada com uma câmara de telemóvel) O vídeo foi posteriormente divulgado, inclusive esteve (ou ainda está) disponível na Internet. Não conheço pessoalmente as pessoas envolvidas, no entanto, soube-se que esta situação teve consequências terríveis para a vítima, tendo até mudado de cidade.”*

Entrevistado 13: *“Conheci um caso de uma segunda companheira de um adolescente que decidiu enviar mensagens de ameaça (em modo confidencial) para a companheira do rapaz. As mensagens, via telemóvel, consistiam basicamente em conselhos para a parceira acabar o namoro ou, em caso contrário, seria alvo de uma punição qualquer.”*

Entrevistado 14: *“Eu conheço um caso de uma colega da minha filha que tinha um telemóvel de fotografar e filmar. Ela queria agradar a um rapaz da escola e meteu-se na casa de banho a masturbar-se e a filmar ao mesmo tempo. Enviou ao rapaz o acto directo pelo telemóvel e o rapaz pegou na filmagem e começou a mostrar a toda a gente. A minha filha disse que ela (a amiga) foi muito humilhada por todos os colegas e que toda a escola viu o vídeo. A minha filha tem 13 anos, portanto a outra é da idade dela.”*

Entrevistado 15: *“Chegou até mim a notícia por intermediário de uma amiga, um vídeo de título sexual, sobre alguém que ela conhecia, vingança talvez do ex-namorado, pensava-se. Sei que esse delicado assunto chegou até à PJ onde foram feitos exames e lá foi verificado que a pessoa do vídeo não era a pessoa cuja imagem estava a ser danificada.”*

Entrevistado 18: *“Sei de casos de pessoas que se passam por desconhecidos/estrangeiros, conversam com a vítima com vista a um ambiente mais íntimo entre os dois, para depois tirar printscreen’s à webcam da vítima e espalhar pela internet. Sei de um amigo meu que já fez isso no gozo a outro rapaz e vê-se que há várias raparigas vítimas disso (...) mandam filmes nus prós namorados, este manda para o melhor amigo e este manda para toda a gente (...). E raparigas que praticam sexo com o namorado e filmam, há casos de esses vídeos terem ido parar há internet (...) apesar de não ser grande*

escândalo (...) as pessoas tendem a achar a rapariga uma “prostituta” e a espalhar má fama.”

Entrevistado 20: “ (...) Quando se acaba o namoro e se utiliza as SMS e os emails para fazer chantagem com o parceiro “ou ficas comigo ou suicidome”; Ou ligar para saber onde estás, com quem e a fazer o quê apesar da já não continuarem juntos (...).”

Entrevistado 21: “Assisti um vídeo que um rapaz gravou da relação íntima dele com a namorada. A menina tinha menos de 15 anos, todos na escola onde ele estudava assistiram o vídeo, e acredito que ela tenha mudado de escola.”

Entrevistado 27: “Já recebi muitas fotografias de raparigas estudantes que estão em Lisboa que acabam com os namorados estes publicam fotos íntimas delas e reencaminham para os amigos. Tudo por e-mail. (...) Os casos de cyberbullying com que me tenho deparado são todos de fins de relacionamentos, vinganças amorosas. Já me deparei com a divulgação de um amigo meu. Tiraram uma foto dele do Hi5 de uma festa de anos e colocaram como se fosse depois de sair da associação da qual ele faz parte, a dizer que ele ia fazer festas com o dinheiro da associação. Queriam difamá-lo para se apoderar do cargo dele na associação. Denegrir a imagem dele. Mas distribuíram tanto a imagem que acabou por ser reencaminhada para a vítima (o meu amigo) e este tomou providencias.”

- **Variável 5 – Experiência pessoal com o problema (atitudes):**

Regra geral os entrevistados tem dificuldade em admitir as suas experiências pessoais com o fenómeno. Muitos não tem consciência se já praticaram cyberbullying ou não (ou então se a têm preferem dar a entender isso). Alguns porém admitiram já o ter feito e até ter desfrutado do momento, embora garantindo que não tencionam repetir a experiência.

Algumas pessoas, que inicialmente admitiram fazer uso do socialsoftware, demonstram uma maior à vontade com este fenómeno e falam das suas experiências pessoais sem reprimir-se enquanto que os simples utilizadores de socialnetwork tomaram uma atitude quase que de defesa

pessoal em relação às suas experiências pessoais. Para confirmar isto podemos confrontar o contributo do Entrevistado 28, utilizador de socialnetwork com o contributo do Entrevistado 16, adepto do socialsoftware:

Entrevistado 28: *“Que eu saiba nunca fui vítima disso. Mas posso muito bem ter sido e não saber. (...) De resto não me lembro ou não tenho consciência de ter feito cyberbullying. Uma vez uma gaja roubou-me o namorado e lembro-me de ter feito uma montagem num jogo onde a cabeça do boneco era a foto da gaja e de ter mandado aquilo para ela. Mas não tenho consciência se isso é cyberbullying, porque eu só mandei isso pra ela...”*

Entrevistado 16: *“Sim meti-me com um colega meu, não é difícil, um número novo è fácil de arranjar e uma história convincente também. No meu caso foi para me divertir, mas não é difícil arranjar problemas a alguém assim, e só querer.”*

- **Variável 6 – Sensibilidade para com o problema (crenças):**

A maioria dos entrevistados demonstra alguma sensibilidade perante o problema, no entanto existem pessoas que não demonstram ter consciência dos efeitos da prática de cyberbullying, como é o caso do **Entrevistado 9:** *“Não é problemático porque é costume gozar com os colegas, mas isso também e feito cara-a-cara.”* Porém um caso é um caso, logo não é possível fazer uma generalização relativamente à atitude demonstrada por este indivíduo. É sim possível fazer uma generalização face às outras atitudes demonstradas: a maioria especula que a vítima de cyberbullying sofra consequências graves como referem alguns entrevistados:

Entrevistado 1: *“As pessoas que praticam cyberbullying são imaturas porque estão a denegrir a imagem de alguém (...) a pessoa não se pode defender. Estão a por a vingança numa escala demasiado grande.”*

Entrevistado 2: *“Acho uma tremenda estupidez (...) qual é a vantagem de gozar-se os outros? E o pior mesmo é que gozam com as pessoas mais indefesas, inseguras... o que pode prejudicar radicalmente a vida em comunidade do indivíduo em causa. (...) Quem faz isso deve ser um frustrado*

(...) numa tentativa de inferiorizar os outros para se sentir superior junto dos mesmos.”

Entrevistado 3: “ (...) A vítima pode ser afectada para sempre e em certos casos pode destruir a vida social da pessoa. Mas também há casos divertidos que não afectam muito a pessoa.”

Entrevistado 6: “A vítima desses tipos de situações deve sentir uma vergonha e impotência perante a situação.”

Entrevistado 11: “A vítima sofrerá sempre do trauma de ser o gozado e irá inferiorizar-se durante toda a vida! Os miúdos são normalmente e por natureza cruéis! Mas há, ou pelo menos devem-lhes ser impostos limites. Para preservar a geração de amanhã!”

Entrevistado 12: “Não podemos descartar a hipótese da pessoa ficar com mazelas, no sentido de viver uma experiência desagradável, andar com receio que algo lhe possa realmente acontecer (no caso de ameaças), ou ver a sua intimidade exposta indignamente (no caso de exposições de fotografias alheias), mas também há pessoas que conseguem dar a volta por cima.”

Entrevistado 15: “Bloqueia-se o número, isto no caso de assédio. Se o caso for difamação por terceiros aí é mais grave e não há métodos fáceis para o impedir, e mais gravoso como é óbvio mas há sempre formas legais de o fazer, (...) contudo o mal é fácil de fazer e nunca tem remédio, lembro-me (...), que a senhora visada sofreu represálias a nível do trabalho e precisou de emigrar.”

Entrevistado 16: “É uma forma de perseguição, assédio e humilhação do outro. A vítima pode experimentar inúmeras consequências negativas, quer a nível psicológico (ex. baixa auto-estima, sintomas depressivos, etc.) como a nível relacional e social (ex. isolamento, deturpação do estilo de vida).”

Entrevistado 18: “Creio que este tipo de acontecimentos, são actos de quem “não tem mais do que fazer”, ou que sofrerá se não de algum distúrbio, pelo menos de falta de respeito para com os outros. E não dá para entender muito menos aceitar que sejam actos de brincadeira. Dependendo “da brincadeira” pode causar danos gravíssimos, não digo irreversíveis, mas há muito tipo de pessoas, e algumas podem ser bastante sensíveis a esse tipo de atitude. (...) Pelo menos eu, cresci a aprender que “há coisas que nem a brincar se fazem/dizem”.

Entrevistado 27: *“Acho que tem sempre consequências para as vítimas, independentemente do tipo e da intensidade do cyberbullying. Desde ao desenvolvimento de complexos, ao medo constante que pode nunca ser superado, aos desvios de personalidade.”*

Entrevistado 28: *“Ninguém gosta de ser insultada e fazer-se passar por alguém que não és e não poder controlar isso. O pior que acho é mesmo o facto de não se poder defender nem controlar aquilo que as outras pessoas fazem. Depois não há forma de provar que foi este ou aquele a fazer isso. Isso é o que mais dá cabo da cabeça à vítima. Alguém põe a circular uma informação falsa, uma imagem ou um vídeo. Mesmo que tu, vítima, te deias conta do sucedido, que podes tu fazer para acabar com isso? Nada. O agressor é quem controla tudo. Mesmo que faças queixa na polícia eles não conseguem eliminar tudo. Na internet isso é impossível. Não se consegue eliminar algo que se comece a distribuir.”*

No entanto o facto de demonstrarem alguma sensibilidade face ao fenómeno não significa necessariamente que um dia estas pessoas não o venham a praticar, o que demonstra a existência de ambivalências entre as crenças e as atitudes. Tal como podemos verificar no discurso do **Entrevistado 28**, que como podem ver em cima, demonstrou-se sensível e reconheceu que a vítima se encontra indefesa perante uma situação dessas: *“Se tivesse motivos era capaz de o fazer, nunca se sabe. E se o fizesse usaria todos os meios que tivesse ao meu alcance.”*

2.6 Inquéritos por quotas

Dada a inexistência de uma base de sondagem com dados suficientes à selecção de uma amostra de carácter representativo e adequada ao fenómeno em estudo, aliada aos obstáculos que se enfrentam no emprego de técnicas de amostragem espacial (em Portugal, na Universidade do Minho), vemo-nos obrigados a recorrer à aplicação de inquéritos não probabilístico por quotas, de forma a obter uma representatividade suficiente para a reprodução das variáveis necessárias ao estudo em causa (Ghiglione e Matalon, 1992: 41; PSE, 2005: 3).

Definidas as quotas em geral em função de características simples, neste caso foi escolhido o sexo dos indivíduos como parte significativa, uma vez que nos permite identificar se existem diferenças entre o nível de informação, as crenças e as atitudes entre os sexos, ao mesmo tempo que nos garante um equilíbrio no número de respondentes masculinos e femininos, não havendo lugar para o predomínio de um dos sexos em detrimento do outro. Assim sendo, os inquéritos foram aplicados, dentro do universo delimitado pelos alunos de licenciatura da Universidade do Minho, campus de Gualtar, a uma amostra de 50 alunos, definida por quotas relativamente ao sexo dos inquiridos, ou seja, dos 50 alunos inquiridos constam 25 do sexo masculino e 25 do sexo feminino. Estes inquéritos foram aplicados na quarta-feira, dia 20 de Maio de 2009 a todos os que se encontravam entre as 14h30 e as 15h10 na sala de informática do Complexo Pedagógico 2, ou seja, durante 40 minutos, foram aplicados inquéritos aos alunos ali presentes até ao fechamento das quotas. O motivo da escolha da data e hora tem em conta o facto de à quarta-feira à tarde os Serviços Académicos da Universidade do Minho estarem fechados (o que me garante que nenhuma aluno se encontra lá, logo, poderá dispor desse tempo para se dirigir à sala de informática) e de ser o dia que normalmente menos carga horária comporta pois é também o dia dedicado pelos institutos à marcação de reuniões, e por fim, em relação à hora, situa-se após o período de almoço (horário da cantina) e antes do período do lanche (que se costuma efectuar pelas 16-17h segundo os funcionários dos bares

existentes na Universidade), pelo que se caracteriza como um horário propício à estada dos alunos nas salas de informática para navegação, elaboração de trabalhos ou estudo individual (são muito utilizadas as plataformas de e-learning).

Relativamente ao local seleccionado, a sala de informática do Complexo Pedagógico 2 do campus de Gualtar da Universidade do Minho, deve-se ao facto de ser o local onde foram encontradas melhores condições à aplicação do inquérito por quotas: era onde se aglomeravam mais pessoas que aceitavam colaborar, era um local conveniente tanto para o investigador como para o inquirido, é a maior sala de informática da Universidade (pois são quatro salas juntas), é um local maioritariamente frequentado por alunos de licenciatura de todas as áreas, é um local que assegura que todos os presentes têm contacto com as novas tecnologias. Além de que é um espaço dotado de algum conforto (temperatura regulada, mesas e cadeiras em quantidade suficiente).

Assim sendo, foi elaborado um primeiro inquérito, inspirado nos dados recolhidos por meio das entrevistas e sujeito a pré-teste. O pré-teste foi aplicado aos elementos do grupo de informadores privilegiados que mais se assemelhavam à população alvo e demonstrou haver necessidade de efectuar pequenas correcções. Feitas as devidas correcções foi executado novo pré-teste, resultando na aprovação do inquérito elaborado. Neste sentido, o inquérito final subdivide-se em duas partes:

1. Um questionário de caracterização com vista em caracterizar os inquiridos face às seguintes variáveis: sexo, idade, curso, número de anos que utiliza a Internet, tipo de utilização que faz da Internet, frequência com que vai à Internet, número de horas que passa na Internet por dia e por semana.

2. Um questionário de representações sociais¹⁶ sobre o cyberbullying, com 15 questões sobre o tema, elaborado segundo uma escala reduzida tipo Likert, acerca das seguintes variáveis: informação (que pretende avaliar a quantidade e qualidade que os inquiridos possuem acerca do fenómeno), crenças (que pretende avaliar os valores que os inquiridos apresentam face ao cyberbullying) e atitudes (que pretende avaliar as intenções comportamentais dos indivíduos face ao cyberbullying).

¹⁶ Pois segundo Jodelet (1984), as representações sociais são formas de conhecimento prático adquiridas no dia-a-dia e orientadas para a explicação e entendimento de fenómenos ou acontecimentos.

Este questionário, prevendo apenas uma resposta por questão, obrigava, propositadamente o indivíduo a posicionar-se numa escala tipo Likert, mas mais reduzida, contando apenas com 4 posições ao invés das tradicionais 5. Tal facto prende-se com a intenção de forçar o indivíduo a tomar uma posição, evitando que se refugie numa resposta de não-posicionamento, como “nem concordo nem discordo”, prevista na tradicional escala de Likert de 5 posições. Assim, os indivíduos tinham de optar entre o “não concordo totalmente” (1), “não concordo” (2), “concordo” (3) e “concordo totalmente” (4). A chave de cotação face a cada resposta era variante, uma vez que haviam questões cuja avaliação necessitava ser invertida, pois eram afirmações incorrectas.

Estas 15 questões, divididas uniformemente em grupos de 5 itens pelas 3 sub-escalas (informação, crenças e atitudes), foram cotadas da seguinte forma: sendo 5 itens cuja cotação poderia ir de 1 a 4, o nível máximo de informação, crenças e atitudes que um indivíduo poderia apresentar seria 20. Caso a afirmação fosse negativa a cotação trocava e de 1 a 4 passaria a ser feita de 4 a 1 (sendo que a resposta correcta seria “não concordo totalmente” que estava assinalada como 1, passaria a valer 4). Considerou-se que quanto mais alta fosse a pontuação obtida em cada sub-escala, maior seria o nível de informação acerca do fenómeno que os indivíduos possuíam, crenças mais positivas e enquadradas com a realidade surgiriam e as atitudes seriam as mais correctas e de conformes com a informação e crenças de cada um.

As questões referentes à sub-escala informação correspondiam aos itens 1, 3, 6, 9 e 15; a sub-escala crenças correspondia aos itens 2, 8, 12, 13 e 14 e a sub-escala atitudes correspondia aos itens 4, 5, 7, 10 e 11, como podemos visualizar no seguinte quadro (8):

Quadro 8: Sub-escalas e questões associadas

Sub-escalas	Nº de itens	Questões
Informação	5	1, 3, 6, 9, 15
Crenças	5	2, 8, 12, 13, 14
Atitudes	5	4, 5, 7, 10, 11
<i>Total</i>	<i>15</i>	<i>-</i>

2.6.1 Caracterização dos inquiridos

Caracterizando os nossos inquiridos, 25 do sexo masculino e 25 do sexo feminino (uma vez que foram determinadas quotas segundo a variável sexo), podemos observar segundo a análise do seguinte quadro que a variância de idades se situa entre os 18 e os 25 anos, sendo a idade média 21 anos (ver quadro 9 e 10) Por facilidades estatísticas procedeu-se ao agrupamento dos indivíduos com idades inferiores à média e dos com idades iguais ou superiores à média, formando assim dois grupos: o dos mais jovens, entre os 18 e os 20 anos, que, como podemos ver no quadro seguinte, abrange 20 jovens, e o dos 21 aos 25 anos, abrangendo 30 dos inquiridos.

Quadro 9: Distribuição dos inquiridos segundo os grupos etários

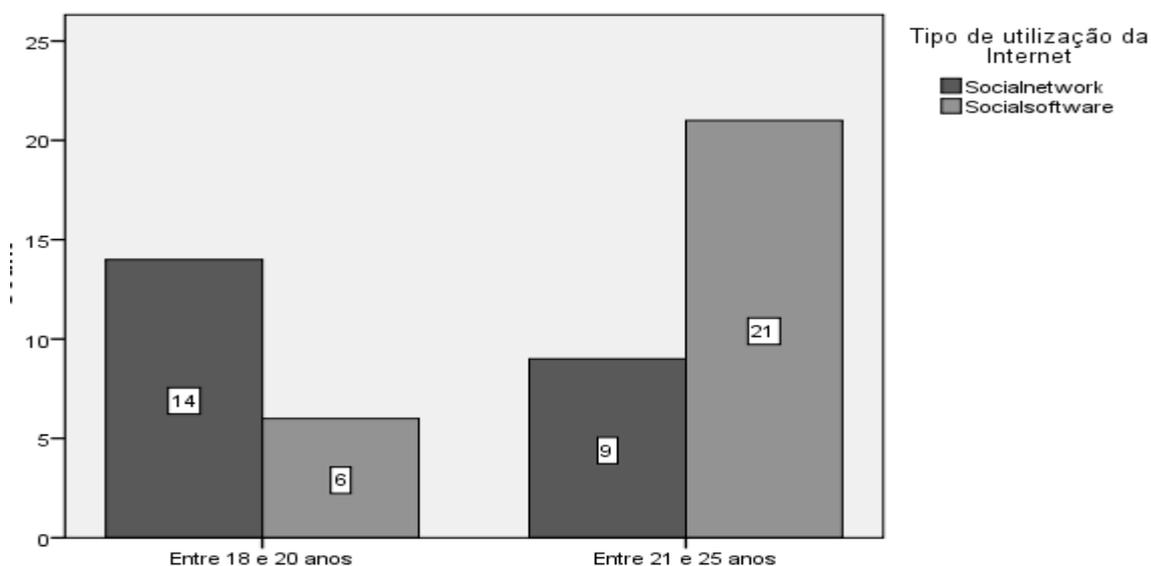
Grupos etários		
	Frequências	%
Entre 18 e 20 anos	20	40,0
Entre 21 e 25 anos	30	60,0
Total	50	100,0

Quadro 10: Distribuição das idades dos inquiridos

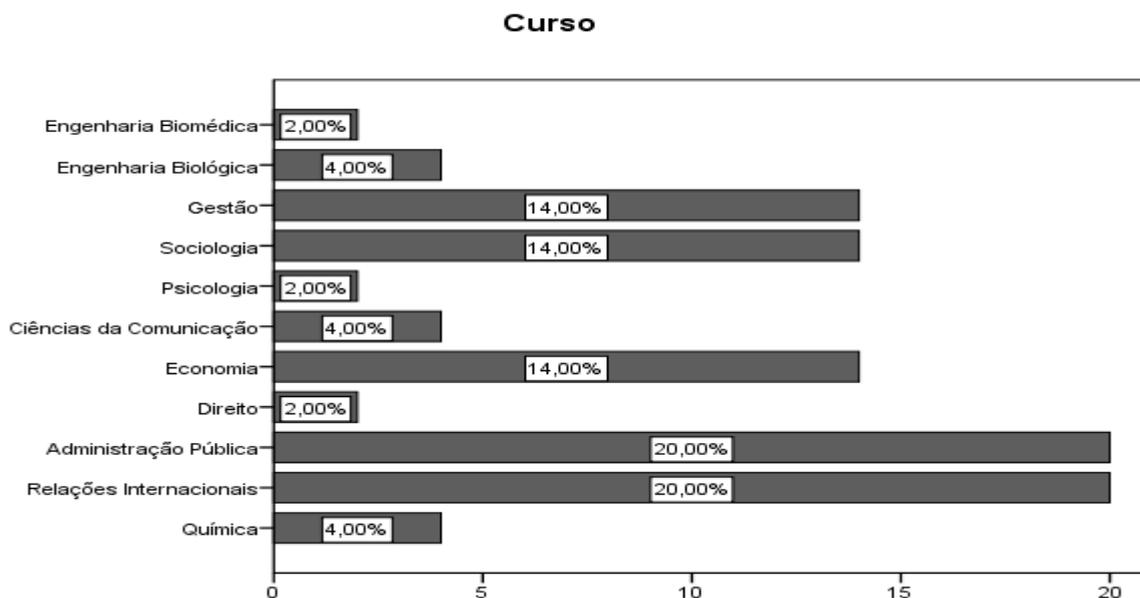
Idades	
Mínima	18
Máxima	25
Média	21

Esta subdivisão dos indivíduos segundo grupos etários foi crucial para fazer a relação entre a idade e o tipo de utilização que os indivíduos fazem da Internet, concretamente se usam mais socialnetwork ou socialsoftware consoante a idade. Tal como podemos ver no seguinte gráfico (9), existe uma clara relação entre a idade dos indivíduos e o tipo de utilização que fazem da Internet: os inquiridos pertencentes ao grupo etário mais novo (18 a 20 anos) fazem um uso maioritário do socialnetwork, enquanto que os indivíduos pertencentes ao grupo etário mais velho (21 a 25 anos) utilizam mais o socialsoftware.

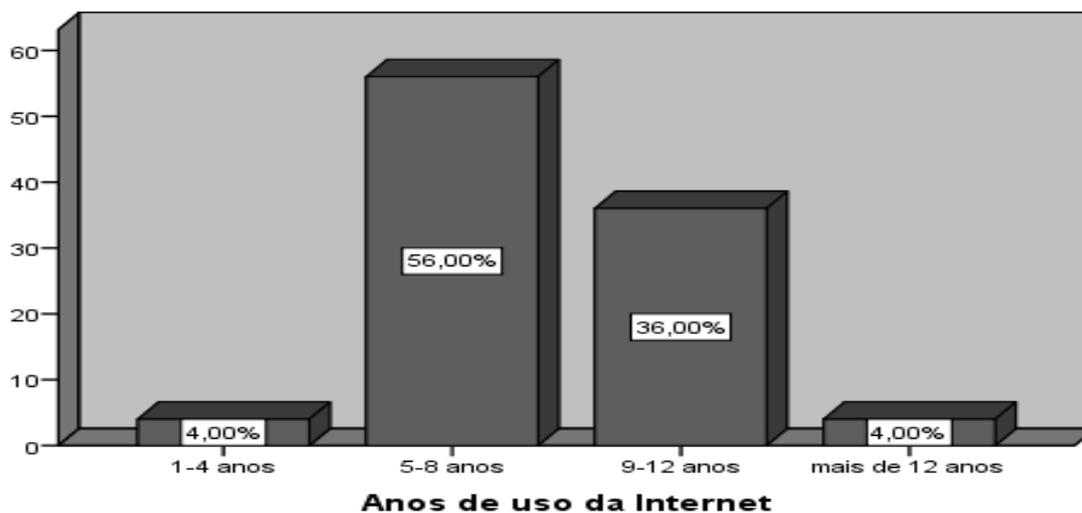
Gráfico 9: Tipo de utilização da Internet face aos grupos etários



Analisando agora os inquiridos segundo o curso, podemos antever um claro predomínio da área das ciências sociais e humanas face à área das ciências exactas. A maioria dos indivíduos vem de cursos como Administração Pública e Relações Internacionais (20%), seguidos dos cursos de Economia, Gestão e Sociologia (14%), como podemos ver no gráfico 10, situado na página seguinte.

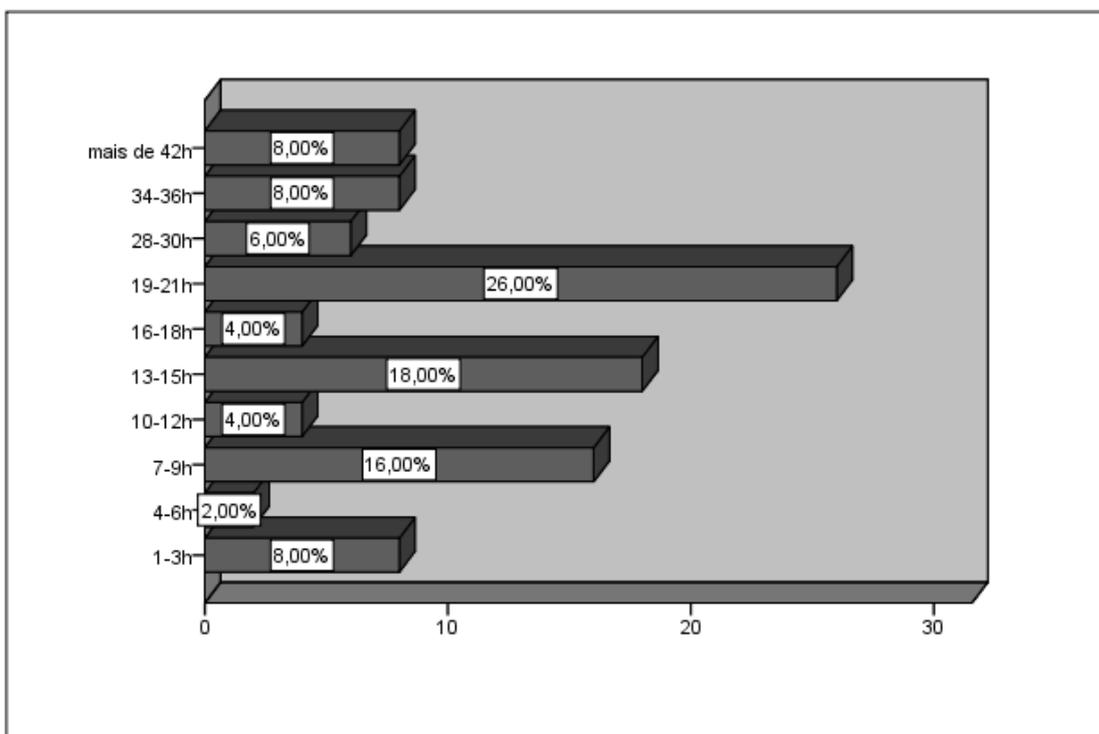
Gráfico 10: Distribuição dos inquiridos face ao curso

Relativamente à variável “anos de utilização da Internet”, 56% dos inquiridos referem utiliza-la mais ou menos há 5-8 anos, seguido de 36% dos inquiridos que diz que já há 9-12 anos que a utiliza. Com valores residuais de 4% estão os que usam a Internet à menos de 4 anos e os que a usam há mais de 12 anos, como podemos ver no seguinte gráfico (11).

Gráfico 11: Distribuição dos inquiridos face aos anos de utilização da Internet

Continuando com a caracterização do nosso grupo de inquiridos, temos então o gráfico (12) da distribuição do número de horas que os inquiridos passam por semana na Internet. Como podemos observar, a maioria, 26% passa entre 19 a 21h por semana na Internet, o que perfaz cerca de 3h por dia.

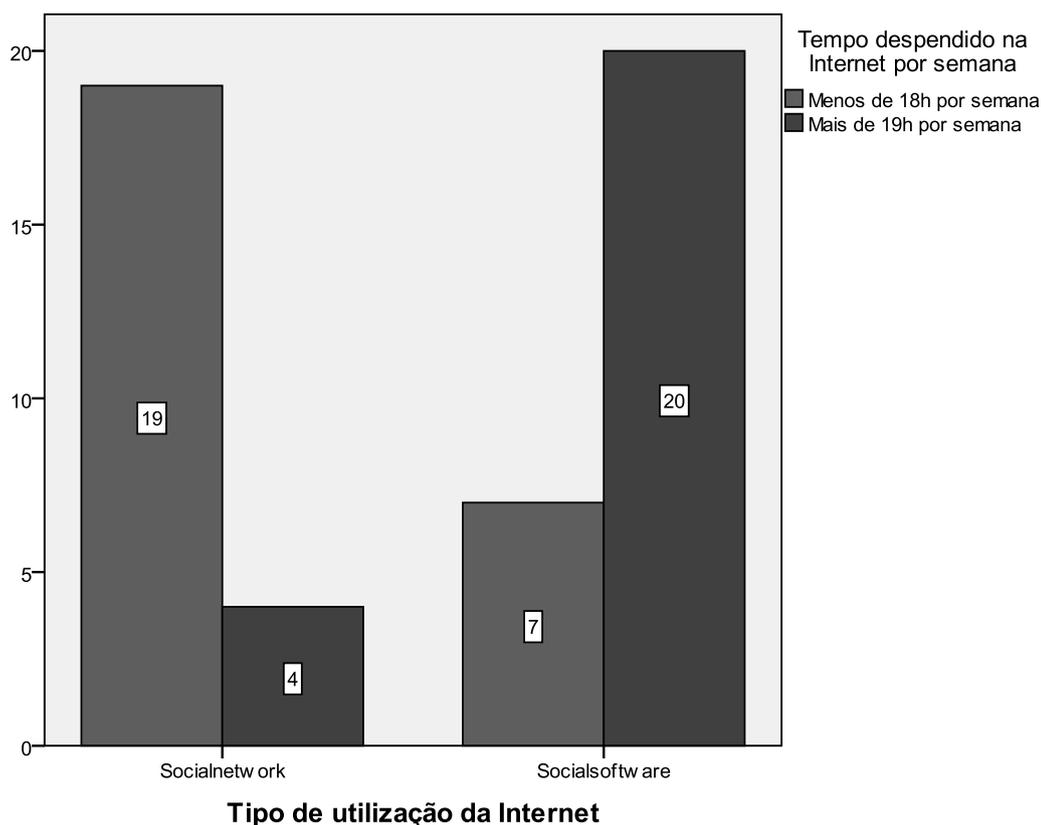
Gráfico 12: Distribuição do número de horas que os inquiridos passam na Internet por semana



Relativamente às horas que os inquiridos despendem na Internet por semana, reparou-se que era mais significativo fazer uma divisão segundo a média. Assim sendo, foi calculada a média de horas de utilização da Internet por semana, o que deu 19 horas, e, distribuíram-se os inquiridos em 2 (dois) grupos: os que despendiam menos de 18h na Internet por semana (portanto abaixo da média) e os que dependiam mais de 19h por na Internet por semana (ou seja, acima da média). Por curiosidade, esta divisão mostrou-se equilibrada uma vez que dividiu precisamente os inquiridos a meio (25/25). Após a realização desta divisão, equacionou-se se o número de horas que os inquiridos passam na Internet por semana se relacionaria com o tipo de

utilização que fazem da Internet e o resultado salta à vista no seguinte gráfico (13):

Gráfico 13: Relação entre o tempo despendido na Internet por semana e o tipo de utilização da Internet



Como notoriamente se pode ver no gráfico acima, existe uma relação de dependência muito forte entre as duas variáveis. Assim sendo, podemos concluir que o tipo de utilização que cada um faz da Internet (socialnetwork e socialsoftware) está directamente dependente do número de horas despendidas na Internet por semana. Logo, podemos intuir que os inquiridos que fazem uso do socialsoftware passam necessariamente mais tempo na Internet que os que usam apenas o socialnetwork. Isto pode ser explicado pelo carácter mais envolvente que o socialsoftware apresenta face ao socialnetwork, assim como da maior variedade de ofertas.

Face a este resultado, elaboramos mais 2 gráficos, o primeiro (14) analisando o tempo despendido na Internet por semana com o sexo dos inquiridos e o segundo (15), também relativamente ao tempo despendido na Internet por semana mas comparativamente ao grupo etário dos jovens. Surpreendentemente podemos verificar que não só existe uma relação entre as variáveis cruzadas, como essa relação é amplamente notória, como podemos ver nos dois seguintes gráficos.

Gráfico 14: Distribuição do tempo despendido na Internet por semana em relação ao sexo dos inquiridos

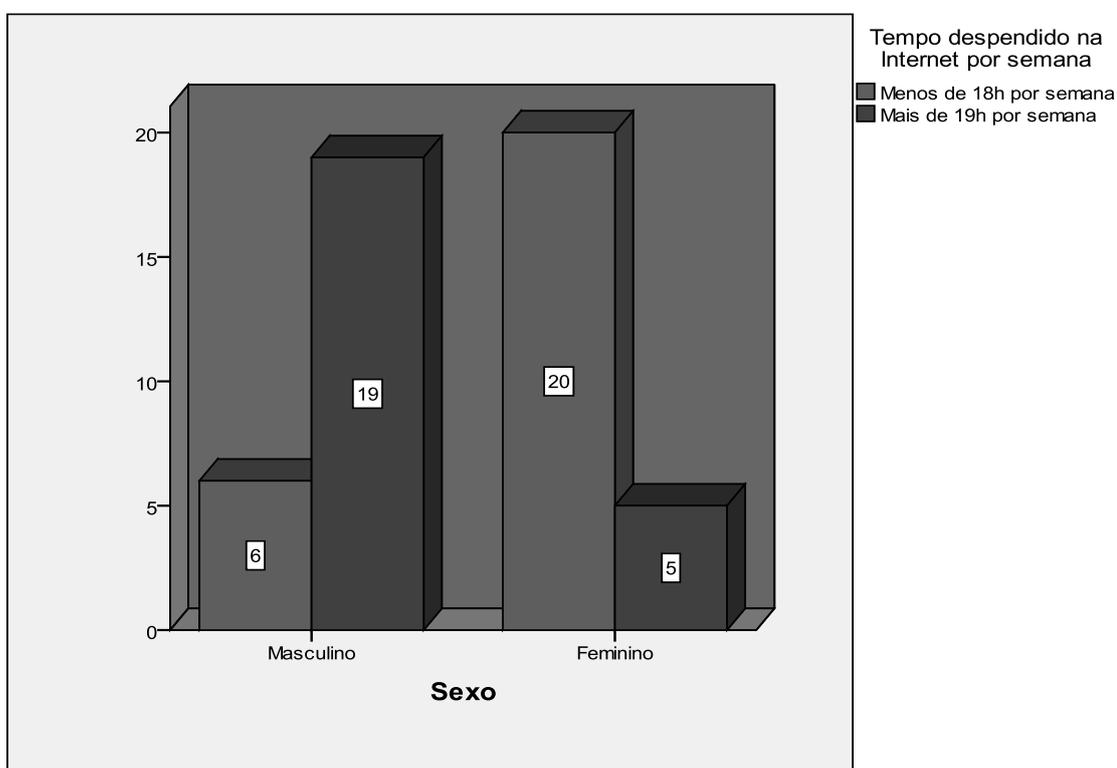
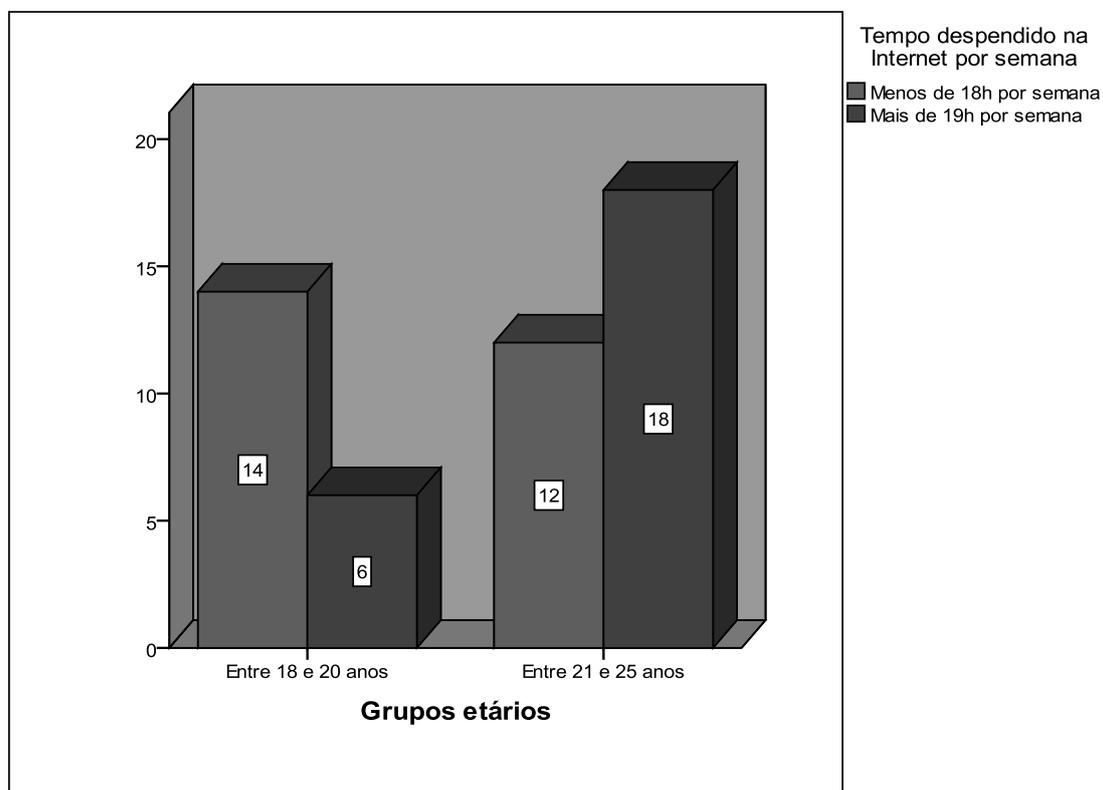


Gráfico 15: Distribuição do tempo despendido na Internet por semana face ao grupo etário dos inquiridos



Relativamente ao primeiro destes dois gráficos, que faz a relação entre o tempo despendido na Internet por semana com o sexo dos inquiridos, podemos verificar que a maioria dos indivíduos do sexo masculino passam mais de 19h na Internet por semana, enquanto que as jovens do sexo feminino despendem menos de 18h na Internet no mesmo período. A relação entre estas variáveis é, como se pode ver, muito forte, pelo que podemos afirmar que são dependentes.

Por fim, no que respeita ao gráfico que mostra a relação entre o tempo despendido na Internet por semana com o grupo etário dos jovens inquiridos podemos ver que estas são também variáveis dependentes, sendo que os jovens com idades entre os 18 e os 20 anos utilizam menos tempo a Internet

por semana e os que têm entre 21 e 25 anos despendem, na sua maioria, mais de 19h por semana na Internet.

2.6.2 Hipóteses e análise de dados

Uma vez caracterizados os nossos inquiridos, é hora de identificar as hipóteses elaboradas e proceder à análise de dados de modo confirmá-las ou refutá-las.

Assim, sendo, foram levantadas 5 hipóteses, concretamente:

H1 – Os jovens que despendem mais tempo por semana na Internet têm uma maior tendência a apresentar um nível de informação superior acerca do fenómeno.

H2 – Os jovens cujo tipo de utilização da Internet é o socialsoftware têm mais probabilidades de possuir um nível superior de informação, crença acerca do cyberbullying e de demonstrarem atitudes mais positivas acerca do fenómeno.

H3 – Os jovens mais velhos tem maior probabilidade de apresentarem atitudes mais positivas face ao cyberbullying que os mais novos.

H4 – Os jovens que passam menos horas por semana na Internet têm mais probabilidade de apresentar um nível de informação mais reduzido e maiores crenças face ao cyberbullying.

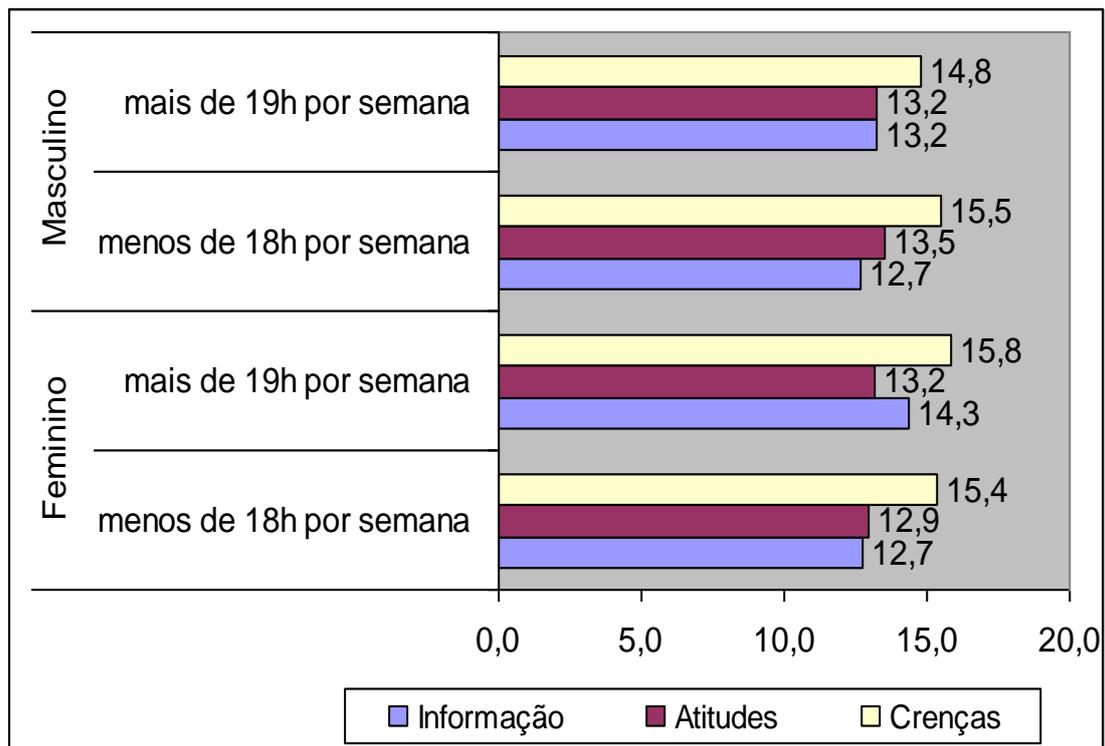
H5 – Os jovens cujo nível de informação é mais reduzido têm mais probabilidade de apresentarem crenças mais elevadas acerca do cyberbullying.

Tendo em conta as hipóteses acima enumeradas, procedeu-se à análise dos dados, agrupando os inquiridos em categorias-chave, nomeadamente:

grupo etário (entre 18 e 20 anos e de 21 a 25 anos), cuja divisão se centrou na média de idades (21 anos); número de horas de utilização da Internet por semana (menos de 18h e mais de 19h), em relação à média de horas utilizada (19h); tipo de utilização da Internet (socialnetwork e socialsoftware); sexo (masculino e feminino).

Relativamente à primeira hipótese (H1), procedemos à divisão dos tempos de utilização da Internet por semana, que distribuimos como “menos utilização” o grupo que despendia menos de 18h por semana (o que dá menos de 2h por dia) e do grupo “mais utilização” segundo os que dependiam mais de 19h (ou seja, a partir de 3h por dia) e dividimos por sexo de modo a ver se o nível de informação, além de variar segundo os tempos passados na Internet, também varia em função do sexo, como podemos ver no seguinte gráfico (16):

Gráfico 16: Distribuição do número de horas despendidas na Internet por semana consoante o sexo dos inquiridos



Após a análise dos resultados obtidos pudemos constatar que, tanto no sexo feminino como no masculino o nível de informação dos jovens que

passam mais tempo na Internet por semana aumenta comparativamente aos que passam menos tempo, no entanto esta diferença é mais notória nos indivíduos do sexo feminino: enquanto no sexo masculino o nível de informação varia dos 12,7 para os 13,2 pontos (mais tempo na Internet por semana), no sexo feminino passa dos 12,7 pontos para os 14,3 (mais tempo na Internet por semana). Assim, podemos concluir que a diferença existe, mas que é mais visível nos jovens do sexo feminino, pelo que procedemos à validação de H1.

No entanto podemos acrescentar que não só existem variações ao nível da informação. O facto mais curioso é mesmo o da variação do nível de crenças. Enquanto que para os indivíduos do sexo feminino o nível de crenças aumenta ligeiramente consoante o aumento do tempo passado na Internet por semana (de 15,4 para “menos de 18h por semana” para os 15,8 em “mais de 19h por semana”), nos indivíduos do sexo masculino verifica-se o inverso. Os nossos jovens ao despendem mais tempo na Internet e, ao mesmo tempo ficarem mais informados sobre o cyberbullying, diminuem o nível de crenças (de 15,5 pontos para os que passam “menos de 18h na Internet por semana” para os 14,4 pontos para os que passam “mais de 19h na Internet por semana”), o que se pode entender como uma maior consciencialização acerca do fenómeno, pois se diminuem as crenças é porque o aumento de informação teve alguns efeitos a nível cognitivo, fazendo com que o indivíduo repensa-se a sua posição acerca do cyberbullying. Deste modo acaba-se por validar também a H4, em que se questionava acerca da probabilidade dos jovens que passam menos horas na Internet por semana apresentarem um nível de informação mais reduzido (que como vimos é verdade, relativamente aos que passam mais tempo – de 12,7 pontos os que passam menos tempo, transitam-se para os 14,3 pontos no sexo feminino e 13,2 pontos no sexo masculino para os que passam mais tempo –) e maiores crenças face ao cyberbullying, o que também se verifica, mas em parte, pois (tal como já foi antes analisado) tal só se verifica relativamente ao sexo masculino que apresenta valores de 15,5 pontos na sub-classe crenças em função dos que passam “menos de 18h na Internet por semana” e de 14, 8 para os que despendem “mais de 19h na Internet por semana”. No entanto o mesmo não se verifica no sexo feminino, cuja diferença do nível de crenças face ao tempo despendido na Internet por semana sofre,

não significativamente, o processo inverso: de 15,4 aumenta para 15,8. Porém o valor não é significativo, pelo que não inviabiliza a validação de H4.

Por fim, de modo a completar a análise do gráfico anterior, temos a sub-classe atitudes, que, da análise efectuada, permite 2 leituras: uma relativamente ao sexo e ao número de horas passadas na Internet por semana e uma última comparativamente à sub-classe crenças. Relativamente ao sexo e ao número de horas despendidas na Internet por semana podemos ver que, comparando com os indivíduos do sexo feminino que despendem menos de 18h por semana na Internet, com os do sexo masculino nas mesmas condições, ambos os sexos exibem um nível de informação igual. Os indivíduos do sexo masculino demonstram ter um nível de atitudes mais elevado: 13,5 pontos face aos 12,9 pontos apresentados pelos indivíduos do sexo feminino.

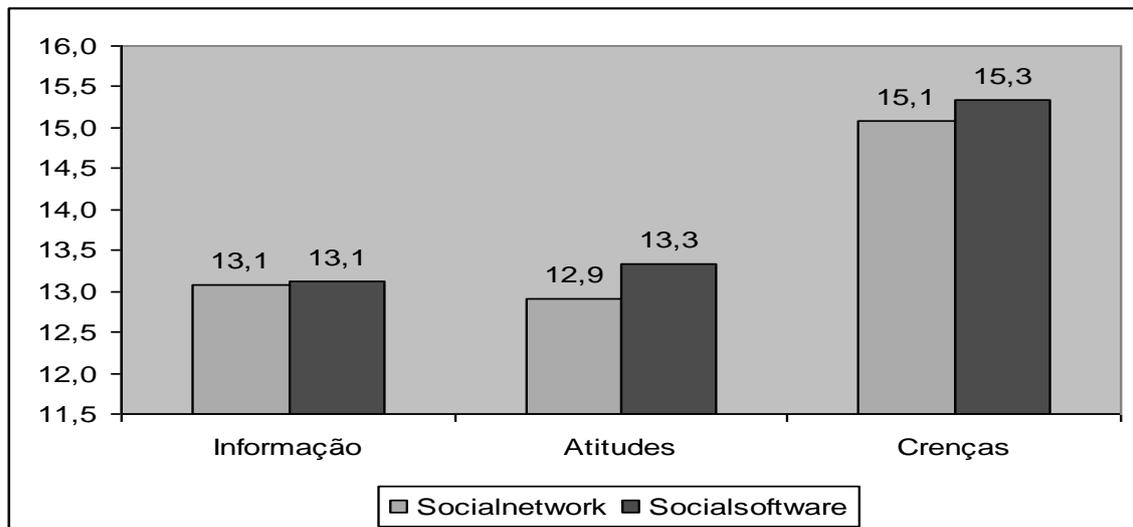
Porém, observando os indivíduos que passam mais de 19h por semana na Internet, vemos um comportamento inverso: os indivíduos do sexo feminino tentam adequar as suas atitudes com o nível de informação sobre o fenómeno. Mesmo assim, as suas atitudes ficam muito aquém do esperado face ao nível de informação (13,2 pontos em atitudes face aos 14,4 pontos na sub-classe informação); por sua vez, os indivíduos do sexo masculino apresentam uma ligeira diminuição do nível de atitudes (de 13,5 pontos relativamente aos que utilizam menos de 18h por de Internet por semana a 13,2 pontos dos que usam mais de 19h de Internet por semana). Assim, podemos concluir que os indivíduos do sexo masculino que passam mais tempo na Internet agem de acordo com a informação que possuem face ao fenómeno.

Agora, comparando o nível das atitudes com o nível de crenças demonstrado pelos nossos inquiridos podemos observar uma clara ambivalência entre as crenças e os comportamentos adoptados pelos indivíduos de ambas as partes (masculino e feminino; maior e menor número de horas passadas na Internet por semana). No entanto, é de salientar o facto de existir uma maior discrepância entre as crenças e atitudes por parte dos jovens do sexo feminino face aos do sexo masculino: enquanto que as jovens apresentam valores de 12,9 e 13,2 pontos na sub-classe atitudes e valores de 15,4 e 15,8 pontos na sub-classe crenças, os jovens do sexo masculino apresentam variações menores, concretamente 13,5 e 13,2 pontos ao nível das

atitudes e 15,5 e 14,8 pontos ao nível das crenças. Ou seja, feitas as coisas os valores da diferença entre ambos, vemos que são de 2,5 e 2,6 pontos para o sexo feminino e de 2 e 1,6 pontos para o sexo masculino. Poderá isto eventualmente querer dizer que os jovens do sexo masculino demonstram uma maior coerência entre as atitudes, a informação e das crenças. Mas para isso eram necessários estudos mais aprofundados.

Uma vez analisados os dados referentes à H1, é vez de nos centrarmos em H2, onde foi equacionada a hipótese de haver uma maior probabilidade dos utilizadores de socialsoftware apresentarem um nível de informação mais elevado. Para verificar esta hipótese foi elaborado um gráfico (17) agrupando os níveis de informação, atitudes e crenças dos jovens consoante o tipo de utilização que fazem da Internet (socialnetwork/socialsoftware) e procedeu-se à sua análise.

Gráfico 17: Níveis de informação, atitudes e crenças dos jovens consoante o tipo de utilização que fazem da Internet

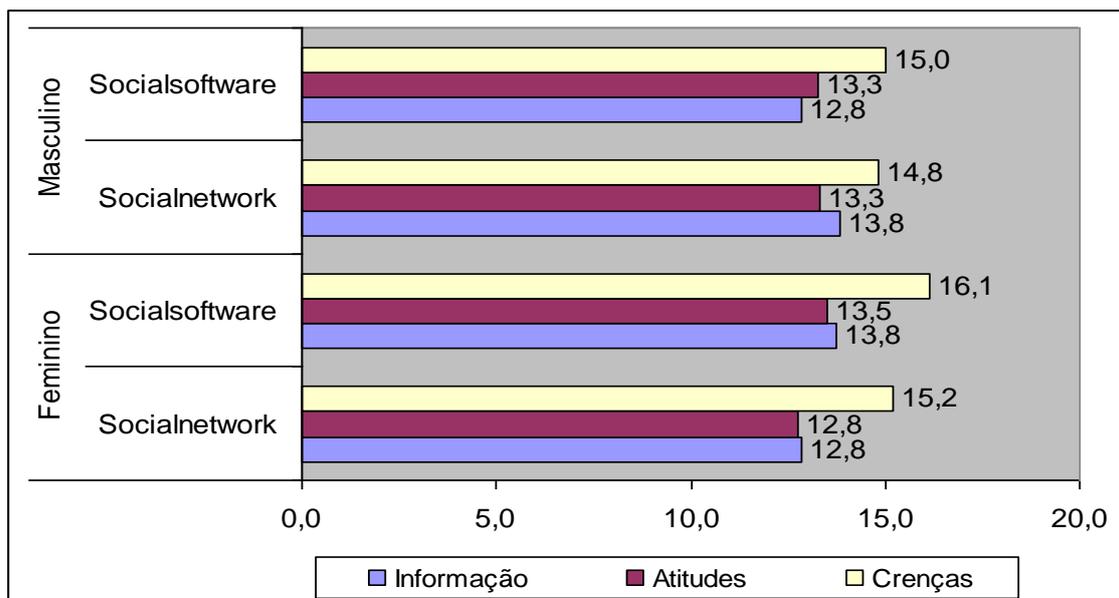


Pudemos então constatar que relativamente ao nível de informação não se constatavam diferenças consoante o tipo de utilização: os jovens que utilizavam socialnetwork apresentam os mesmo 13,1 pontos que os jovens que utilizam socialsoftware. A diferença entre os utilizadores do socialnetwork e socialsoftware existe mas é ao nível das atitudes que se faz sentir (também se nota em relação às crenças mas é algo mínimo). Enquanto que os utilizadores

do socialnetwork demonstram um nível de atitudes de 12,9 pontos, os que recorrem ao socialsoftware apresentam 13,3 pontos, pelo que se entende daqui um comportamento mais positivo face ao fenómeno.

Até agora H2 encontra-se semi-validada, sendo válida ao nível das atitudes mas não válida ao nível da informação. Vamos então proceder a uma distinção por sexos de modo a confirmar se existem ou não diferenças ao nível da informação. Neste sentido, foi elaborado um gráfico (18) englobando as sub-classes informação, atitudes e crenças segundo o tipo de utilização da internet (socialnetwork/socialsoftware), distinguindo esses valores consoante o sexo dos inquiridos (masculino/feminino).

Gráfico 18: Sub-classes informação, atitudes e crenças segundo o tipo de utilização da internet e o sexo dos inquiridos



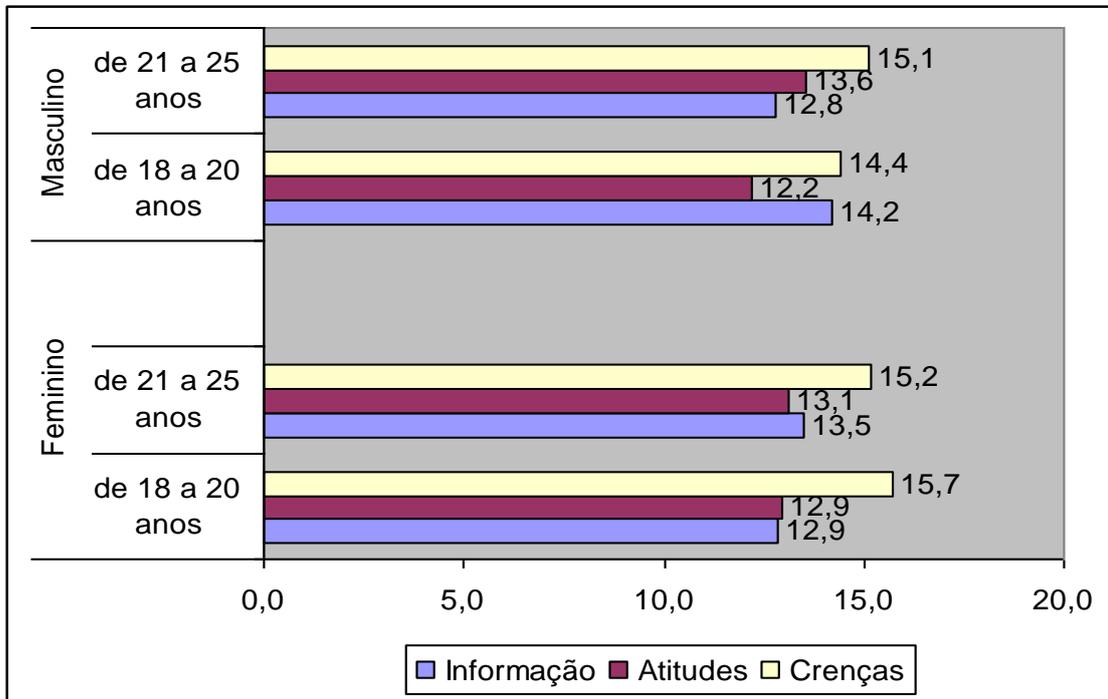
Da análise do gráfico anterior (18) podemos constatar que existe uma diferença ao nível da informação face ao tipo de utilização da Internet, no entanto esta diferença só se equaciona ao nível do sexo dos indivíduos: os jovens do sexo feminino que utilizam socialsoftware realmente revelam possuir um nível mais elevado de informação (13,8 pontos) face às que utilizam apenas o socialnetwork (12,8 pontos); no entanto, um facto curioso ocorre com os indivíduos do sexo masculino que apresentam uma situação inversa (de 13,8 pontos ao nível da informação para os utilizadores do socialnetwork, para os

12,8 pontos para os utilizadores do socialsoftware). Talvez a resposta a este fenómeno, no mínimo curioso, se prenda com o tipo de utilização do socialsoftware que ambos os sexos façam e também do tipo de utilização do socialnetwork. Por exemplo, os indivíduos do sexo feminino utilizadores do socialnetwork podem despende mais o seu tempo no e-mail e MSN, enquanto que os jovens do sexo masculino podem despende o seu tempo pesquisando no Google, de modo a que se encontrem mais informados acerca do cyberbullying.

Em relação os jovens do sexo masculino que utilizam o socialsoftware, podem utilizar o seu tempo para os jogos online, pelo que, apesar de conhecerem a realidade, podem simplesmente não estar familiarizados com o termo técnico cyberbullying e em que realmente consiste, mas é claro, isto é apenas um pressuposto. Após esta reflexão, procedemos a uma divisão de H2, rejeitando a hipótese dos inquiridos que usam socialsoftware apresentarem níveis mais elevados de informação e aceitando a hipótese desses mesmos indivíduos apresentarem atitudes mais positivas.

Uma vez analisada a H2, prosseguimos com a análise de dados de modo a testar H3, na qual reflectimos acerca da probabilidade dos jovens mais velhos apresentarem atitudes mais positivas, comparando com os jovens mais novos. Para isso cruzamos a variável correspondente aos grupos etários (dos 18 aos 20 anos e dos 21 aos 25 anos) com os níveis de atitudes, crenças e informação apresentadas pelos jovens. Além disso, dividimos também esta análise segundo o sexo dos indivíduos de modo a poder perceber se existem variações em termos de idade e se essas variações apresentam ou não diferenças significativas consoante o sexo dos inquiridos (masculino/feminino), como podemos observar no seguinte gráfico (19).

Gráfico 19: Sub-classes informação, atitudes e crenças segundo os grupos etários e o sexo dos inquiridos



Analisando o gráfico (19), podemos ver que efectivamente os indivíduos mais velhos (com idades compreendidas entre os 21 e os 25 anos) apresentam claramente atitudes mais positivas sobre o cyberbullying, em relação aos jovens mais cujas idades se situam entre os 18 e os 20 anos. Como podemos observar, os indivíduos mais novos (dos 18 aos 20 anos) exibem 12,9 e 12,2 pontos ao nível das atitudes, enquanto que os mais velhos (dos 21 aos 25 anos) aduzem 13,1 e 13,6 pontos respectivamente. Como a diferença é notória, procedemos à validação de H3 sem qualquer sombra de dúvida. Efectivamente os indivíduos cujas idades se situam entre os 21 e os 25 anos apresentam atitudes mais positivas e ponderadas face aos seus colegas mais novos (18 a 20 anos).

No que respeita à diferenciação por sexo, o mesmo se verifica, no entanto a variação face ao sexo masculino é mais notória comparativamente ao sexo feminino: enquanto que o sexo feminino apresenta valores de 12,9 para as jovens entre os 18 e os 20 anos, a variação face às de 21 a 25 anos (com 13,1 pontos) é de apenas 0,2 pontos, enquanto que para os indivíduos do sexo

masculino é de 1,4 pontos (de 12,2 pontos apresentados pelo grupo etário dos 18 aos 20 anos passa para 13,6 pontos no grupo etários dos 21 aos 25 anos).

Uma vez analisada H3 e já analisada H4 em conjunto com H1, resta-nos analisar a última hipótese: H5. Em H5 equacionámos a hipótese de que os jovens com um nível de informação menor acerca do fenómeno terem maiores probabilidades de apresentarem crenças mais elevadas no que respeita ao fenómeno do cyberbullying. Para responder a esta hipótese podemos socorrer-nos do gráfico elaborado para validar H3. Assim sendo, vamos proceder à comparação dos jovens que apresentam níveis menores de informação com os que apresentam níveis mais elevados e analisar as pontuações conseguidas face à sub-classe crenças, de modo a validar ou refutar H5.

Tal como podemos ver no gráfico 19, os jovens que revelam níveis de informação mais reduzidos são, para o sexo feminino, os mais novos (18 a 20 anos) e, para o sexo masculino os mais velhos (21 a 25 anos). Relativamente ao sexo feminino podemos ver mostram 12,9 pontos na subclasse informação e 15,7 pontos no que respeita a crenças, o que é realmente um valor elevado tendo em conta que a cotação máxima é de 20 pontos, o que dá uma diferença de 2,8 pontos. Por sua vez, os jovens do sexo masculino cujas idades variam entre os 21 e os 25 anos revelam níveis de informação na ordem dos 12,8 pontos e de crenças na ordem dos 15,1 pontos, pelo que a diferença de valores é de 2,3 pontos.

Até aqui tudo aponta para a validação de H5, no entanto para o confirmar teremos de analisar agora as diferenças de valores entre os jovens que apresentam níveis mais elevados de informação e comparar com os resultados anteriores. Quanto aos inquiridos do sexo feminino cujas idades variam entre os 21 e os 25 anos (que são as que apresentam valores mais elevados de informação) revelam um nível de informação na ordem de 13,5 pontos e um nível de crenças de 15,2 pontos, o que perfaz uma diferença de 1,7 pontos. Por sua vez, os jovens do sexo masculino cujas idades se situam no grupo dos 18 aos 20 anos mostram níveis de informação de 14,2 pontos e de crenças na ordem dos 14,4 pontos, o que perfaz uma diferença de tão somente 0,2 pontos.

Assim sendo, podemos ver que a diferença entre o nível de informação e de crenças para o grupo que apresenta níveis mais reduzidos de informação é

de 2,8 e de 2,3 pontos enquanto que para o grupo com níveis mais elevados de informação esta diferença é de apenas 1,7 e 0,2 pontos, o que valida por completo H5.

Concluimos então que H5 é válida e que os jovens cujo nível de informação é mais reduzido apresentam valores mais elevados face ao nível de crenças. Tal como os navegadores portugueses no tempo dos Descobrimentos que partiram rumo ao Estreito de Gibraltar com um nível de informação muito reduzido e muitas crenças de Adamastores, monstros marinhos de toda a espécie e de diversos tipos de fins de mundo, os nossos jovens enfrentam os mesmos obstáculos: quanto menor o nível de informação, maior será o nível de crenças e ideologias face aos fenómenos, neste caso em concreto, face ao cyberbullying.

IV Parte:
Conclusões

1. Interpretação dos dados obtidos com a investigação qualitativa e quantitativa

Após a exposição dos resultados obtidos por meio das técnicas qualitativas e quantitativas, resta-nos reflectir sobre eles no seu conjunto, relacionando-os com a parte teórica.

Foi por meio da entrevista focal que inicialmente constatei que o cyberbullying não é algo tão recente como mediaticamente se equaciona: a existência de um estágio de pré-cyberbullying em que se começaram a desenhar os contornos do cyberbullying actual foi reconhecida e basilarmente confirmada. Assim sendo e tal como adiantamos no capítulo 3 da I Parte, teria existido um estágio em que se descobriu que o uso da técnica (dos objectos técnicos) para gozar com os outros podia ter efeitos mais rápidos que o tradicional bullying, pelo que o uso da fotocopiadora e do telefone fixo foi o ponto de partida para a realidade que hoje conhecemos como cyberbullying. A partir daí, desencadeou-se todo um processo de crescimento, desenvolvimento e alargamento do fenómeno, tudo porque *“la potencia de las masas es demoníaca”* (Maffesoli, 1990: 14) e depressa aprende a usar e abusar de algo novo (cyberbullying). Assim, o uso massificado do objecto técnico como promotor do cyberbullying foi algo relativamente rápido.

Mas foi sobretudo com as conversas informais mantidas com os meus informadores privilegiados que mais dados novos foram recolhidos. É evidente que esses dados não os posso generalizar, pelo que foram usados para conduzir os inquéritos e entrevistas realizados. Sem o trabalho desenvolvido com os informadores privilegiados, teria partido para uma pesquisa quantitativa sem explorar a compreensão qualitativa do fenómeno. Através destas conversas com os meus informadores privilegiados pude constatar que uma das causas mais visíveis da existência agressiva do cyberbullying se prendia com os diferentes níveis de desenvolvimento da inteligência emocional e interpessoal dos indivíduos. *“A inteligência emocional”* subentende-se como o

modo como os indivíduos usam as suas emoções, como a capacidade de se motivar a si próprios, de ter autocontrolo, entusiasmo e/ou persistência, entre outros. Já a inteligência interpessoal define-se como “a capacidade para compreender as outras pessoas: o que as motiva e como trabalham em cooperação com elas” (Goleman, 1996: 527). Mais tarde, o autor defende que o conceito de inteligência emocional deveria ser aperfeiçoado com uma capacidade de descentramento, ou seja, a inteligência social¹⁷.

Partindo da manipulação (pessoas que sofreram e tem necessidade de se vingar), as pessoas estão treinadas a agir de modo a usarem as suas emoções para se auto-motivarem, numa óptica de manipulação e de invasão do outro, esquecendo-se de se colocar, por um instante sequer, no lugar dos outros (inteligência social). Assim sendo, as pessoas começam a praticar cyberbullying no seu sentido aditivo pois este provoca-lhes sensações de prazer psicológico, o que auto-motiva as pessoas a continuar com esta prática. É como se as interdições produzidas pelas religiões tradicionais, que impunham proibições em relação a certas dependências (álcool, sexo, etc.), deixassem de funcionar em proveito de uma espécie de discurso científico de tipo “neo-religioso” ligado à psiquiatria. A questão que se colocou, então, no nosso trabalho foi entender esta nova dependência como estando na continuidade de um fenómeno típico nas sociedades humanas: a violência quotidiana das relações sociais, que têm efeitos aditivos.

Mas foi precisamente através da observação, técnica extremamente útil, pude constatar que praticar cyberbullying proporcionava um nítido prazer psicológico aos agressores, pelo que se convertia assim em algo aditivo enquanto durava o período de diversão. Levando a prática de cyberbullying como vingança pessoal, estas pessoas pareciam esquecer-se das suas próprias crenças e convicções relativamente a este tipo de práticas, fazendo-o sem olhar a consequências. Eu própria, curiosa com este facto, decidi experimentar para ver os efeitos que a prática de cyberbullying teriam sobre mim.

Primeiro experimentei um jogo em que se colocava a cara de alguém num boneco, pontapeando o boneco de seguida e vendo-o estatelar-se

¹⁷ Nalguns aspectos esta proposta assemelha-se à proposta de Jung, que valorizava a maturidade do ser humano (individualização) no sentido em que nos abre e nos descentra em relação ao ego. Uma identidade fixa ou esquizóide (Jung, 1966).

aparatosamente no chão. E surpreendi-me ao constatar que, o que aparentemente não era nada de especial (era um boneco com uma cara postiça), afinal proporcionava sensações interessantes: eleva temporariamente a auto-estima. O mesmo se passou na minha segunda experiência com o cyberbullying: criei um perfil no Hi5 sobre alguém, cuja foto não era da própria (tinha sido conseguida por meio de uma pesquisa no Google segundo o parâmetro da idade), coloquei informações falsas e um número de telemóvel. O único que havia de verdadeiro naquele perfil era o número de telemóvel, que pertencia a uma pessoa que eu conhecia (mas que tinha sido alertada e concordado participar na experiência). Os resultados foram um verdadeiro bombardeio ao telemóvel da minha colega, que mais parecia um *callcenter* em hora de ponta, recebendo mensagens e telefonemas de homens que queriam negociar um encontro com a suposta mulher que aparecia na página do Hi5. Não imaginam o gozo que me deu ler uma mensagem que um desses homens tinha mandado pró Hi5 a dizer: *“atendeu-me o teu marido! Porque fazes isto? É por prazer de sair com um desconhecido?”*. Eu não sabia desta parte do marido atender, mas foi interessante ver até que ponto realmente isto funciona. E o melhor foi que esta página só esteve 3 dias no Hi5. Agora imaginei se isto tinha sido feito com o objectivo de vingança: a pessoa em causa a esta hora poderia estar a assinar os papéis do divórcio, além de ter a sua reputação manchada e necessitar de mudar de número de telemóvel. Pior seria se a foto que lá estivesse fosse mesmo da pessoa em causa. Em relação às sensações experimentadas, mesmo sendo um exercício de simulação, experimentei realmente prazer psicológico (obviamente mais em relação aos homens que tentaram contactar a minha colega), ao constatar que isto estava a ter um efeito superior ao esperado num período de tempo curtíssimo, e com feedback para mim “agressor” (que recebi mensagens de pessoas que tentaram contactar a minha colega).

Assim sendo, compreende-se que a prática de cyberbullying se torne aditiva. É que além da aditividade que sentimos face às novas tecnologias, essa mesma aditividade pode e é sentida face a práticas como esta, que provocam sensações momentâneas de felicidade e elevam a auto-estima. O prazer está também inerente mas não é físico, é psicológico: dá prazer gozar

com os outros, pois, tal como afirma Maffesolli (2000: 10, 16), *“il y a quelque chose de fatal en eux”* e *“c’est le sentiment trágico-lúdique”*.

Mas foi através dos inquéritos exploratórios que conseguimos recolher alguns dados estatísticos curiosos que permitiram conhecer um pouco melhor esta realidade (cyberbullying). Através destes inquéritos pude constatar que o socialnetwork é usado pela maioria dos inquiridos. No entanto nos inquéritos por quotas observei que o socialnetwork é maioritariamente usados pelos jovens entre os 18 e os 20 anos. Já os indivíduos mais velhos, com idade compreendidas entre os 21 e os 25 anos usam mais acentuadamente o socialsoftware. Relativamente às experiências pessoais com o fenómeno, muitos admitiram já ter sido vítimas, destacando práticas como: insultos, ameaças e difamação como as mais usadas. A usurpação de identidade (fazer-se passar por) também é uma técnica usual entre os praticantes de cyberbullying, tal como a divulgação de fotos íntimas sem autorização da pessoa a que pertencem. Porém acerca da frequência com que equacionam ser vítimas deste fenómeno (cyberbullying), os inquiridos querem acreditar que se trata de algo esporádico. Esporádico ou não, eles próprios já praticaram cyberbullying, precisamente através das mesmas práticas com que foram vítimas deste fenómeno: insultos, ameaças e difamação. Daí que, caso se deparassem com casos de cyberbullying, 28% destas pessoas optassem por manter uma atitude passiva (11% deixariam de frequentar o site, 11% ignoraria o caso e 6% começaria a acompanhar o desenrolar da situação sem se manifestar, como se de uma telenovela se tratasse) face a outros 28% de jovens que acreditam que denunciariam o caso. Ou seja, metade teria uma atitude de espectador e outra metade teria uma atitude de denúncia. Os restantes inquiridos comportar-se-iam como mediadores: tentariam ajudar a vítima e fazer com que o agressor parasse. Como o iriam fazer, não temos ideia, mas estas pessoas acreditam que tudo se resolveria com uma simples troca de palavras.

Em relação ao motivo pelo qual o cyberbullying é tão praticado, as pessoas apontam o facto dos agressores considerarem que não poderão ser detectados como o principal factor, seguindo-se pela preservação da identidade (anonimato) e pelo facto de ser um meio fácil para se executar vinganças pessoais.

No que respeita aos resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas, pude confirmar que o cyberbullying realmente começou a ser praticado antes do uso massivo da Internet, computadores e telemóveis, confirmando assim a teoria elaborada acerca da existência de um estágio de pré-cyberbullying, marcado pelo recurso à fotocopiadora e ao telefone fixo para a prática do que viria mais tarde a designar-se por cyberbullying.

Assim o cyberbullying foi evoluindo até ao ponto em que hoje o conhecemos (os que conhecem, claro, dados os fracos níveis de informação que os inquiridos apresentam). E o que possibilitou a evolução que o fenómeno conheceu foi, sem dúvida, o carácter aditivo das novas tecnologias que, tal como a maioria dos entrevistados refere, é usada para tudo e completamente viciante, como refere o entrevistado 1: *“Sou completamente viciada! Uso o telemóvel para tudo (...)”*.

Nesse sentido, o objecto técnico, criado para nos servir, apresenta-se agora como uma extensão de nós. Tornámo-nos ciborgues, o homem-máquina. E isto traz inevitavelmente as suas consequências. Por um lado, temos o acesso à informação e comunicação em larga escala e por outro temos apenas esse acesso (à informação em larga escala) se tomarmos a iniciativa de a procurar. Daí que, apesar do uso intensivo das novas tecnologias, a maioria das pessoas revela níveis de informação reduzidos acerca da problemática (cyberbullying). Muitos apenas demonstram conhecer o termo técnico da televisão, tal como verificamos tanto nas entrevistas como nos inquéritos. Isto aconteceu porque, apesar de terem e usarem os meios adequados à obtenção de informação em quantidade suficiente para conhecer bem a problemática, estas pessoas simplesmente não demonstram interesse em procurar essa informação. Se falarmos com eles directamente, muito poucos perguntam o que é o cyberbullying. De facto, isto aconteceu-me apenas com três inquiridos brasileiros quando lhes solicitei a sua colaboração no preenchimento de um inquérito sobre cyberbullying¹⁸. As restantes pessoas (note-se que foram aplicados 50 inquéritos, logo as restantes pessoas são 47!) fizeram de conta que dominavam o tema, o que não se reflectiu nas respostas dadas (o mesmo

¹⁸ Evidentemente foi-lhes fornecida a explicação técnica do termo cyberbullying: o uso das novas tecnologias para humilhar, gozar e/ou difamar alguém ou um grupo de pessoas. O que não interferia nem um pouco com as respostas dadas às questões, pois eram de nível prático e de situações do dia-a-dia, o que implicaria um posicionamento do indivíduo face a uma atitude e não que ele despeja-se informação como se de um teste se tratasse.

não se pode afirmar face às crenças destas pessoas, que se revelaram elevadas). Daí que estes jovens quando confrontados com situações de cyberbullying tenham dificuldade em reconhecê-las, pelo que, quando devidamente informados sobre o conceito (o que aconteceu diversas vezes durante as conversas informais) os indivíduos reconheçam logo uma mão-cheia de situações: *“Ah, então é aquilo que aconteceu naquela escola com a miúda que mandou uma foto nua ao namorado e ele a distribuiu pelos colegas é um caso de cyberbullying!”* (pois evidentemente que sim).

Contudo, o problema mais grave da falta de informação acerca do fenómeno é sobretudo o facto de muitas pessoas além de se depararem com casos de cyberbullying, tenham também já sido vítimas e não soubessem de que é que foram vítimas, sendo depois elas próprias agressores (não gostaram de ter sido vítimas, mas não hesitaram em fazer o mesmo que lhes tinham feito).

No entanto, que fique claro que o cyberbullying não é algo que seja praticado inocentemente. Estas pessoas podiam não ter noção de que o que estavam a fazer era cyberbullying, mas sabiam muito bem que ia ter consequências, sabiam porque o fizeram e estavam bem conscientes disso (mesmo que o tivessem feito por curiosidade e não por vingança). Ninguém usurpa a foto de alguém do Hi5 (por exemplo) e cria um perfil falso inocentemente. É algo propositado: por curiosidade ou por vingança. Evidentemente que ninguém gosta de admitir que praticou cyberbullying. Uns podem não admiti-lo por estarem eles mesmos convencidos de que o que fizeram não era cyberbullying, outros podem não admiti-lo mas estarem conscientes de que era cyberbullying.

No que toca às vítimas, estas podem já ter sido vítimas de cyberbullying por diversas vezes e não saber, ou podem ter sido vítimas de cyberbullying e não saber que era cyberbullying (por não conhecer o conceito, mais uma vez devido à escassa informação que as pessoas tem do fenómeno) ou então foram vítimas de cyberbullying, reconheceram isso e tentaram defender-se.

Por último temos a relação das pessoas com o problema: a sensibilidade, ou, por outras palavras, as crenças. Estas são, em todos os casos (tanto em relação aos dados recolhidos por métodos qualitativos ou quantitativos) as que revelaram níveis mais elevados, demonstrando que os

indivíduos, muito simplesmente, julgam uma coisa e fazem outra apresentando altos níveis de ambiguidade. Na maioria dos depoimentos recolhidos (tanto de informadores privilegiados como nas entrevistas), as pessoas descaíam-se a dizer que reconheciam o cyberbullying como algo extremamente prejudicial para a vítima, mesmo mais que o bullying tradicional (uma vez que a vítima não consegue fazer nada para se defender), pelo que esperavam nunca vir a ser vítimas disto, mas que, caso necessitassem (para fins de vingança), não hesitariam em praticar cyberbullying com todos os meios que tivessem à disposição (ver relato do entrevistado 28 na III Parte, entrevistas).

Ou seja, as crenças não passam disso mesmo: crenças. Na prática, estas mesmas pessoas que disseram ser capazes de defender as vítimas de cyberbullying, que não concordavam com esta prática (cyberbullying), que condenavam quem era capaz de fazer cyberbullying (agressores) e admitiam que as vítimas enfrentariam consequências graves (danos psicológicos e sociais), acabavam por, tendo oportunidade para isso, praticar cyberbullying (por vingança normalmente) e/ou deparar-se com casos de cyberbullying ficando a assistir passivamente. Procurar informação? Adequar atitudes em função das crenças? Nem pensar, porque dá trabalho e como somos humanos, seres imperfeitos, temos o direito de cometer os mesmos erros que os outros. O importante é salvar a face demonstrando crenças convictas, firmes, correctas. Mas não ultrapassar isso mesmo: são crenças, não atitudes. O cyberbullying pratica-se anonimamente, logo ninguém vai saber que nós, defensores da moral e bons costumes, somos agressores natos em busca da primeira oportunidade para demonstrar o nosso desempenho na prática de cyberbullying e gozar depois o prazer psicológico e solitário da nossa vinganczinha pessoal. Agora, será que somos mesmo assim tão anónimos quando praticamos cyberbullying? Não terão os computadores que usamos para aceder à Internet (e praticar cyberbullying) um endereço de IP único no mundo? Mesmo que acedamos de um local público, não será que ficou algum registo da data e hora em que estivemos lá a usar o computador X? Atenção: o anonimato só depende da pessoa ou entidade com quem estejamos a lidar e dos meios que ela tiver ao seu alcance.

2. Síntese final

Quando olhamos uma flor vemos um conjunto de pétalas sustentadas por uma coroa e um caule. Assim é o conhecimento. O conhecimento é como uma grande flor: cada pétala é o fruto do estudo de um fenómeno. O que sabemos acerca dele. A coroa é o que une todas as pétalas: todos os pedaços de conhecimento. Por sua vez, o caule é o que sustenta tudo: a teoria. Quando as pétalas estão separadas que sentido faz cada uma delas? Temos apenas aquela pétala isolada. É o mesmo que termos todo o conhecimento sobre o capitalismo isolado de todo o conhecimento sobre as sociedades modernas. Separados não são úteis. O mesmo se passa com outros fenómenos. Todos os dias emergem estudos que ficam isolados. Não se juntam com outros estudos de modo a encontrarem uma ligação entre eles, ligação essa que pode não estar visível à partida mas que depois faz todo o sentido e pode vir a gerar um melhor entendimento sobre ambos os fenómenos. O mesmo se passa com alguns factos mais ou menos nossos conhecidos, como o bullying, a cibercultura e o cyberbullying. O que existe em comum entre eles? Se olharmos para eles como actos isolados, nada. Porém, se reflectirmos sobre eles conseguimos encontrar ligações entre eles. Uma outra forma de os compreender.

Estávamos no ano de 2007 quando, ao ler um artigo de uma revista científica, algo me despertou o interesse. Esse algo era um fenómeno bem conhecido mas cuja terminologia não era assim tão familiar: o bullying. Nesse artigo falava muito em geral das vítimas deste fenómeno, que sofriam além das humilhações da parte dos colegas, da indiferença com que os adultos as brindavam. Nesse sentido explorei melhor o tema no âmbito do meu relatório de estágio da licenciatura em sociologia, já com vista em seguir esta linha no mestrado. O mestrado surgiu e com ele também alguns contactos com outras realidades. As novas tecnologias, às quais sempre fui muito ligada e me seduzem a cada dia que passa, escondem, nos seus confins, histórias que

nem sempre são positivamente educativas. Numa das plataformas de jogos online que frequento, deparei-me com casos de vinganças, insultos e até ameaças. Em sites de socialnetwork, como o Hi5, os casos de páginas falsas são inúmeros. Entre jogos e viagens na Internet, dei comigo no meio de um workshop sobre socialsoftware na Universidade do Minho, com Adrian Mackenzie, que me trouxe novas luzes sobre esta realidade. Quase ao mesmo tempo surge na televisão um caso identificado como cyberbullying, a continuação do bullying escolar com recursos às novas tecnologias, concretamente o caso Carolina Michaelis.

Se inicialmente tinha pensado em continuar o estudo sobre o bullying, porque não me envolver sobre a nova vertente agora a despontar? No entanto algumas questões me assaltaram, concretamente se haveriam meios suficientes para levar tal estudo avante num contexto de mestrado. Alguns meses se passaram e, em 2008, vi que era possível e desejável estudar o cyberbullying.

Vivemos num mundo de comunicação constante, em que se perde a noção dos fusos horários e da distância que separam os corpos. Num mundo moderno, onde a tecnologia surgiu como quebra barreiras espaço-temporais, surgiu o conceito de cibercultura, que podemos definir como sendo a forma sociocultural resultante da tríade sociedade, cultura e novas tecnologias. Podemos então ver a cibercultura como a nossa cultura, pautada pela utilização das novas tecnologias, dando-nos cada vez mais a sensação de habitar em uma aldeia global (Lemos, 2003:1). A cultura foi então conquistada pelas novas tecnologias, que podem ser encontradas em todo lado e vieram dar resposta à necessidade de comunicação com todo o mundo que sentimos. Assim sendo, a nossa sociedade caracteriza-se pela instantaneidade e pela conectividade, cabendo-nos a nós decidir com que tipo de conteúdos nos queremos envolver, uma vez que após o surgimento da Web 2.0, qualquer um o pode fazer, desde que ligado em rede (Lemos, 2003). Sendo que a teatralização que ocorre quotidianamente, na Internet mantém-se e talvez seja ainda mais criativa.

O bullying, expressão de origem inglesa que designa todos os actos de violência e atitudes agressivas desde que intencionais e repetitivas (Abrapia, 2006; McCarthy, Sheehan, Wilkie e Wilkie, 1996:50), apresenta um carácter de

continuidade pelo facto de conferir ao seu autor uma sensação de poder e à vítima a imagem de “mau da fita” (Abrapia, 2006; McCarthy, Sheehan, Wilkie e Wilkie, 1996:5) e ocorre maioritariamente na escola (também existe o *mobbing* que é o chamado bullying laboral) e, nos últimos tempos, com o uso das novas tecnologias, conheceu uma evolução: o cyberbullying. Referimo-nos aos que recorrem às novas tecnologias e à Internet como plataforma de exposição e partilha, com o objectivo do reconhecimento da superioridade e/ou com o objectivo de humilhar um terceiro. Se por um lado encontramos exemplos de um uso positivo das potencialidades relacionadas com a Internet, como os fóruns, onde se partilham informações e opiniões, por outro, deparámo-nos com situações que indiciam relações pouco saudáveis. De facto, cada vez mais se assiste à utilização destes meios para o cyberbullying, o assédio sexual de menores e a difamação, entre outros.

Assim sendo, nos últimos tempos temo-nos deparado com o despertar mediático de um fenómeno relativamente pouco conhecido entre nós, concretamente o cyberbullying. No entanto, nos Estado Unidos da América (EUA) e Reino Unido (UK) este fenómeno é bastante conhecido e já alvo de estudos, assim como de campanhas de prevenção e combate ao mesmo (Wikipédia, 2007).

O cyberbullying, conceito que se crê ter sido utilizado pela primeira vez por Bill Belsey (2005), professor em Cochrane, Alberta, assume-se como uma variante do tradicional bullying e vem sendo definido pelo recurso às tecnologias da comunicação e informação para denegrir, humilhar e/ou difamar uma ou mais pessoas.

Além de podermos apontar ao cyberbullying vários caracteres, este estende-se também por vários níveis, consoante o tipo de prática efectuada. Relativamente aos seus caracteres podemos distinguir: o gráfico, o verbal e o psicológico. Quanto aos níveis de cyberbullying, temos o primeiro nível é aquele em que apenas ocorre cyberbullying e acontece apenas através da Internet (insultos, mensagens obscenas, comentários de foro sexual e/ou pejorativo, perseguições por meio de troca de endereço de e-mail e pela criação de perfis falsos); o segundo nível é o do bullying e cyberbullying, sendo o segundo a continuação do primeiro. Estes casos começam na escola com o tradicional bullying (escolar). Não satisfeitos, os agressores lembram-se de

utilizar as novas tecnologias, o telemóvel e a Internet, para inovar na “brincadeira”: “*vou tirar umas fotos e colocar no Hi5 a gozar*”. Por fim, o terceiro nível é aquele em que se recorre ao bullying para concretizar o cyberbullying. Parecido com o nível anterior mas diferente, este género apresenta duas variações que designei como leve e pesada. A leve é a mais parecida com o cyberbullying de nível dois, no entanto para se fazer a “gozação” em vez de se tirarem simples fotos ocasionais, agride-se a vítima com o intuito de tirar essas fotos para depois se distribuir por MMS (mensagem multimédia) ou pela Internet. Por sua vez temos a versão pesada, em que, como no caso anterior, é escolhida uma vítima, no entanto a intenção não é fotografar, mas filmar toda a agressão. Ou seja, na versão pesada, é escolhida uma pessoa para ser agredida apenas para fazer um filme que irá posteriormente parar ao Youtube como se de um grande feito se trata-se. Temos aqui o exemplo do fenómeno do “happy slap” (bofetada alegre), muito apreciado nos EUA.

O facto do cyberbullying se mover essencialmente na internet contribuiu para que se convertesse num problema mundial. Mas também que fosse mais complexo que o tradicional bullying. A verdade é que os cyberbullies, que são aqueles que praticam cyberbullying, sentem que nunca serão identificados, tal como se comprovou nos inquéritos e entrevistas realizados. Daí que a promessa de anonimato oferecida pela Internet seja um grande motor para que este tipo de violência se propague. Isto porque todo o que é feito, escrito, publicado e partilhado na Internet fica sujeito a quatro factores: persistência, pesquisabilidade, replicabilidade e audiências invisíveis (Morais, 2007). Em relação ao cyberbullie, que é o praticante de cyberbullying, podemos distinguir dois tipos. Primeiro temos os cyberbullies que eu denomino como acidentais e segundo temos os cyberbullies que eu denomino como adictos. Em relação aos cyberbullies acidentais, estes caracterizam-se por serem aquelas pessoas que usam as novas tecnologias ou para gozar com uma pessoa ou como forma de vingança. Por sua vez, os cyberbullies adictos são os aqueles que praticam cyberbullying porque lhes proporciona prazer. Muitas vezes este tipo de pessoas sofre de um distúrbio, que Goldberg (1999) designa por IAD (distúrbio de adicção à Internet), que surge associado a um PIU (uso problemático da Internet) (Young e Rodgers, 1998) que provoca no indivíduo (entre outras coisas) um empobrecimento no funcionamento social, ocupacional ou em

outras áreas, e que acontece quando há *“uma vulnerabilidade do indivíduo, ligada a uma psicopatologia preexistente e a intervenção de um stressor (isto é, um estímulo que produz o stresse), a introdução da internet”* (Shapira et alii, 2000: 33). Normalmente o PIU, estudado posteriormente por Davis, evolui para dois tipos de comportamento: o SPIU (uso patológico específico da Internet) em que temos os casos de cyberbullying direccionados, por exemplo para a publicação de vídeos no Youtube e o GPIU (uso patológico generalizado da Internet), que se prende com a utilização massiva da Internet para o cyberbullying em qualquer das suas variantes, por exemplo.

Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o cyberbullying, que é o bullying feito com o auxílio das novas tecnologias, não começou com o telemóvel e muito menos com a Internet. Simplesmente o cyberbullying actualmente é praticado com recurso a estes meios. De algumas conversas informais que tive, pude constatar que o cyberbullying começou com o uso da simples fotocopiadora. Posteriormente com o alargamento dos telefones fixos à residência da maioria da população, o cyberbullying começou a praticar-se recorrendo a isso. Assim sendo o cyberbullying processou-se ao longo de 3 estádios de evolução: o pré-cyberbullying (fotocopiadora e telefone fixo), o cyberbullying (com os telemóveis de 1ª e 2ª geração) e, por fim, o bullying digital (com os telemóveis de 3ª geração e a Internet disponível em todos os locais públicos).

Nesse sentido, a questão que se colocou no nosso trabalho foi entender esta nova dependência como estando na continuidade de um fenómeno típico nas sociedades humanas: a violência quotidiana das relações sociais, que têm efeitos aditivos. O que foi confirmado ao longo da parte prática, em que foram conjugadas técnicas qualitativas e quantitativas. Aqui podemos verificar que, apesar do uso intensivo das novas tecnologias a maioria das pessoas revela níveis de informação reduzidos acerca da problemática (cyberbullying), acerca da qual muitos jovens apenas tinham ouvido falar vagamente na televisão. Apesar do conhecimento acerca do objecto não se revelar directamente ligado ao tipo de utilização feita da Internet, o tipo de utilização encontra-se directamente ligado ao número de horas passadas na Internet por semana. Quanto mais tempo o jovem passar na Internet por semana, maiores as possibilidades de se cruzar com casos de cyberbullying, que, devido à pouca

informação que acarreta acerca do fenómeno, pode simplesmente ignorar por não saber que se trata de cyberbullying. No entanto, se tivermos em conta as crenças dos nossos jovens no que respeita ao cyberbullying, imaginamos de imediato que jamais praticariam algo como isto e que caso se deparassem com um caso destes e o soubessem identificar, denunciariam a situação e tentariam ajudar a vítima. Porém tal não se verifica: os nossos jovens de facto demonstram muito boas intenções (elevados níveis de crenças acerca do objecto) mas no que respeita a atitudes o mesmo não se confirma. Os nossos jovens simplesmente pensam uma coisa e fazem outra. As suas atitudes, ao contrário do que seria de esperar, não se assemelham às crenças possuídas pelos jovens, mas ao nível de informação. Assim sendo as atitudes dos indivíduos são directamente proporcionais ao nível de informação que possuem acerca do cyberbullying.

Nesse sentido, podemos concluir que os jovens possuem pouca informação sobre o tema, tem atitudes não recomendáveis acerca do mesmo mas em contrapartida possuem crenças bastante críticas sobre o cyberbullying mostrando assim ambiguidade na forma como encaram o fenómeno. Pode-se talvez afirmar que vão no mesmo sentido daquilo que caracteriza essencialmente a sociedade moderna: o aumento da ambiguidade e do seu carácter fugidio e ambivalente como tem sido destacado por vários autores (Bauman, 2001)

Fica em aberto a necessidade de aprofundar os estudos sobre este tema, sem cair numa caracterização empírica linear e simplista, partindo de uma abordagem que faça a sua genealogia e a caracterização dos novos esquemas de (inter) acção humana. Algumas questões em aberto: até que ponto a forma de cyberbullying não nos obriga a rever as categorias clássicas da sociologia que assentam na relação física do face-a-face? O facto de muitas destas situações implicarem um contacto que é em simultâneo e mediado, embora sem a presença dos corpos físicos, poderá levar-nos a rever os esquemas propostos pelos clássicos estudiosos da interacção como Erving Goffman (1986). Talvez o recurso ao trabalho de Gregory Bateson (1989), como vimos atrás, seja útil na tentativa de repensar as zonas de fronteira entre o nosso legado animal e as características ambíguas da violência humana na ciber sociedade actual.

Bibliografia

ABRANTES, J. C. (org.) (2006). *Ecrãs em mudança*. Lisboa: Livros horizonte/CIMJ

ABRAPIA (Associação Brasileira de protecção à Infância e Adolescência) (2006). *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes* [online]. Disponível: <http://www.bullying.com.br/Bconceituacao21.htm> [19 de Fevereiro de 2007]

BALTZ, C. (2005). *Éléments de cyberculture* [online] <http://www.boson2x.org/spip.php?article129> [02 de Agosto de 2008]

BAPTISTA, C. (2003). *A fragilidade da experiência: Erving Goffman e os quadros de interacção*. [Documento electrónico - CDROM -] Braga: Universidade do Minho

BARDIN, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70

BARIL, D. (2008). *Avoir la tag, c'est comme avoir la peste*. In FORUM (12 du Mai): Canada.

BATESON, G. (1972), *Steps to an ecology of mind: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. New York: Ballantine

BATESON, G. (1955). *A Theory of Play and Fantasy*. In A.P.A. *Psychiatric Research Reports II*, American Psychological Association. 177-93.

BATESON, G. (1979). *Mind and Nature: A Necessary Unity*. New York, Dutton.

BATESON, G. (1989). *Metadiálogos*. Lisboa: Gradiva.

BAUMAN, Z. (2001), *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar

BEANE, A. (s.d.). *Bully free: It's the little things we do every day that make a difference* [online]. Disponível: <http://www.bullyfree.com/#> [27 de Fevereiro de 2007]

BEARD, K. (2002). *Internet addiction: current status and implication for employees*. Journal of employment counselling, March 39, pp.2-11

BELSEY, B. (2005). *Cyberbullying: An emerging threat to the "always on" generation*. [online] http://www.cyberbullying.ca/pdf/feature_dec2005.pdf [16 de

Janeiro de 2007]

BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. (1999). *Remediation: Understanding New Media*. Cambridge (Mass.): The MIT Press.

BOURDIEU, P. (1980), *Le sens pratique*, Paris: Ed. de Minuit.

BOURDIEU, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL.

BOURHIS, R.; LEYENS, J.-P. (1994). *Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes*. Liège: Mardaga Editores

BRABHAM, D. C. (2008). *Review of a book: Organized networks: media theory, creative labour, new institutions*, de Ned Rossiter. [online] <http://rccs.usfca.edu/bookinfo.asp?ReviewID=535&BookID=288> [02/11/2008]

BRAGA, A. (n.d.). *Comunicação e Transdisciplinaridade – na trilha de Palo Alto*. [Online] http://www.compos.org.br/data/biblioteca_660.pdf [24 de Novembro de 2008]

BRAGA, J. L. (2007) *Comunicação, disciplina indiciária*. Trabalho apresentado junto ao GT “Epistemologia da Comunicação”. Anais do XVI Encontro da Compós. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Junho 2007.

BRISON, I. (2009). *Ciberespaço e Utopia: fronteiras e lugares nenhuns*. [Online] http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/view/274 [15 de Maio de 2009]

BURGESS, R. (1997). *A pesquisa de terreno*. Lisboa: Celta

CARVALHO, A. C.; LEAL, I. (2006). *Construção e validação de uma escala de representações sociais do consumo de álcool e drogas em adolescentes*. In *Psicologia, saúde & doenças* (pp. 287-297), nº7 (2). Lisboa: ISPA

CARVALHOSA, S., LIMA, L., MATOS, M. (2001). *Bullying - a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português* [online]. Disponível: <http://www.scielo.oces.mtces.pt/pdf/asp/v19n4/v19n4a04.pdf> [08 de Março de 2007]

CASTELLS, M. (1999), *A era da Informação: economia e sociedade. A sociedade em rede*. Volume I, São Paulo: Paz e Terra

CASTELLS, M. (2007), *A Galáxia Internet*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

CAVANAUGH, A. (2007). *Sociology in the age of the Internet*. England: McGraw Hill/Open University Press

CONKLIN, H. C (1968). *Ethnography*, in D. L. SILLS (ed.), *International Encyclopaedia of the Social Sciences*, vol.5, Nova Iorque: Macmillan e The Free Press

CORRADINI, M. (2004). *Il mobbing*. [online] <http://www.stopmobbing.it/ilmobbing.htm> [10 de Fevereiro de 2009]

CORRÊA, E. S. (2008). *Reflexões para uma epistemologia da comunicação digital*. *Observatório (OBS) Journal*, 4; 307-320 [online] <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/116/142> [10/10/2008]

CORRÊA, H. L. (2007). *Avaliação organizacional*. No prelo.

CORTELLAZZI, L. (2006). *Bullying: humilhar, intimidar, ofender, agredir* [online]. Disponível: <http://www.eep.br/noticias/docs/bullying.pdf> [26 de Março de 2007]

COSTA, J. S. (1999). *A Vida é Bela?* [Online] http://www.familia.med.br/textos/A_Vida_Bela.pdf [24 de Novembro de 2008]

COSTA, P. A. L. (2008). *Estão falando mal de você na internet*. *Gazeta Mercantil/Caderno C* (p. 12) [online]

DAVIS, R. A. (2001). *What is Internet addiction?* [online] http://www.internetaddiction.ca/internet_addiction.htm [12 de Março de 2009]

DIAS, F. N. (2009) *Sociuslogia* [Online] <http://www.sociuslogia.com/scomunic/pesq01.htm> [25 de Março de 2009]

FERREIA (2005). *O self*. In VALA, J. (2005). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

FERRÉOL, G. (2008). *Société de communication et cyberespace*. [online] <http://www.reunion.iufm.fr/Recherche/Expressions/24/Ferreol.pdf> [02 de Agosto de 2008]

FISCHER, Hervé (2008). *2B OR NOT TO BE DIGITAL*. [online] http://www.hervefischer.net/text_en.php?id=5 [15/10/2008]

FLUSSER, V. (2007). *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Org: Rafael Cardoso. Trad.: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac & Naify.

FREIRE, L. (2006), *Segundo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica*, *Revista Comum*, volume 11, nº 26: 46 – 65, Rio de Janeiro

FREIRE, M. (2006). *Gregory Bateson, Margaret Mead e o caráter balinês. Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em Balinese Character. A Photographic Analysis*. [online] http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n13_Freire.pdf [24 de novembro de 2008]

FREITAS, M.; FLEURI, R. M. (n.d.). *Conceito de complexidade* [Online] <http://www.rizoma3.ufsc.br/textos/332.pdf> [24 de Novembro de 2008]

GIBSON, W. (1989). *Neuromancer*. Canadá: Ace Books.

GIDDENS, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

GOFFMAN, E. (1974). *Les rites d'interaction*. Paris: Les Édition de Minuit

GOFFMAN, E. (1969). *Strategic Interaction*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press. [reedição: New York, Ballantine Books, 1972]

GOFFMAN, E. (1981). *Forms of Talk*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

GOFFMAN, E. (1986). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. New York: Northeastern Press.

GOLDBERG, I. (1999). *Internet addiction disorder*. [online] <http://www.uml.edu/student-services/counseling/internet/netdisorder.html> [14 de Dezembro de 2008]

GOLEMAN, D. (1996). *Emotional Intelligence*. Londres: Bloomsbury

GONÇALVES, A. (2004), *Métodos e técnicas de investigação social I*. Braga: Instituto das Ciências Sociais, Universidade do Minho

GRAHAM, S. (2004). *Beyond the 'dazzling light': from dreams of transcendence to the 'remediation' of urban life*. *New Media & Society*, v. 6 (1): 16-25.

GRIFFITS, M. (1995). *Technological addictions*. *Clinical Psychology Fórum*, 76, pp.14-19

GROHOL, J. M. (1999). *Internet addiction guide*. [online] <http://www.psychcentral.com/netaddiction> [14 de Dezembro de 2008]

GUERRESCHI, C. (2009). *As novas dependências*. Prior Velho: Paulinas editora (246 p.)

GUIGLIONE, R.; MATALON, B. (1992). *O inquérito*. Oeiras: Celta Editora

HARAWAY, D. (1991). *A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*. In *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Regan Books

HOALL, A., PARSONS, J. (2001). *Internet addiction: colleague student case study using best practices in cognitive therapy*. *Journal of Mental Health Counseling*, 23, 4, pp. 312-327 [Online]

<http://www.gazetamercantil.com.br/integraNoticia.aspx?Param=19%2C0%2C+%2C1954050%2CUIOU> [03 de Agosto de 2008]

IAP (2009). *Os jovens e as redes sociais na Internet*. Abril 2009, nº14. Lisboa: CEDI

JENKINS, H. (2006). *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press

JODELET, D. (1989). *Representation sociales: Un domaine en expansion*. In D. Jodelet (Ed.), *Psychologie Sociale* Paris: Presses Universitaires de France, 31-61.

JUNG, C. G. (1966), *Ma vie*, Zurique: Gallimard

KARABERG, D. (n.d.). *Addiction pattern*. [online] <http://www.ifi.uio.no/~id/addiction-papper.pdf> [15/10/2008]

KATZ; BRALY (1933, 1935). *Esteriótipos*. In VALA, J. (2005). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

KIDS HELP PHONE (2007). *Cyberbullying survey feedback*. [Online] http://www.kidshelpphone.ca/en/informed/cyberbullying/cyberbullying_results.asp [31 de Maio de 2008]

KIM, J. H. (2004). *Cibernética, ciborgues e ciberespeço: notas sobre as origens da ibernética e sua reinvenção cultural*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 10, nº 21, pp. 199-219 [Online] <http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20625.pdf> [24 de Novembro de 2008]

LATOUR, B. (2006) *Changer la societe. Refaire de la sociologie*, Paris : La Découverte

LATOUR, B. (2005). *Reassembling the Social: an Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Clarendon.

LEMOS, A. (2002). *Cultura das Redes*. São Salvador: EDUFBA.

LEMOS, A.; CUNHA, P. (org.) (2003). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, pp. 11-23

LESARD-HÉBERT, M., SOYETTE, G., SOUTIN, G. (1990). *Investigação qualitativa : fundamentos e práticas*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade

LIMA, A. C. C. (2008). *Espaços de subjetivação em processos violentos na relação amorosa*. [Online] http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST35/Ana_Cristina_Costa_Lima_35.pdf [24 de Novembro de 2008]

MACEDO, E. (2007). *Cyber-bullying não conhece fronteiras* [online]. Disponível: http://sol.sapo.pt/PaginalInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=34514 [15 de Maio de 2007]

MACKENZIE, A. (2006). *Cutting code: software and sociality*. New York: Peter Lang.

MADAIL, E. (2009). *Ciberviolência para lá do bem e do mal* [Online] http://jn.sapo.pt/Domingo/Interior.aspx?content_id=1184675 [29 de Março de 2009]

MAFFESOLI, M. (1990). *El tiempo de la tribus*. Barcelona: ICARIA Editorial

MAFFESOLI, M. (2000). *L'instant éternel*. Paris: Denoël

MAFFESOLI, M. (2009). *Apocalypse*. Paris: CNRS Éditions

MANOVICH, L. (2001). *The Language of New Media*. Cambridge (Mass.): M.I.T.

MANOVITCH, L. (2003). *New Media from Borges to HTML*, in Wardrip-Fruin, Noah e Montfort, Nick. (2003). *The New Media Reader*. Cambridge: The MIT Press.

MANOVITCH, L. (2001). *The Language of new media*. Cambridge; The MIT Pres.

MARCHAND, H (2001, Nov). *Coacção (bullying) nas escolas: alguns dados, alguns problemas e algumas pistas de actuação*. Comunicação apresentada no XI Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE: *Violência e indisciplina na escola*. Lisboa: Faculdade de psicologia e Ciências da Educação

MARTINS, M. L. (2006). *A nova erótica interactiva*. In Revista de Comunicação e Linguagens, nº 37.

MASSUMI, B. (2002), *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation* (Post- Contemporary Interventions). Durham and London: Duke University Press.

MASSUMI, B. (2002). *A Shock to Thought: Expression After Deleuze and Guattari*. London/NewYork: Routledge.

MATOS, M., CARVALHOSA, S. (2001). *Violência na escola: vítimas, provocadores e outros*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana/PEPT-Saúde/GPT da C.M. de Lisboa

MCCARTHY, P., SHEEHAN, M., WILKIE, S., WILKIE, W. (1996). *Bullying: causes, costs and cures*. Beyond Bullying Association Inc.

MCLUHAN, M. (1994), *Understanding Media: The Extensions of Man*, Londres: Cambridge

MEAD, G. H. (1934). *Mind, Self, and Society: From The Standpoint of a Social Behaviorist* (edição e introdução de Charles W. Morris). Chicago, University of Chicago Press.

MENÉNDEZ, G. (n.d.). *Perspectivas para o estudo das relações intergrupais*. [online] <http://www.iuperj.br/publicações/forum/01.pdf> [02/11/2008]

MIRANDA, J. B. de (2002). *Teoria da Cultura*. Lisboa: Século XXI.

MORAIS, T. (2007). *Cyberbullying em crescendo*. [online] <http://www.miudossegurosna.net/artigos/2007-04-04.html> [31 de Maio de 2008]

MOSCOVICI, S.; HEWSTONE, M. (1983). *Social representations and social explanations : from the naive to the amateur scientist*. In Wegaman (Ed.), *Psychoanalysis and cognitive psychology. A formalization of Freud's theories* (pp.98-125). Oxford: Basil Blackwell

NATHAN, M. S. (2004). *Conflitos em sala de aula: relações construídas entre professor e alunos em um curso universitário*. [Online] http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/5136_3.PDF?NrOcoSis=13108&CdLinPrg=pt [24 de Novembro de 2008]

NEGREIROS DE CARVALHO, J. (1993). *A medição das atitudes em relação ao álcool e drogas*. In A. Cândido (Ed.), *Dizer a droga ouvir as drogas: estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento adictivo* (pp.132-143). Porto: Radiocario

NETO, O. D. (2006). *Jogos conjugais: proposta de um modelo construtivista social para terapia de casais*. [Online]http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/7791_6.PDF?NrOcoSis=22921&CdLinPrg=pt [24 de Novembro de 2008]

NEVES, J. P. (2006). *O apelo do objecto técnico*. Porto: Campo das Letras.

NEVES, J. P. (2008). *Algumas considerações provisórias acerca das redes sociais na Internet e o conceito de dependência*. [online] <http://www.socialsoftware.blogspot.com> [02/11/2008]

OLIVEIRA, C. C. (n.d.). *A Importância da Interdisciplinaridade na História da Ciência: o Caso da Cibernética e da Escola de Palo Alto* [Online] http://simaocc.home.sapo.pt/e-biblioteca/pdf/ebc_clara-oliveira.pdf [24 de Novembro de 2008]

OLWEUS, D. (1991). *Bully/victim problems among schoolchildren: basic facts and effects of school based intervention program*. In D. Pether e K. Rubin (eds.). *the development and treatment of childhood aggression*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum

PAIS, J. M. (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*, Lisboa: Âmbar

PALMA, N., CASTANHEIRA, B. (2006). *Pormenores sobre fenómeno: casos de bullying em Portugal precisam de maior compreensão* [online]. Disponível: http://jn.sapo.pt/2006/05/22/sociedade_e_vida/casos_bullying_portugal_precisam_mai.html [19 de Fevereiro de 2007]

OLIVEIRA, P. de (1988). *Formas de "Censura Oculta" na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974-1987)*, vol I e II, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE.

PEREIRA, B., ALMEIDA, A., VALENTE, L. (1994). *Bullying – análise preliminar das situações de agressão no ensino básico*. Lisboa (no prelo). Actas do VI Encontro Nacional de Ludotecas

PÉREZ, F.; RUFÍ, J.; GALIANO, R. (2009). *De vloggers a estrelas: Nuevos modelos de comunicador en la Web 2.0* [Online] http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/view/290 [14 de Maio de 2009]

PERNIOLA, M. (2004), *O Sex Appeal do Inorgânico*, Coimbra: Ariadne Editora, Lda.

PINHEIRO, L. (2007). *Bullying: o perfil da vítima*. [online] <http://sites.google.com/site/bullyingemp Portugal/> [19 de Outubro de 2008]

PINHEIRO, L. (2009). *Bullying no trabalho*. In *Corpo & Imagem*, nº3, Abril – Junho 2009 [online] <http://www.fseborro.net/nl1.pdf> [12 de Abril de 2009]

RABOT, J.-M. (2009). *Os videojogos : entre a absorção labiríntica e a sociedade*. In Actas do 6º Congresso SOPCOM e 8º Congresso LUSOCOM (Lisboa, 2009), Vol. Anexos, pp. 432-445 [Online] http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/463/462 [13 de Maio de 2009]

RAMOS, M. J. (2009). *Notícias Magazine*, nº877 (15 de Março)

RAPIZO, R. (n.d.). *O processo mental na obra de Bateson*. [online] http://www.multiversa.com.br/pdf/processo_mental.pdf [24 de Novembro de 2008]

REIS, A. G. da S. (2004). *A complexidade interacional na central de reservas de uma companhia aérea: enquadres, alinhamentos e sequências*

conversacionais em um contexto institucional. [Online]
http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/5503_3.PDF?NrOcoSis=14678&CdLinPrg=pt [24 de Novembro de 2008]

RILEY, M. W.; NELSON, E. E. (1976). *A observação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar editores

ROHLE, T. (2005). *Power, reason, closure: critical perspectives on new media theory*. *New Media & Society*, v. 7 (3): 403-422.

ROSSITER, N. (2006). *Organized networks*. Belgium: Institute of network cultures: NAI Publishers

SAMAIN, E. (2001). *Gregory Bateson: rumo a uma epistemologia da comunicação* [online]
http://www.mirelaberger.com.br/mirela/geisa/GREGORY_BATESON.pdf [24 de Novembro de 2008]

SASS, J. (2007). *Recognize You Have A Problem!* [online]
<http://socialnetworkingrehab.blogspot.com/2007/09/step-1-recognize-you-have-problem.html> [02/11/2008]

SCHWARTZ, D., DODGE, K.A., PETTIT, G.S., BATES, J.E. (1997). *The early socialization of aggressive victims of bullying*. *Child Development*, 68 (4), pp. 665-675

SEIXAS, S. (2005, Abril). *Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressivos e/ou vítimas*. *Análise Psicológica* vol.23 n°2, pp. 97-110 [online]. Disponível: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?lng=pt&nrm=iso> [02 de Abril de 2007]

SHAPIRA, N. , GOLDSMITH, T. , KECK, P. , SZABO, S. , LAZORITZ, M. , GOLD, M. , STEIN, D. (2003). *Problematic Internet use: proposed classification and diagnostic criteria*. *Depression and Anxiety*, 17, pp. 207-216

SHARP, S., SMITH, P. (1994). *Tackling bullying in your school. A practical hand book for teachers*. London: Routledge

SILVER, D.; MASSANARI, A.; JONES, S. (2008). *Critical Cyberculture Studies* [online]
<http://books.google.fr/books?id=AjKW9c1OiMQC&pg=PA223&dq=danah+boyd&sig=DpjZY7tgtStJ77PdqvVsLv9Xz3OU#PPP1,M1> [02 de Agosto de 2008]

SILVERMAN, D. (1989). *Qualitative methodology & sociology*. England: Gower

SIMONDON, G. (1969). *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier.

SIMONDON, G. (1989). *L'individuation psychique et collective*. Breteuil-sur-Iton: Aubier.

SMITH, P., SHARP, S. (1994). *School bullying. Insights and perspectives*. London: Routledge

SODRÉ, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes.

SODRÉ, M. (2007). *Anotações em palestra "Epistemologia da Comunicação"*, proferida em 29/03/2007 como aula inaugural do PPGCOM – ECA-USP.

SORO, E. (2006). *Ensayo de una metodología de estudio de las comunidades virtuales*. [Online] <http://www.bocc.ubi.pt/pag/saez-soro-emilio-ensayo-comunidades-virtuales.pdf> [12 de Março de 2009]

STACEY, M. (1982). *The sociology of health, illness and healing*. In R.C. Burgess (ed.), *Exploring Society* (Londres: British Sociological Association), pp. 49-67

TABLE RONDE (2008). *Adolescents et téléphone mobile :regards croisés des sciences sociales et de la psychanalyse* [online] <http://www.afom.fr/v4/STATIC/documents/extraits%20rapport%20d&p.pdf> [02 de Agosto de 2008]

ÜBERGEEK, D. (2008). *Redes sociais podem levar ao vício dos amigos*. [online] <http://www.geek.com.br/modules/noticias/ver.php?id=39983&sec=6> [02/11/2008]

VALA, J. (1996). *Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social*. In J. Vala & M.B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp.353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

VALA, J. (1986). *Sobre as Representações Sociais: Para uma Epistemologia do Senso Comum*. In *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 4, Abril.

VELHO, O. (2007). *Epistrophê: Do Duplo Vínculo às Antinomias e de Volta*, *Revista de Estudos da Religião*, Setembro 2007, pp. 123-144 [Online] http://www.pucsp.br/rever/rv3_2007/i_velho.pdf [24 de Novembro de 2008]

WIKIPEDIA (2007). *Bullying* [online]. Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/bullying> [2007, Fevereiro 19]

WIKIPEDIA (2008). *Focus group* [online] http://pt.wikipedia.org/wiki/Focus_group [15 de Dezembro de 2008]

YOUNG, K. S., RODGERS, R.C. (1998). *Internet addiction: personality traits associated with its development.* [online] <http://netaddiction.com/articles/personality-correlates.htm> [18 de Dezembro de 2008]

ANEXO

Anexo 1

Recolha de notícias marcantes acerca da temática (violência, escola, bullying, cyberbullying, Internet)

1. Diário de Notícias, quinta-feira 8 de Março de 2008 (p.16)

Guarda. Primeiro caso com armas brancas no distrito

Aluno fere colega com navalha em escola básica do Sabugal

GNR considera caso como "brincadeira" mas apreendeu duas navalhas

AMADEU ARAÚJO, Viseu

Um aluno da Escola Básica do Sabugal foi ferido com uma navalha durante uma briga com um colega. Foi assistido no Centro de Saúde a um golpe profundo. A GNR apreendeu duas navalhas aos alunos e enviou o caso para o Ministério Público.

A agressão aconteceu na manhã de segunda-feira e segundo contou ao DN Ana Maria Aires, mãe de um aluno, "as crianças estavam no recreio quando, por motivos ainda não esclarecidos, um deles encostou uma navalha ao pescoço do outro. A criança quis tirar a navalha com a mão e cortou-se". Foram as auxiliares educativas que "ao aperceberem-se do problema afastaram os rapazes e alertaram o pai do aluno". O jovem, de 14 anos, foi atendido no Centro de Saúde do Sabugal onde foi suturado

com seis pontos numa mão. A GNR foi chamada à escola e "apreendeu, aos alunos envolvidos, duas navalhas porque dadas as suas características (ver caixa) são consideradas armas brancas", afirmou Jorge Costa, comandante da GNR no Sabugal. O graduado adiantou que "aparentemente ter-se-á tratado de um acidente". "Ao que julgamos saber estariam na brincadeira", explicou. Segundo Jorge Costa "este terá sido o primeiro caso na escola" mas um encarre-

gado de educação de outro aluno adiantou ao DN, sob anonimato, que "é frequente os alunos levarem navalhas para a escola e quando têm discussões mostram-nas".

António Moura, pai do aluno ferido, confirmou ao DN não ter apresentado queixa. "Depois de falar com o conselho executivo da escola e com o meu filho, vi que se teria tratado de uma brincadeira e não apresentei queixa". Porém a GNR entende que "se trata de um crime público e, co-

Cada vez há mais armas brancas nas escolas

De acordo com dados do Ministério da Educação, **em 2007 foram apreendidas 140 armas nas escolas.**

Dados confirmados no último relatório do programa "Escola Segura", que refere que 2% das ocorrências registadas

dizem respeito a situação de porte de arma. Destas, "são as armas brancas que têm vindo a circular com maior frequência nas escolas", apontam os dados da Equipa de Missão para a Segurança Escolar, que está a recolher e anali-

sar os dados da violência nas escolas. O Gabinete Coordenador de Segurança regista um número superior ao do ministério, apontando a apreensão de 165 armas brancas nas escolas em 2007 e 63 no ano de 2005.

2. Diário de Notícias, terça-feira 8 de Abril de 2008 (p.3)



3. Diário de Notícias, sábado 12 de Abril de 2008 (p.25)

Educação. "Sempre houve indisciplina e violência na escola", afirma Ana de Português e especialista em mediação escolar. Mas, há 20 anos, o mod
Mudanças sociais, culturais e familiares obrigam as escolas de hoje a pro

O conflito é natural mas a violência tem de ser evitada

Três semanas depois, o caso do telemóvel na Escola Carolina Michäelis, no Porto, continua na ordem do dia, ao mesmo tempo que surgem outras notícias sobre alunos e pais que agridem e insultam professores. E como é que a escola deve reagir a estas situações? Hoje, em Santarém, a Associação Nacional de Professores promove um seminário sobre "Mediação de conflitos em contexto escolar".

A violência dentro da escola tem de facto aumentado nos últimos tempos?



Esta página foi elaborada com base em indicações de Ana Paula Grancho
ESPECIALISTA MEDIAÇÃO ESCOLAR

borar. "Muitos destes conflitos não existiriam se houvesse uma outra atitude perante a escola", afirma. "Deveria haver um reconhecimento da importância do conhecimento. Neste momento, o que é importante, quer para os alunos quer para os pais, é tirar boas notas. E esquecem-se que a escola é um local de trabalho e de socialização. Estudar exige esforço."

O que é a mediação escolar?

A mediação de conflitos procura trazer para o contexto escolar as técnicas usadas, por



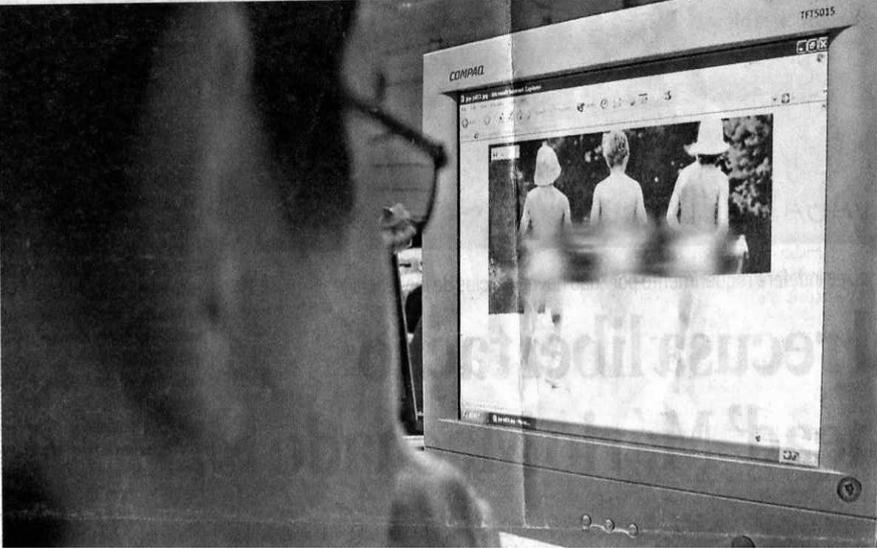
4. Diário de Notícias, quarta-feira 23 de Abril de 2008 (p.11)

Diário de Notícias 11
Quarta-feira, 23 de Abril de 2008

PORTUGAL

Pedofilia. Os casos de desaparecimento de crianças e jovens associados a contactos na Internet "sofreram um incremento preocupante", segundo o relatório encomendado pelo PGR a Maria José Morgado. Em 2007, foram 67 os inquéritos que tiveram por objecto o aliciamento e pornografia infantil

Crimes sexuais através da Net estão a aumentar



CASOS EM QUE DESAPARECERAM

OUTUBRO 2007
Sexo feminino, 16 anos
A jovem terá apanhado o comboio para Lisboa para se encontrar com um indivíduo que conheceu na Internet

AGOSTO 2006
Sexo Feminino, 15 anos
Deixou uma carta a avisar que ia para Olhão ter com um homem que conheceu na Net, com 18 anos

AGOSTO 2006
Sexo feminino, 16 anos
Saiu de casa para se encontrar com a pessoa com quem falava no chat@hotmail.pt e não regressou

JUNHO 2005
Sexo feminino, 14 anos

5. Diário de Notícias, domingo 06 de Abril de 2008 (p.6)

Quando um filme não passa de uma cena muda que até deu 'remix' musical

Uma aluna, uma professora, um telemóvel, um vídeo e uma turma a funcionar como espectadora de uma cena que haveria de ser colocada no You Tube e depois tantas vezes repetida em todas as estações de televisão ao ponto de dar para decorar diálogos ao pormenor, numa confusão entre informação e puro *voyeurismo*, mera curiosidade. Não é pela repetição que a violência se dissemina, declara ao DN Maria Benedita Monteiro.

Mas não é por aí que se resolve o problema. "A repetição leva apenas a alimentar a curiosidade, a alimentar as conversas de rua, a gerar o terror, entre os pais." A história conta-se em poucas palavras. Uma professora tira o telemóvel a uma aluna que se recusa a entregá-lo e há um aluno que filma uma cena de luta que mete gritos e acusações de ambas as partes e em que se ouvem comentários de incitamento, gozo, se

A rixa deu 'merchandising' e lançou ruído

ouvem risos e a câmara filma e há uma luta e só depois chega alguém, alguns alunos, a separar a professora da aluna. Foi isto. Mas terá sido, mesmo isto que aconteceu no dia... Na Escola Secundária Carolina Michaelis, no Porto. Uma rixa que deu origem a "merchandising" (há T-shirts a serem vendidas) e a um *remix* musical a partir de algumas das frases então proferidas. "Isto foi apenas o que vimos", afirma Benedita Monteiro que

compara a cena a um filme mudo, apesar de ter som, sobretudo ruído de fundo. "Falta o enquadramento e estes casos só fazem sentido serem falados quando é possível reflectir sobre a sua génese", acrescenta. "Aconteceu no Carolina Michaelis. Podia ter acontecido num autocarro, num bar, num centro comercial, em qualquer situação onde exista interconectividade entre pessoas" ..

6. Diário de Notícias, domingo 06 de Abril de 2008 (p.7)

Só uma pergunta: e se não fosse numa escola, mas num hospital?

ISABEL LUCAS

Vamos partir de um caso imaginário. Imagine-mos, pois. "Imagine-se que se está a falar de hospitais. Um utente perturbado ataca um médico. Num outro hospital algo de semelhante ocorre, mas um outro utente filma o episódio com o telemóvel. Coloca o filme no YouTube. O médico do primeiro episódio liga a um jornal: "Também me aconteceu!". 'E sabe de mais episódios?' 'Sim, acho que em Vila das Aves, com uma colega minha...'. Várias notícias depois o Governo já discute, ainda sem números, o problema da violência nos hospitais e os comentadores falam desde a

'morte dos valores' até ao "desastre da política da Saúde... Há sempre a notícia, narração de um facto; e 'as Notícias', criação de novas representações."

Poderia ser o início de um romance futurista. Não é. É a realidade em forma de ficção ou uma ficção feita a partir de uma realidade. O autor é o antropólogo Miguel Vale de Almeida e a ficção/realidade saiu-lhe da observação dos dias seguintes ao que se passou na Escola Secundária Carolina Michaelis em Março passado e que continua a ser discutido nos blogues, a encher páginas de jornais, a suscitar declarações polémicas por parte de responsáveis da Justiça e da Educação.

Miguel Vale de Almeida, antropólogo, e Ma-



ria Benedita Monteiro, psicóloga social, levantam algumas questões sobre a chamada violência escolar, terminologia discutível e assunto que, segundo aquela especialista, não tem solução à vista porque não é de fácil solução. Muito menos quando o que se faz é alimentar o pânico e muitos dos preconceitos

las c
epis
to r
cial
pro
mac
dita

Denunciem o *cyberbullying*

Antigamente, os rapazes espreitavam as meninas nos balneários. Agora, aos dez anos, tiram fotografias com os telemóveis e ameaçam colocá-las no Hi 5. Este nem é o caso mais grave de *cyberbullying*, fenómeno que começa a ganhar dimensão em Portugal. Criar perfis falsos em páginas pessoais da Internet, com vista à difamação e humilhação de colegas, é atitude que começa a ser frequente e difícil de combater, devido ao anonimato do agressor.

Tito de Moraes é uma das pessoas que tentam remar contra a maré. Em 2004, criou o *site* www.miudossegurosna.net, onde fala e dá conselhos sobre os diversos riscos associados ao uso das novas tecnologias por parte dos mais novos, incluindo o *cyberbullying*. A *newsletter* do *site* tem já mais de seis mil assinantes, e a iniciativa já se estendeu a acções de formação em escolas. De vez em quando, recebe pedidos de ajuda. "Já recebi quatro ou cinco casos de *cyberbullying*, todos eles relacionados com perfis falsos no Hi 5. Num dos casos, as fotos do perfil verdadeiro tinham sido colocadas fora do contexto, com alusões à sexualidade do jovem. Noutra, a alteração do perfil incluía o número do telemóvel da vítima, que às 4h ou 6h da manhã recebia telefonemas de pessoas que pensavam que o perfil era verdadeiro."

Apresentar queixa à polícia não é frequente, mas é importante, caso contrário vive-se "com um sentimento de impunidade". Só envolvendo a polícia se consegue chegar à fonte da difamação. "Depois de ser contactado, o Hi 5 retira o perfil, mas não faz investigação. Preserva os dados para o caso de haver investigação policial", explica Tito de Moraes.

Na maior parte dos casos, a vítima fica em silêncio. "A maior parte dos miúdos não conta aos pais porque tem receio da reacção 'acabou-se a Internet'. É importante que os pais falem com os filhos. Se eu recebi cinco casos, há-de haver 500 casos de que os pais não têm conhecimento. Este é um dos dramas do *cyberbullying*: as vítimas sofrem em silêncio porque têm receio de contar."

8. Diário de Notícias, sábado 05 de Julho de 2008 (p.38)

Madeira. Faziam 'cocktails' tóxicos com que atacavam as vítimas

Jovens agrediam para fazer vídeos e pôr na Net



Mimetismo evidente com o caso da Carolina Michâelis preocupa autoridades

CAROLINA MICHÂELIS AGITA PAÍSE LANÇA DEBATE

Dois dias antes do final do segundo período um episódio agitou a Escola Secundária Carolina Michâelis, no Porto, e o País. Uma aluna de uma turma do 9.º ano agarrou a professora e, aos gritos, exigiu que ela lhe devolvesse o telemóvel. A cena foi gravada por um telemóvel e as imagens colocadas no YouTube. Patrícia, assim se chamava a aluna, foi transferida de estabelecimento de ensino e o caso transitou para o Tribunal de Família e Menores de Matosinhos. O autor das imagens, maior de 16 anos, vai cumprir 40 horas de serviço à comunidade. O caso relançou o debate sobre a violência na escola e levou o procurador-geral da República a pedir aos cidadãos que denunciassem casos de violência em meio escolar. Patrícia mudou de escola e em vez de reprovar, como as notas do segundo período indicavam, acabou o ano com sucesso.

Grupo atacava com violência crianças e idosos na via pública

LÍLIA BERNARDES

Um grupo de seis jovens de ambos os

sexos, de violência eram captadas por telemóvel e colocadas em sites como o YouTube e noutros locais de acesso livre.

"A PSP foi alertada através das queixas. A investigação iniciou-se de imediato, tendo conseguido recen-

chegando ao ponto de misturarem substâncias químicas e alimentares - lixívia, criolina, maionese e ketchup - obtendo, assim, um produto viscoso com um grau de toxicidade elevado com a única finalidade de ser utilizado "para intimidar as vítimas".

neares. Após referenciar os jovens, a PSP contactou os familiares, pessoas oriundas de classe média e inseridas socialmente. Para o comissário, estas são situações graves e os pais devem ser alertados para acompanharem os

9. COSMOPOLITAN, nº200, Dezembro de 2008 (p.22)**CONFISSÃO PREMIADA**

“Um rapaz da minha turma, por quem estava apaixonada (e ele sabia), enviou-me uma carta no Dia dos Namorados, a gozar comigo. Decidi vingar-me e criei um perfil dele num daqueles sites amorosos para encontrar pessoas. Coloquei uma fotografia que encontrei na internet, de um homem bem entroncado e com óptima aparência física, assumindo a sua bissexualidade e disponibilizando o número de telemóvel da ‘peça’ em questão. Resultado, ele fartou-se de receber chamadas e mensagens com propostas bastante indecentes!” **S.F.**

Anexo 2

Observação

Observação:

15 de Novembro de 2008 a 15 de Março de 2009

Num total de 30 observações, 15 iniciais sem envolvimento e 15 à posteriori com envolvimento, protagonizadas em espaços privilegiados, com controlo da situação e realizadas a um total de 10 pessoas, pude recolher os seguintes dados:

1. Nas quinze observações iniciais sem envolvimento:

Os observandos ligados em rede moviam-se na sua maioria (7 dos 10) em sites de socialnetworking como o Hi5 e MSN. Outros (apenas 3 observandos) navegavam por sites de socialsoftware, como Hi5, Facebook, Travian, Tribalwars e Monthersgame. Todos os observandos faziam visitas esporádicas ao Youtube à excepção de 1 que tinha sempre o Youtube aberto onde ouvia música e via alguns vídeos de conteúdos diversos. O correio electrónico (e-mail) era sempre visualizado e comentado. Os que recebiam mais emails chamavam os outros para os ver, sendo na maioria apresentações em PowerPoint e vídeos humorísticos. No entanto numa das observações pude constatar que andava a circular um jogo em que se podia colocar a imagem de alguém na personagem principal, que depois era pontapeada com uma determinada força e se estatelava no chão em estado lastimoso. Um episódio normal, não fosse o facto das imagens seleccionadas serem de ex-namorados/as e posteriormente enviado o link com essa “animação” para o grupo de amigos e por vezes para os próprios “ex”. E isto verdadeiramente divertia o grupo. Riam-se imenso e posso até dizer que lhes parecia elevar a auto-estima. Tal facto suscitou-me curiosidade e decidi entrar na segunda fase observacional. Iniciei assim a observação à posteriori em que me envolvi no grupo observado.

2. Nas 15 observações à posteriori com envolvimento:

Decidida a entrar no contexto observacional envolvi-me naturalmente com os observandos, começando a entrar nas conversas levantando a questão do tal jogo. Então percebi que eles colocavam as imagens dos “ex” na personagem do jogo pois tal lhes dava satisfação. Era uma espécie de vingança pessoal. O facto de atirarem o “ex” uns metros pelo ar, estatelando-se em seguida no chão, era como se o tivessem feito à própria pessoa. No fundo no jogo podiam fazer aquilo que queriam fazer e não podiam. E ainda comentavam: *“eu só queria ver a cara dele/a se visse isto!”*. Aquilo parecia-me estranho e então decidi entrar também no jogo e experimentar por dentro esta

realidade. Passaram-me o link do jogo pelo MSN e lá experimentei. Coloquei a foto de um político bem nosso conhecido e lá cliquei em “Play”. Bem, lá foi o personagem pelo ar em poses muito pouco recomendáveis, estatelando-se aparatosamente a seguir. Confesso que de facto percebi porque o jogo tem tantos adeptos... Mesmo eu não conhecendo pessoalmente o político, as sensações provenientes desta experiência foram significativas. Ri-me bastante e por incrível que pareça, senti-me melhor. Compreendo agora que este tipo de experiências comecem na inocência de experimentar (mas conscientemente) e se tornem intoxicantes de um momento para o outro. Intoxicantes de tal forma que se convertam em algo cíclico.

Além do jogo, ao envolver-me com o grupo, comecei então a ter acesso a algo mais restrito e que antes não me havia apercebido: o conteúdo de certos e-mails. Alguns e-mails eram reenviados no grupo mas visualizados individualmente. O motivo era conterem conteúdos não destinados a menores de 18 anos. Eram fotografias de homens e mulheres com quem o amigo do amigo se tinham envolvido e separado recentemente (alguns já não tão recentemente) e pegado nas fotografias recolhidas na intimidade do casal e distribuído pelos contactos de forma a vingarem-se. Estas fotografias vinham com comentários de foro sexual.

Neste ponto pouco mais conseguiria se continuasse somente com a observação pelo que parti para a aplicação da seguinte estratégia metodológica: as conversas informais.

Anexo 3: Entrevista focal

Focus group

**22 De Outubro de 2008, 15h00 – 16h00 (duração 1 hora)
Polícia Judiciária de Braga (Maximinos) – Entrevistados: 2**

O cyberbullying é hoje um problema em ascensão (definir o conceito, iniciar o debate).

Como é que é visto pela lei?

Existe legislação específica?

Qual é o procedimento para a denuncia de um caso destes?

As pessoas costumam procurar ajuda?

Quando começaram a surgir casos destes?

Anexo 4: Inquérito exploratório

Matriz do Inquérito Exploratório aplicado online

1. Sexo:

- Feminino Masculino

2. Idade?

3. Onde moras? (ex: Porto, Madeira, Vigo, Paris....)

4. Dos seguintes sites quais os que usas mais?

- Hi5, Netlog, Facebook e semelhantes
 Youtube e semelhantes
 Travian, Ikariam, Popmundo e outros jogos online
 Blogs, Fotoblogs
 Fóruns de discussão
 Chat's (MSN, Blá Blá...)
 Google, Altavista e semelhantes
 Outros.

5. Na Internet, o que é que já te aconteceu?

- Insultaram-me.
 Fizeram-me sentir mal.
 Assustaram-me ou ameaçaram-me.
 Espalharam rumores sobre mim.
 Enviaram fotos íntimas minhas para outras pessoas (sem a minha autorização).
 Fizeram-se passar por mim.
 Mandaram-me comentários ou fotos que me fizeram sentir desconfortável.
 Isto nunca me aconteceu.

6. Sobre essa situação:

- Foi algo que considerei esporádico (uma vez e nunca mais).
- Acontece-me poucas vezes.
- Eu conheço pessoalmente o autor disto e sei porque o fez.
- Isto acontece-me de vez em quando.
- Acontece algumas vezes.
- Está sempre a acontecer.
- Nunca me aconteceu...

7. E tu, o que já fizeste na Internet?

- Insultei alguém.
- Ameacei ou assustei alguém.
- Espalhei rumores ou histórias sobre alguém.
- Enviei fotos pessoais de alguém para uns amigos (sem autorização da pessoa em causa).
- Fiz comentários pejorativos sobre alguém.
- Publiquei filmes no Youtube ou outro site semelhante só para gozar com alguém.
- Fiz um jogo em que a personagem principal era a pessoa de quem me queria vingar ou gozar.
- Nunca fiz nada disto...
- Nunca fiz nada disto, mas talvez faça se tiver motivos para isso.

8. Se encontrasses alguém a ser vítima de cyberbullying, o que farias?

- Tentaria aproximar-me da vítima para a ajudar.
- Deixaria de frequentar aquele site antes que também fosse vítima.
- Tentaria fazer com que o agressor parasse de fazer aquilo.
- Começaria eu também a "gozar" com a vítima.
- Começaria a acompanhar o desenrolar da situação, mas sem me manifestar.
- Denunciaria o caso.
- Não faria nada. Ignorava.

9. Porque achas que as pessoas praticam cyberbullying?

- Porque o praticam anonimamente.
- Porque acham que não poderão ser detectados.
- Porque é uma forma fácil de se vingarem de alguém.
- Porque é uma maneira de continuarem o bullying que praticam na escola.
- Para experimentar e ver qual a sensação.
- Praticam cyberbullying sem saber...

Anexo 5: Entrevista

Entrevista individual “Cyberbullying e utilização das novas tecnologias”

Olá, sou a Luzia Pinheiro, mestranda em Sociologia e estou a fazer uma investigação sobre o cyberbullying e utilização das novas tecnologias em Portugal, pelo que agradecia se me ajudasses, falando-me das tuas experiências e do teu conhecimento geral sobre o tema.

(Sobre a tua experiência, o que fizeste, viste fazer ou ouviste falar)

Lembras-te de algum episódio relacionado com o uso da fotocopiadora e telefone fixo para praticar bullying (gozar/amedrontar colegas)?

Do tipo: fotocopiar cartas com declarações de amor ou histórias da “vítima” para distribuir por todos, ou fazer chamadas anónimas?

Sobre a tua experiência com os telemóveis e computadores, eles sempre te foram familiares ou surgiram posteriormente na tua vida e tiveste de te adaptar a eles?

Sobre a Internet, lembras-te de quando a começas-te a usar? Se era algo acessível ou não? Fala-me um pouco sobre o uso que tu ou os teus colegas fazem da Internet. Tipo de utilização, que gostas mais de fazer lá, se é um vício...

Entrando no tema cyberbullying, que é o uso das tecnologias (telemóvel, Internet, câmaras de fotografar e de vídeo) para gozar com alguém, vingar-se, difamar, amedrontar ou simplesmente meter-se com alguém, o que sabes sobre isto?

Conheces casos? É algo usual, facilmente praticado, comum até?

Fala-me um pouco sobre os casos que conheces, tiveste acesso ou ouviste falar sobre isto (tendo em conta que casos de fim de namoro e distribuição de fotos por e-mail também são considerados cyberbullying).

Por favor, mesmo que penses que pode não ser cyberbullying, descreve-me a experiência.

O que achas que este tipo de atitudes (cyberbullying) pode causar na “vítima”? Achas divertido ou não?

Sobre a tua experiência com o cyberbullying: alguma vez fizeste cyberbullying, por brincadeira ou de propósito? Falasse-me um pouco sobre isso. Sobre como fizeste, a que meios recorreste, se soubeste da reação da “vítima”, se te deu gozo fazê-lo, se tiveste motivos ou só o fizeste por gozo e se voltarias a fazê-lo.

Anexo 6: Inquérito por quotas (de sexo)

Cyberbullying em Portugal

Olá! O meu nome é Luzia Pinheiro e sou mestranda em Sociologia na Universidade do Minho. Estou a fazer uma investigação sobre o cyberbullying e utilização das novas tecnologias em Portugal. Agradecia que me ajudasses preenchendo o seguinte inquérito. Demora, no máximo, 5 minutos. O anonimato das respostas será respeitado segundo o código deontológico da Associação Portuguesa de Sociologia. Desde já, o meu muito obrigada pela tua colaboração!

1- Não concordo totalmente

2- Não concordo

3- Concordo

4- Concordo totalmente

Situações	1	2	3	4
Distribuir repetidamente fotos íntimas por e-mail e/ou vídeos de sexo no Youtube são exemplos de cyberbullying.				
O cyberbullying é um problema grave.				
Criar um perfil falso no Hi5 a gozar com alguém não é cyberbullying.				
Eu acho que a prática de cyberbullying é feita por curiosidade, sem intenções negativas.				
O cyberbullying entre amigos é uma animação!				
Apenas os casos como os que deram na TV (caso "Carolina Michaelis") devem ser considerados cyberbullying.				
É simples lidar com um caso de cyberbullying: basta eu bloquear e apagar o contacto do MSN ou Hi5 e fim do problema.				
O cyberbullying é uma forma recreativa de estar na Internet.				
Se não tiver como objectivo humilhar alguém não é cyberbullying.				
Não é grave um jovem fazer cyberbullying porque nós também gozamos com as pessoas cara-a-cara.				
Se vejo os meus amigos a fazer cyberbullying, eu não acho que os devo censurar. Não é da minha conta.				
Pelo autor de cyberbullying estar protegido pelo anonimato, esta prática pode tornar-se algo frequente.				
A maioria dos jovens faz cyberbullying sem intenção.				
O cyberbullying deve ser combativo de forma exemplar.				
O cyberbullying é praticado como forma de bullying escolar.				

>> Por favor, agradecia que preenche-se apenas para fins estatísticos:

Sexo: masculino feminino | **Idade:** ____ anos

| **Curso:** _____ Universidade do Minho.

Aproximadamente há quanto tempo usas a Internet? _____ Anos

Dos seguintes, quais os que costumas utilizar: Socialnetwork Socialsoftware

Costumas ir à Internet: diariamente semanalmente ocasionalmente

Quanto tempo passas na Internet?

____ Horas por dia por semana por ida à Internet

Anexo 7: Distribuição dos inquiridos por sexo

1. Sexo Masculino

Sexo	Idade	Horas na Internet por semana	Nível de Informação	Nível de Atitudes	Nível de Crenças	Tipo de utilização da Internet
Masculino	21	1-3h	13	13	16	Socialnetwork
Masculino	21	1-3h	14	16	15	Socialnetwork
Masculino	21	7-9h	11	16	15	Socialnetwork
Masculino	20	7-9h	14	10	17	Socialnetwork
Masculino	24	13-15h	14	13	14	Socialsoftware
Masculino	25	13-15h	10	13	16	Socialsoftware
Masculino	22	19-21h	11	16	14	Socialsoftware
Masculino	19	19-21h	15	14	13	Socialnetwork
Masculino	25	19-21h	16	13	17	Socialsoftware
Masculino	22	19-21h	15	13	14	Socialsoftware
Masculino	22	19-21h	12	12	17	Socialsoftware
Masculino	23	19-21h	13	14	16	Socialsoftware
Masculino	22	19-21h	14	12	18	Socialsoftware
Masculino	25	19-21h	14	13	14	Socialsoftware
Masculino	19	19-21h	16	11	13	Socialnetwork
Masculino	19	19-21h	12	13	14	Socialsoftware
Masculino	22	28-30h	13	14	15	Socialsoftware
Masculino	20	28-30h	14	13	15	Socialsoftware
Masculino	21	34-36h	11	13	13	Socialsoftware
Masculino	23	34-36h	13	13	14	Socialsoftware
Masculino	21	34-36h	12	12	16	Socialsoftware
Masculino	21	34-36h	12	15	13	Socialsoftware
Masculino	22	mais de 42h	12	14	13	Socialsoftware
Masculino	22	mais de 42h	13	13	15	Socialsoftware
Masculino	22	mais de 42h	13	13	17	Socialsoftware
Médias	21,8	mais de 19h	13,1	13,3	15,0	Socialsoftware

2. Sexo Feminino

Sexo	Idade	Horas na Internet por semana	Nível de Informação	Nível de Atitudes	Nível de Crenças	Tipo de utilização da Internet
Feminino	21	1-3h	14	13	15	Socialnetwork
Feminino	20	1-3h	11	13	15	Socialnetwork
Feminino	20	4-6h	12	13	13	Socialnetwork
Feminino	21	7-9h	12	13	13	Socialnetwork
Feminino	19	7-9h	10	14	15	Socialnetwork
Feminino	19	7-9h	14	11	18	Socialnetwork
Feminino	21	7-9h	14	13	15	Socialnetwork
Feminino	18	7-9h	13	14	16	Socialnetwork
Feminino	19	7-9h	13	14	14	Socialnetwork
Feminino	19	10-12h	14	18	15	Socialsoftware
Feminino	25	10-12h	12	13	15	Socialnetwork
Feminino	23	13-15h	16	14	17	Socialnetwork
Feminino	22	13-15h	13	14	14	Socialnetwork
Feminino	19	13-15h	12	10	15	Socialnetwork
Feminino	19	13-15h	10	13	15	Socialnetwork
Feminino	20	13-15h	13	11	18	Socialnetwork
Feminino	20	13-15h	13	12	16	Socialsoftware
Feminino	23	13-15h	12	12	16	Socialsoftware
Feminino	20	16-18h	14	11	17	Socialsoftware
Feminino	24	19-21h	14	12	17	Socialsoftware
Feminino	20	19-21h	13	11	17	Socialnetwork
Feminino	20	16-18h	15	16	16	Socialsoftware
Feminino	21	19-21h	14	13	14	Socialsoftware
Feminino	20	28-30h	16	13	13	Socialnetwork
Feminino	21	Mais de 42h	14	14	18	Socialsoftware
Médias	20,6	Menos de 18h	13,1	13	15,5	Socialnetwork

Anexo 8: Distribuição dos inquiridos por tempo de utilização da Internet

Nº do Inquirido	Sexo	Idade	Horas por semana na Internet	Nível de Informação	Nível de Atitudes	Nível de Crenças	Tipo de uso da Internet
Menos de 12h por semana (menos de 2h por dia)							
3	Feminino	20	4-6h	12	13	13	Socialnetwork
5	Feminino	21	7-9h	12	13	13	Socialnetwork
6	Feminino	19	7-9h	10	14	15	Socialnetwork
8	Feminino	19	7-9h	14	11	18	Socialnetwork
11	Feminino	19	10-12h	14	18	15	Socialsoftware
12	Feminino	21	7-9h	14	13	15	Socialnetwork
13	Feminino	18	7-9h	13	14	16	Socialnetwork
14	Feminino	21	1-3h	14	13	15	Socialnetwork
15	Feminino	25	10-12h	12	13	15	Socialnetwork
16	Feminino	19	7-9h	13	14	14	Socialnetwork
17	Feminino	20	1-3h	11	13	15	Socialnetwork
30	Masculino	21	1-3h	13	13	16	Socialnetwork
33	Masculino	21	7-9h	11	16	15	Socialnetwork
37	Masculino	20	7-9h	14	10	17	Socialnetwork
43	Masculino	21	1-3h	14	16	15	Socialnetwork
Médias	Feminino	20,3	7-9h	12,7	13,6	15,1	Socialnetwork
13-15h por semana (cerca de 2h por dia)							
1	Feminino	23	13-15h	16	14	17	Socialnetwork
2	Feminino	22	13-15h	13	14	14	Socialnetwork
9	Feminino	19	13-15h	12	10	15	Socialnetwork
10	Feminino	19	13-15h	10	13	15	Socialnetwork
18	Feminino	20	13-15h	13	11	18	Socialnetwork
22	Feminino	20	13-15h	13	12	16	Socialsoftware
24	Feminino	23	13-15h	12	12	16	Socialsoftware
27	Masculino	24	13-15h	14	13	14	Socialsoftware
42	Masculino	25	13-15h	10	13	16	Socialsoftware
Médias	Feminino	21,7	13-15h	12,6	12,4	15,7	Socialnetwork
Entre 16 a 21h por semana (entre 2 a 3h por dia)							
7	Feminino	24	19-21h	14	12	17	Socialsoftware
20	Feminino	20	16-18h	14	11	17	Socialsoftware
21	Feminino	20	19-21h	13	11	17	Socialnetwork
23	Feminino	20	16-18h	15	16	16	Socialsoftware
25	Feminino	21	19-21h	14	13	14	Socialsoftware
26	Masculino	22	19-21h	11	16	14	Socialsoftware
29	Masculino	19	19-21h	15	14	13	Socialnetwork
32	Masculino	25	19-21h	16	13	17	Socialsoftware
35	Masculino	22	19-21h	15	13	14	Socialsoftware
36	Masculino	22	19-21h	12	12	17	Socialsoftware
39	Masculino	23	19-21h	13	14	16	Socialsoftware

XXII

40	Masculino	22	19-21h	14	12	18	Socialsoftware
45	Masculino	25	19-21h	14	13	14	Socialsoftware
47	Masculino	19	19-21h	16	11	13	Socialnetwork
49	Masculino	19	19-21h	12	13	14	Socialsoftware
Médias	Masculino	21,5	19-21h	13,9	12,9	15,4	Socialsoftware
Entre 28 e 36h por semana (entre 4 a 5h por dia)							
4	Feminino	20	28-30h	16	13	13	Socialnetwork
31	Masculino	21	34-36h	11	13	13	Socialsoftware
38	Masculino	23	34-36h	13	13	14	Socialsoftware
41	Masculino	22	28-30h	13	14	15	Socialsoftware
44	Masculino	21	34-36h	12	12	16	Socialsoftware
48	Masculino	20	28-30h	14	13	15	Socialsoftware
50	Masculino	21	34-36h	12	15	13	Socialsoftware
Médias	Masculino	21,3	34-36h	12,5	13,3	14,3	Socialsoftware
Mais de 42h por semana (mais de 6h por dia)							
19	Feminino	21	Mais de 42h	14	14	18	Socialsoftware
28	Masculino	22	Mais de 42h	12	14	13	Socialsoftware
34	Masculino	22	Mais de 42h	13	13	15	Socialsoftware
46	Masculino	22	Mais de 42h	13	13	17	Socialsoftware
Médias	Masculino	21,8	Mais de 42h	13	13,5	15,8	Sociasoftware